

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL  
NÍVEL MESTRADO

LEONARDO DORNELES GONÇALVES

**EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E ASSOCIATIVISMO POPULAR: UM ESTUDO A  
PARTIR DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL CRÍTICA**

RIO GRANDE

2013

LEONARDO DORNELES GONÇALVES

**EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E ASSOCIATIVISMO POPULAR: UM ESTUDO A  
PARTIR DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL CRÍTICA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação Ambiental. Linha: Fundamentos da Educação Ambiental – FEA.

Orientador: Prof. Dr. Vilmar Alves Pereira.

Co-orientador: Prof. Dr. Carlos Roberto da Silva Machado

RIO GRANDE

2013

LEONARDO DORNELES GONÇALVES

**EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E ASSOCIATIVISMO POPULAR: UM ESTUDO A  
PARTIR DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL CRÍTICA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação Ambiental. Linha: Fundamentos da Educação Ambiental – FEA.

---

Prof. Dr. Vilmar Alves Pereira  
Orientador

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Conceição Paludo  
(UFPEL)

---

Prof. Dr. Francisco Quintanilha Vêras Neto  
(PPGEA - FURG)

## AGRADECIMENTOS

À minha querida mãe, que virou estrela há algum tempo e mesmo assim permanece sendo a referência para os caminhos que escolho. Ao mano, Maurício, que, junto dela, me ensinou o verdadeiro sentido da família. Obrigado para sempre!

A Larinha, minha menina! Que suportou minhas ausências, angústias, e, ainda assim, é a força que me faz viver a cada dia. Por ti, a vida!

A Vanessa, mulher, amiga, companheira, que partilha comigo as incertezas de quem se jogou na vida em busca do sonho. Obrigado pela paciência e amor, sem os quais não teria condições de finalizar essa etapa. A mãe que adotei, Ilda, obrigado por me possibilitar a segurança de ser pai e pesquisador ao mesmo tempo.

Aos “Dorneles”, família materna, de quem dependo para ser feliz, pela força e apoio incondicional em todos os momentos. Tios e tias, primos e primas, meus amores. Muito Obrigado. Aos “Gonçalves” pelo reencontro com minhas raízes negras. Um reencontro comigo mesmo.

Ao Vilmar, orientador que abriu as portas do mundo da pós-graduação. Obrigado por aceitar conviver com as diferenças. Ao Carlos, co-orientador, pelas intermináveis reflexões sobre este trabalho, sem as quais nada disso aconteceria. Aos mestres, obrigado.

A professora Conceição Paludo pela presença na banca e suas singulares contribuições ao trabalho, de quem, agora, estarei mais próximo. Ao professor Quintanilha pelo aceite de pronto, mesmo não estando presente na qualificação.

A Igreja das Comunidades, aos movimentos sociais que gestam a transformação, a Pastoral da Juventude, escolas de luta por um mundo justo e liberto. Obrigado por lembrarem sempre que Jesus Cristo não é apenas ostentação, mas projeto de uma nova sociedade.

A Profa. Dra. Vanise Gomes, por acreditar que o mestrado estava próximo de mim quando nem mesmo eu acreditava. Aos amigos do PPGEA, pelos constantes e intensos debates, tão caros a nós que queremos mudar o mundo. Esse trabalho tem muito de vocês.

Aos tantos amigos que perpassam minha existência e que levo um pouco de cada um. Aos mais chegados, os mais distantes, a eles e elas, todos e todas, obrigado por me ajudarem a encerrar este ciclo.

Aos servidores e bolsistas da FURG, sobretudo aqueles que trabalham ou trabalharam no PPGEA pela atenção e disponibilidade em todos os momentos.

A sociedade brasileira que, por meio da CAPES, garantiu o financiamento da pesquisa, proporcionando tranquilidade para bem realizá-la.

Aos técnicos, bolsistas, consultores do NUDESE-FURG por colocarem o núcleo a disposição do meu trabalho. Aos pescadores artesanais da APESMI, as recicladoras da Associação Vitória, que teimam e ousam o sonho coletivo, muito obrigado.

A Deus, aquele que não conseguimos explicar, mas sentimos na esperança.

Portanto, a dignidade da vida humana radica-se na sua criatividade. O ser humano cria sua própria significação; confere ao mundo uma direção; molda a seu modo o ambiente circundante natural e social. A criatividade é um outro nome para a liberdade. A liberdade é a capacidade de construção de si, de seu universo de significações em contínuo diálogo-interação com o meio ambiente e com os outros. Então, qual é a violência maior que se pode fazer à pessoa humana? Prescindindo a de tirar-lhe a vida, consiste em negar-lhe a liberdade e em impedir-lhe a criatividade. É condená-la à repetição e à adesão ao projeto do outro. Por isso, a criatividade-liberdade é sagrada, inviolável e um valor supremo.

[Leonardo Boff - A voz do Arco Íris]

## RESUMO

Partimos do pressuposto que a universidade pública é um bem do povo e deve servir aos interesses da sociedade, sobretudo aos interesses daqueles cuja vida é ameaçada mediante as condições desiguais sob as quais a sociedade capitalista se funda. Entendemos que a extensão universitária é uma atividade da universidade e deve, como ensino e pesquisa, ser reconhecida como produtora de conhecimentos e não por trabalhos assistenciais, como se caracteriza, na realidade concreta, a extensão universitária analisada nesta dissertação. Com base nisso, o trabalho que se segue discorre sobre a relação de dependência das associações populares, ligadas ao movimento da economia popular solidária à extensão da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, especificamente aquela realizada pelo Núcleo de Desenvolvimento Social e Econômico – NUDESE-FURG, da região de Rio Grande-RS. O objetivo do trabalho foi conhecer a relação entre o núcleo e as associações, problematizando-a com base em alguns princípios da Educação Ambiental Crítica (diálogo, totalidade, relação teoria/prática e participação social). O referencial que sustenta o trabalho articula autores da sociologia do trabalho, economia da educação, ecologia política, geografia crítica, todos, de alguma forma, ligados ao materialismo histórico como perspectiva de análise. O trabalho se caracteriza como um estudo de caso, onde os principais recursos perpassaram pela análise de documentos e, fundamentalmente, as entrevistas gravadas e transcritas na íntegra, pelas quais nosso estudo se baseia. A análise do material foi feita a partir dos pressupostos da análise crítica do discurso, a qual busca entrelaçar os pronunciamentos dos sujeitos com a totalidade social na qual o discurso está inscrito, possibilitando o alcance do significado concreto. O estudo demonstra que a extensão universitária desenvolvida pelo NUDESE-FURG tem características assistencialistas, cuja consequência prática é a realização de atividades para os trabalhadores associados (principalmente elaboração e gestão de projetos), impedindo que as associações desenvolvam suas ações sem depender do núcleo. Além disso, ao assumir recursos financeiros oriundos de projetos (via editais), as associações apenas transferem para o Estado a condição de dependência do intermediário, o que não extingue o problema, mas reafirma-o. Por isso, entendemos que a Educação Ambiental Crítica oferece, por meio dos princípios que utilizamos, um instrumento crítico importante ao estudo de processos e políticas que buscam a emancipação dos sujeitos. Isso porque, também, ao reconhecer a crise socioambiental que vivemos, fruto do modo de produção capitalista, dos conflitos existentes na sociedade (portanto dos diferentes interesses, concepções e valores em disputa), pela apropriação da riqueza produzida, podem-se possibilitar conhecimentos úteis dos trabalhadores das associações. Para que isso aconteça, defendemos o encontro da extensão universitária do NUDESE-FURG com a Educação Ambiental Crítica, caso a emancipação, de fato, esteja no horizonte das práticas deste núcleo, já que pelo estudo, nesta pesquisa, predomina dependência de tais grupos do NUDESE-FURG.

**Palavras-chave:** Extensão universitária. NUDESE-FURG. Associativismo popular. Educação Ambiental Crítica.

## ABSTRACT

We assume that the public university is a people's good and, so, it must serve the interests of the society, especially the interests of those whose life is threatened by the unequal conditions under which the capitalist society is grounded. We understand that the university is an extension activity of the university and must be recognized as a producer of knowledge and not for charity work, how is being characterized, in reality, the university extension analyzed in this thesis. Based on this, the work that follows discusses the relations of dependence of the popular associations, linked to the popular solidarity economy movement and to the extension courses of the Universidade Federal de Rio Grande (FURG), specifically the one performed by the Nucleo de Desenvolvimento Social e Economico (NUDESE-FURG) (or Center for Social and Economic Development), responsible for the region of Rio Grande city (Rio Grande do Sul state). The objective of this study is to know the relationship between the said Center and the associations, problematizing this relationship based on some principles of the Critical Environmental Education (dialog, totality, the relation practice/theory and the social participation). The theoretical framework that underpins this paper takes into consideration authors related to the Labor Sociology, Economics, Education, Political Ecology, Critical Geography, all of which have the historical materialism as their analytical perspective. This work is characterized as a case study, where the main resources include the analysis of documents and, mainly, taped and transcribed verbatim interviews, by which our study is based. The analysis of the material was made from the assumptions of critical discourse analysis, which seeks to intertwine the pronouncements of the subjects with the social totality in which the discourse is inscribed, enabling the achievement of a concrete meaning. This thesis demonstrates that the university extension courses, developed by the NUDESE-FURG, have some charity work features, whose practical consequence is the realization of activities for the associated workers (mainly regarding the design and project management), which prevent the associations in developing their actions (doings) without relying on the Center. Furthermore, by taking funds derived from social projects, these associations are only transferring to the State the condition of dependence of the intermediary, which does not extinguish the problem itself; on the contrary, it reaffirms it. That is why we believe that the Critical Environmental Education offers, using the principles we adopt, a critical and important tool to the study of processes and policies that seek the emancipation of the subjects. This is so because, when recognizing the social environmental crisis which we face today by appropriation of the wealth produced – due to the capitalist mode of production, to the existing conflicts in the society (therefore including the different interests involved, the concepts and values in dispute) –, one can enable useful knowledge from the workers' associations. For that to happen, we argue in favor of a meeting involving the university Center for extension courses (NUDESE-FURG) and the Critical Environmental Education, in case the emancipation is, in fact, in the sight of the practices of this Center itself, since the study in this thesis have the predominance of such groups in the NUDESE-FURG.

**Keywords:** University extension. NUDESE-FURG. Popular associations. Critical Environmental Education.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>CAPÍTULO 1 - ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA PESQUISA</b> .....	16
1.1. A Constituição do Pesquisador pela Pesquisa.....	16
1.2. Delimitação do Fenômeno .....	18
1.3. Problema e Questão de Pesquisa .....	20
1.4. Hipóteses.....	22
1.5. Objetivos.....	23
1.6. Sobre o Método.....	23
1.7. Alguns conceitos importantes .....	26
1.7.1. <i>Autonomia ou Emancipação Humana?</i> .....	26
1.7.2. <i>Associativismo Popular ou Trabalho Associado?</i> .....	29
<b>CAPÍTULO 2 - A CRISE DO CAPITALISMO, MEIO AMBIENTE E EDUCAÇÃO AMBIENTAL CRÍTICA</b> .....	31
2.1. Contornos da Crise Global do Capitalismo .....	33
2.2. O problema ambiental no contexto da crise.....	40
2.3. Universidade, políticas públicas da educação e projeto de sociedade .....	45
2.4. Educação Ambiental Crítica: um contraponto necessário .....	51
<b>CAPÍTULO 3 - EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA DA FURG E ASSOCIATIVISMO POPULAR NA REGIÃO DE RIO GRANDE-RS</b> .....	58
3.1. A Extensão Universitária na FURG no período ditatorial.....	58
3.2. A extensão na FURG no pós-ditadura e as origens do NUDESE-FURG.....	66
3.3. O NUDESE-FURG: Extensão Universitária e Associativismo Popular .....	
3.3.1. <i>As primeiras experiências</i> .....	70
3.3.2. <i>Cootracom</i> .....	75
3.3.3. <i>Projeto “Apoio e Assessoria a Grupos de Economia Popular Solidária”</i> .....	76
3.3.4. <i>Projeto “Extensão Empresarial” e a criação do NUDESE-FURG</i> .....	78
3.3.5. <i>Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares – INTECOOP</i> .....	80
3.3.6. <i>Projetos Desenvolvidos, Áreas e Associações Atendidas</i> .....	82
3.4. Da Política Universitária ao Trabalho do NUDESE-FURG .....	84
<b>CAPÍTULO 4 - EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA DA FURG E PESCADORES ARTESANAIS: O CASO DA APESMI</b> .....	88
4.1. Breve Histórico da Extensão Universitária com Pescadores Artesanais.....	88
4.2. A relação a partir dos Extensionistas .....	97
4.3. A relação a partir dos Pescadores Artesanais .....	111
<b>CAPÍTULO 5 - EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E RECICLAGEM: O CASO DA ASSOCIAÇÃO VITÓRIA</b> .....	120
5.1. Breve Histórico da Relação.....	120
5.2. A Relação a partir dos Extensionistas .....	126
5.3. A Relação a partir das Recicladoras.....	132
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	
Retomando as Hipóteses .....	142
A crítica da Educação Ambiental Crítica e sua relação com a pesquisa .....	147
<b>REFERENCIAS</b> .....	152
<b>ANEXOS</b> .....	156

## INTRODUÇÃO

A “Extensão Universitária e o Associativismo Popular: um estudo a partir da Educação Ambiental Crítica” é o título produzido para nomear a pesquisa que realizamos sobre a relação da extensão da Universidade Federal do Rio Grande junto às associações populares, especificamente pela assessoria praticada pelo Núcleo de Desenvolvimento Social e Econômico – NUDESE-FURG. A investigação que procurou compreender a história da relação e problematizá-la a partir de determinados princípios da Educação Ambiental Crítica, apresentou como principal problema a dependência das associações ao trabalho de extensão, constatado anteriormente, devido às experiências do pesquisador e autor da dissertação como bolsista do núcleo em questão.

Para o desenvolvimento da pesquisa, tomamos como premissa epistemológica as palavras de Freire (1990):

Na perspectiva libertadora em que me situo, pelo contrário, a pesquisa, como ato de conhecimento, tem como sujeitos cognoscentes, de um lado, os pesquisadores profissionais; de outro, os grupos populares e, como objeto a ser desvelado, a realidade concreta (p. 35)

Por isso, temos clareza que, ao analisar determinada relação entre o NUDESE-FURG com pescadores artesanais e recicladoras (adiante detalharemos o processo de escolha das associações), o que estamos buscando é conhecer e compreender quais as contradições da realidade concreta que se inserem, perpassam e condicionam a assessoria da universidade às associações populares. A busca por culpados, inocentes, erros e acertos não é o foco desse trabalho, mas o entendimento da realidade que condiciona a relação, por assim dizer.

O trabalho se caracteriza enquanto Estudo de Caso. Dessa forma, buscamos desenvolver os procedimentos, considerando as especificações de Triviños (2009) e Menga & André (1989). Segundo Triviños, o estudo de caso configura-se enquanto a *pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa aprofundadamente* (TRIVIÑOS, 2009, p. 133). Pode ser, também, como propõe Ludke e André (1986):

O interessante, portanto, incide naquilo que ele tem de único, de particular, mesmo que posteriormente venham a ficar evidentes certas semelhanças com outros casos ou situações. Quando queremos estudar algo singular,

que tenha um valor em si mesmo devemos escolher o estudo de caso (p. 17).

A opção pelo Estudo de Caso se deu em virtude da constatação que existem diversas experiências desse tipo de trabalho com as associações e cooperativas populares espalhadas pelo país, mas, a unidade a ser analisada foi, efetivamente, a experiência do NUDESE-FURG, em Rio Grande - RS. Entre as categorizações feitas por Triviños (2009) sobre o Estudo de Caso, está aquela que o autor denomina como *histórico-organizações*. Ele explica que, neste caso,

O interesse do autor recai sobre a vida de uma instituição. A *unidade* pode ser uma escola, uma universidade, um clube, etc. O pesquisador deve partir do conhecimento que existe sobre a organização que deseja examinar. Que material pode ser manejado, que está disponível, ainda que represente dificuldades para seu estudo. Isto significa que existem arquivos que registraram documentos referentes à vida da instituição, publicações, estudos pessoais com os quais é possível realizar entrevistas, etc. (p.134).

Segundo o autor, o estudo de caso histórico – organizacionais tem como unidade a vida de uma instituição. Dessa forma, compreende-se que nosso trabalho aproxima-se da definição acima, uma vez que analisamos o caso de um núcleo de extensão da FURG e sua forma de atuação junto às associações populares. A definição tem forte semelhança com nosso trabalho, principalmente porque, durante o processo de pesquisa houve acesso a poucos materiais, documentos (sobretudo aqueles que foram utilizados para fazer o mapeamento inicial e o sitio eletrônico do núcleo). Segundo os membros do NUDESE-FURG, muitos materiais foram extraviados.

Ludke e André (1986), ao caracterizarem o estudo de caso, nos dizem que:

Um princípio básico desse tipo de estudo é que, para uma apreensão mais completa do objeto, é preciso levar em conta o contexto em que ele se situa. Assim, para compreender melhor a manifestação geral de um problema, as ações, as percepções, os comportamentos e as interações das pessoas, devem ser relacionadas a situação específica onde ocorrem ou à problemática determinada a que estão ligadas (p. 18).

Neste sentido, iniciamos a pesquisa elaborando um mapeamento (anexo 01) dos grupos / associações / cooperativas que são acompanhadas pelo NUDESE-FURG. O mapeamento, continha informações básicas das associações, tais como: atividade econômica, data de fundação, número de integrantes, localização, data do início da relação com o NUDESE-FURG, contatos, entre outras informações. O mapeamento nos ajudou a entender a dimensão da assessoria que o núcleo da

FURG realiza, além de quantificar o tamanho do atendimento e conhecer que grupos são e onde estão situados.

A partir desse momento, iniciamos o processo de escolha das associações com as quais realizaríamos as entrevistas. Com base nas palavras de Ludke e André (1986), iniciamos o momento exploratório do estudo:

É o momento de especificar as questões ou pontos críticos, de estabelecer os contatos iniciais para entrada em campo, de localizar os informantes e as fontes de dados necessárias para o estudo. Essa visão de abertura para a realidade tentando captá-la como ela é realmente, e não como se quereria que fosse, deve existir não só nessa fase, mas no decorrer de todo o trabalho, já que a finalidade do estudo de caso é retratar uma unidade em ação (p. 22).

Para que pudéssemos realizar a pesquisa foi necessário escolher dois dentre os diversos grupos acompanhados pelo núcleo. Então, após o mapeamento feito, constatou-se a existência de vinte e três grupos assessorados pelo NUDESE-FURG. Pelos limites impostos a uma pesquisa de mestrado, foi importante a criação de critérios de escolha de alguns grupos para aprofundamento da investigação, considerando o problema, questões e objetivos da pesquisa. Assim: optamos por trabalhar com os grupos com mais tempo de existência; grupos que há mais tempo são assessorados pelo NUDESE-FURG; aqueles cuja atividade produtiva traduzem uma relação mais direta na natureza, uma vez que nossa pesquisa está situada em um programa de pós-graduação em educação ambiental; grupos de diferentes atividades produtivas; e, por fim, grupos que atualmente são acompanhados pelo núcleo. Considerando estes critérios, duas associações foram escolhidas, sendo uma vinculada ao setor da pesca artesanal e outra no âmbito da reciclagem de resíduos sólidos.

Uma vez escolhidos as associações<sup>1</sup>, o passo seguinte foi a realização das entrevistas (anexo 02) com os membros do NUDESE-FURG (quatro membros ligados a história do núcleo e ao acompanhamento direto das associações escolhidas) e com os trabalhadores (quatro principais lideranças, sendo três recicladoras e um pescador). As entrevistas foram elaboradas a partir do que Minayo (2010) chama de semi-estruturada, onde algumas perguntas orientam a conversa

---

<sup>1</sup> Vale informar que, a partir do mapeamento, não houveram cooperativas que atendessem aos critérios, somente associações.

com os atores. Sobre as entrevistas, o sentido fundamental foi orientado por Haguette (2010), quando diz que:

A entrevista pode ser definida como um processo de interação social entre duas pessoas na qual, uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado. As informações são obtidas através de um roteiro de entrevistas constando de uma lista de pontos ou tópicos previamente estabelecidos de acordo com uma problemática central e que deve ser seguida (p. 81).

As entrevistas foram totalmente transcritas, o que produziu um texto onde está contida a pronúncia dos sujeitos acerca do trabalho desenvolvido pelo NUDESE-FURG. A análise deste material foi realizada tomando por base o que pode ser definido por análise crítica do discurso, a qual relaciona a linguagem ao contexto social, sendo ela produto da realidade. Para Orlandi (2010), a análise do discurso precisa considerar:

Os processos e as condições de linguagem, pela análise da relação estabelecida pela língua com os sujeitos que a falam e as situações em que se produz o dizer. Desse modo para encontrar as regularidades da linguagem em sua produção, o analista de discurso relaciona linguagem e sua exterioridade (p. 15).

Compreende-se que as regularidades citadas pela autora estão em acordo com as relações estabelecidas entre aquilo que se diz e o contexto no qual se forma o ponto de vista daqueles que o expressam. Neste sentido, linguagem e realidade compõem um mesmo quadro no qual é necessária a análise dialética para compreender os significados do discurso produzido. Em outras palavras, na perspectiva crítica discursiva, a linguagem é linguagem porque faz sentido. E a linguagem faz sentido porque se inscreve na história (ORLANDI, 2010, p. 25).

Portanto, os textos produzidos foram analisados e organizados por aproximação, ou seja, por semelhança conceitual e significado. O que realizamos, neste momento, está dito por Ludke e André (1986) da seguinte forma:

É preciso ler e reler o material até chegar a uma espécie de impregnação do seu conteúdo. Essas leituras sucessivas devem possibilitar a divisão do material em seus elementos componentes, sem, contudo perder de vista a relação desses elementos com todos os outros componentes (...). É preciso que análise não se restrinja ao que está explícito no material, mas procure ir mais a fundo, desvelando mensagens implícitas, dimensões contraditórias e temas sistematicamente 'silenciados' (p. 48).

Com isso, foi possível, a partir do discurso produzido pelos atores, organizar uma espécie de quebra-cabeça da história do núcleo e sua relação com as associações. Os capítulos três, quatro e cinco (especialmente) são frutos da análise

que realizamos a partir do material coletado e contam quase em sua totalidade, com fontes orais dos extensionistas, pescadores e recicladoras.

Após a realização de todas as etapas da pesquisa (mapeamento, entrevistas, análises), apresentamos este texto, fruto dos estudos, reflexões e debates realizados em todo o período do curso de mestrado. O relatório foi organizado em sete momentos, a contar com esta introdução até as considerações finais, sobre os quais comentaremos brevemente do que trata cada um deles.

No primeiro capítulo expomos os aspectos teórico-metodológicos da pesquisa. Procuramos apresentar como a pesquisa possibilitou reflexões e aprendizados ao pesquisador e como este foi interagindo, tanto com a pesquisa em si, quanto com aquilo que o campo empírico foi apresentando. A delimitação do fenômeno da pesquisa, problema, questões, hipóteses, objetivos e método também compõem a primeira parte do trabalho. Além disso, salientamos alguns conceitos importantes que contribuirão para que o leitor entenda nossa perspectiva e reconheça o prisma do qual analisamos a relação. O percurso metodológico da pesquisa é apresentado ao final deste primeiro capítulo.

O segundo capítulo do trabalho, denominado Crise do Capitalismo, Meio Ambiente e Educação Ambiental Crítica é onde está localizado o que poderíamos chamar de referencial analítico da pesquisa. Neste momento, organizamos nossa compreensão sobre a crise do capitalismo e como esta afeta as políticas públicas, universidades públicas, e o próprio meio ambiente. Detalhamos neste capítulo, também, os princípios da educação ambiental crítica que nos ajudaram a analisar a relação entre NUDESE-FURG e associações populares.

No terceiro capítulo, chamado “Extensão Universitária da FURG e o Associativismo Popular na região de Rio Grande-RS”, adentramos ao fenômeno da pesquisa, a extensão universitária do NUDESE-FURG com as associações. Então, fizemos uma breve retomada da história da extensão na FURG, utilizando, para isso, a dissertação de mestrado de Darlene Torrada Pereira, que tratou do compromisso social da Universidade, analisando as ações de extensão. Além disso, demonstramos como foi o processo que culminou na criação do NUDESE-FURG, perpassando desde as primeiras experiências até a política universitária atual para a extensão, o que foi fundamental para entender o modo como são realizadas as práticas extensionistas por este núcleo.

No quinto capítulo é o quando descrevemos a relação do NUDESE-FURG com a Associação de Pescadores Artesanais da Vila São Miguel – APESMI. Nesta seção, analisamos os discursos proferidos tanto pelos membros do NUDESE-FURG, quanto pelos pescadores artesanais e a forma como cada instituição compreende a relação que constituem. Por ser esta, a associação mais próxima do trabalho que o NUDESE-FURG realiza, este é o capítulo mais longo de nosso estudo.

A “Extensão Universitária e Reciclagem: o caso da Associação Vitória” é o título do sexto capítulo deste relatório. Nesta seção, estudamos o caso da relação do NUDESE-FURG com a Associação Vitória, localizada na Vila da Quinta, em Rio Grande. Ao reconstituir brevemente o histórico da relação entre as instituições, trazendo a tona o modo como cada um dos atores entende o trabalho realizado, buscamos analisar as práticas existentes e, de alguma forma, problematizá-las.

Ao retomar o problema da pesquisa, questão e hipótese, salientamos criticamente os aspectos contraditórios da relação, aspectos estes que oferecem as condições de dependência das associações em relação ao NUDESE-FURG. Finalizamos as considerações exercitando a crítica da Educação Ambiental Crítica à extensão deste núcleo, onde se encontram algumas reflexões práticas que poderiam ser consideradas pela extensão do NUDESE-FURG se, de fato, pretendem a emancipação dos sujeitos com os quais trabalham.

Por fim, é importante saiba que o texto que segue busca realizar um olhar para a relação do NUDESE-FURG com associações populares e não “o” olhar. Com isso, afirmamos que outras análises podem e devem ser feitas, inclusive na tentativa de refutar o que aqui defendemos, principalmente se isso acontecer com o objetivo da emancipação dos trabalhadores. A apreciação crítica das reflexões por nós aqui produzidas à luz do material empírico organizado é necessária, e, se isso acontecer, estamos convictos que tanto a extensão universitária quanto essa pesquisa estarão cumprindo o seu papel social.

# CAPÍTULO 1

## ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA PESQUISA

### 1.1. A constituição do pesquisador pela prática da pesquisa

Ao adentrar ao curso de mestrado em educação ambiental da FURG iniciei uma nova e profícua etapa da vida profissional/acadêmica e a realização de um projeto de vida bem definido há, pelo menos, cinco anos. A universidade, para mim, representa a necessária possibilidade da reflexão teórica, tão cara àqueles que pretendem ir contra as desgraças existentes nessa sociedade, ainda que seja um espaço por demais elitista e, em geral, servindo aos interesses das classes dominantes.

Constituir-se pela prática da pesquisa significa, em meu entendimento, permitir-se perpassar pelas dúvidas, questionamentos, inquietações teóricas que um curso de mestrado proporciona. Na verdade, a constituição de um pesquisador é atravessada por um desafio substancialmente prático que se chama incerteza. Não negamos, com isso, a possibilidade da história, da realidade, da concretude das relações sociais. Não se trata disso. Falamos que, ao nos deparar com o confronto cotidiano das disciplinas, debates, discussões entre os colegas, aqueles pressupostos que antes serviam como base para o conhecimento acumulado, agora se tornam incertos, questionáveis e muitas vezes caem por terra, dando lugar a outros conhecimentos, outras 'certezas'.

Nos primeiros momentos do curso de mestrado em educação ambiental, não estava preparado para assumir a pesquisa. Foi necessário algum tempo de estudo, leitura e discussões, a fim de criar as condicionantes adequadas para que o trabalho investigativo iniciasse. Elaborar o percurso metodológico não foi uma tarefa fácil. Pensava no fenômeno da pesquisa e buscava definir o melhor caminho para atender os objetivos e tentar, de alguma forma, responder as questões que se colocavam diante de mim.

Nesse caminho, diversos aprendizados foram absorvidos. Lembro, por exemplo, das leituras sobre a abordagem sócio-histórica e a forma como a pesquisa pode ser desenvolvida sob essa orientação teórica, sendo balizada pela perspectiva marxista de mundo e a visão peculiar de Vigostky. Os primeiros traços

metodológicos do trabalho foram possíveis graças às sínteses realizadas por conta desses textos.

Sentimos a exigência da qualificação, na medida em que via a necessidade de considerações acerca da metodologia de trabalho. Ao preparar o texto, investigando os principais conceitos (Educação Ambiental, Cooperativismo Popular e Extensão Universitária) por meio das leituras sobre os temas, conheci um pouco mais sobre aquilo que pesquiso (extensão universitária com pescadores e recicladoras) e, por isso, as leituras de Quintanilha (2001), Opuzska (2010) e Germer (2006) foram fundamentais para que não idealizasse um campo empírico, mas o considerasse a partir das contradições do real.

A apresentação do projeto a banca foi um momento rico em reflexões e aprendizados. As orientações dos membros proporcionaram um olhar crítico ao que é realizado pelo Núcleo de Desenvolvimento Social e Econômico - NUDESE-FURG e os vínculos com a economia popular solidária, destacando que existem contradições se comparadas ao que sonham aqueles que lutam contra o capitalismo (onde me incluo). A ampliação do horizonte da pesquisa foi possível a partir das considerações feitas na qualificação, o que trouxe um pouco de medo e angústia, mediante a grande tarefa da pesquisa empírica. Também, a partir da apresentação do projeto de qualificação, além da orientação do Prof. Vilmar Pereira, este trabalho recebeu a contribuição do Prof. Carlos Machado, que já orienta trabalhos ligados, de alguma forma, ao NUDESE-FURG.

Disso, ou seja, a partir do início de 2012, através dos ajustes da pesquisa decorrentes das sugestões da banca e do re-planejamento da pesquisa empírica, retomei minha relação do NUDESE-FURG com os pescadores e recicladoras (e suas respectivas associações) a partir de um mapeamento dos grupos acompanhados pelo núcleo. Nesse momento, foi possível perceber a magnitude do trabalho realizado, principalmente pelo alcance que o mesmo tem na região sul do RS. Isso aumentou minha responsabilidade em desenvolver uma pesquisa séria, que traga respostas (ou novas perguntas) para o objeto em estudo. Foi um momento em que o peso da pesquisa entrou em jogo.

Ao iniciar a escuta dos sujeitos da pesquisa comecei a entender como os membros valorizam a relação entre as instituições e o quanto os vínculos pessoais se misturam no trabalho que é feito; mas, ao mesmo tempo, isso dificultava a

separação dos diferentes papéis para perceber a relação, ou seja, como cada um dos atores (extensionistas e trabalhadores) entendia o seu lugar nessa relação, bem como os diferentes conteúdos dos discursos dos sujeitos.

Neste momento e na análise do material empírico percebi o quanto é significativo a assertiva Freireana:

Somente um ser que é capaz de sair do seu contexto, de distanciar-se dele para ficar com ele; capaz de admirá-lo para, objetivando-o, transformá-lo e, transformando-o, saber ser transformado pela sua própria criação; um ser que é e está sendo no tempo que é o seu, um ser histórico, somente este é capaz, por tudo isto, de comprometer-se (FREIRE, 2005 p. 17).

O momento exigiu foco no material coletado, tentando deixar de lado as experiências como bolsista que fui deste núcleo (2008-2009). Sabemos o quanto isso é difícil, mas o exercício feito contribuiu para que pudesse desenvolver essa etapa com base nos discursos dos sujeitos, buscando ‘escutar’ o que estavam dizendo. Sendo grupos historicamente escanteados das regalias capitalistas, esta também foi uma maneira de comprometer-me com suas lutas.

Ao finalizar este trabalho, fica a certeza da inconclusão inerente a todo ser humano e que muito há por fazer em busca da humanização sem fim. Permanece o aprendizado da escuta enquanto sentido que ensina a rigorosidade exigida no método analítico e a importância dos debates exaltados e silenciados que um período de mestrado oferece. Fica, por fim, o teimoso compromisso com aqueles cuja vida está ameaçada e com os quais a transformação ainda virá.

## **1.2. Delimitação do Fenômeno**

Nosso trabalho de pesquisa trata da Extensão Universitária junto às associações populares, ligadas, de alguma forma, ao movimento da economia popular solidária. Em específico, a pesquisa foi feita considerando a experiência da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, que realiza as ações de extensão desse tipo através do Núcleo de Desenvolvimento Social e Econômico – NUDESE-FURG.

No Brasil, este tipo de atividade extensionista (com características semelhantes aquelas desenvolvidas pelos NUDESE-FURG) é também realizado na região sudeste do país, por meio da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ sendo denominada Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares - ITCP. Mas,

também, em várias universidades federais, privadas e comunitárias, articulando extensão, pesquisa e assessoria as associações e cooperativas populares<sup>2</sup>. Atualmente, existe uma Rede Nacional de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares, a qual tem por objetivo a articulação das experiências do trabalho<sup>3</sup>.

Na FURG, apesar da experiência com esses grupos ter início no mesmo período (1994), não se chamou incubadora, tampouco acessou recursos federais para isso, como veremos no decorrer desta dissertação. Ainda que os vínculos sejam os mesmos, a forma de atuar seja muito similar, as raízes da assessoria as associações nesta região do país tem especificidades próprias da história da extensão da FURG, cultura e modo de atuação política e social do extensionista desta universidade.

O estudo que realizamos forçou-nos algumas delimitações. No aspecto temporal, apesar de abordar a história da extensão universitária da FURG para contextualizar o fenômeno, analisamos o caso desde os anos noventa (objetivamente, 1994) até os dias atuais sem que, necessariamente, haja uma descrição por anos no texto. Atualmente, o NUDESE-FURG acompanhe vinte e três grupos / associações / cooperativas, a partir de critérios estipulados, que serão explicitados mais adiante, por duas organizações, de modo que o estudo ganhasse em detalhes e qualificasse a análise<sup>4</sup>.

### 1.3. Problema e Questão de Pesquisa

O problema central que o fenômeno do qual nos ocupamos nessa pesquisa apresentada é a dependência de associações populares (identificadas com o

---

<sup>2</sup> Trazemos para conhecimento alguns sítios eletrônicos das incubadoras: UFRJ - <http://www.itcp.coppe.ufrj.br/>; UNICAMP - <http://www.itcp.unicamp.br/>; FGV - <http://itcpfgv.org.br/>; UFBA - [http://www.ufpa.br/cursoeconomia/extensao/projincubadora\\_final.htm](http://www.ufpa.br/cursoeconomia/extensao/projincubadora_final.htm); UFRGS - <http://neaufrgs.wordpress.com/>; REDE DE INCUBADORAS - [http://www.itcp.coppe.ufrj.br/rede\\_itcp.php](http://www.itcp.coppe.ufrj.br/rede_itcp.php). Destaco que não foi objetivo desta pesquisa fazer comparações com tais experiências, mas chamo atenção para estes sítios eletrônicos para ressaltar a relevância do estudo que poderá ser aprofundada comparativamente pelas experiências das outras universidades.

<sup>3</sup> Em 2008, participamos de um encontro desta rede na Universidade de São Paulo – USP.

<sup>4</sup> No anexo 01, detalhamos as informações de cada grupo acompanhado pelo NUDESE-FURG.

movimento da economia popular solidária) em relação ao trabalho de extensão Universitária, estudada a partir das assessorias realizadas pela FURG, no caso em específico, o NUDESE-FURG<sup>5</sup>.

A preocupação, em parte, de estudar a relação do NUDESE-FURG teve quando, no período de 2008-2009, quando desenvolvemos um trabalho como bolsista. Neste tempo, fecundo em aprendizados, pois participamos de inúmeras ações junto as associações, Fórum de Agricultura Familiar, Fórum da Lagoa, além de encontro da Rede de Incubadoras a nível Nacional e Regional (Região Sul do Brasil). Todas estas experiências nos ajudaram a compreender melhor a organização do trabalho cooperativo, seja dentro das associações, seja destas com a própria Universidade.

Por isso percebemos a existência de algumas questões que estavam em aberto, passíveis de questionamentos que, se respondidas poderiam contribuir com o trabalho da Universidade junto a esses grupos/associações. Mas, o que nos inquietava, e que traduzi em questões para esta dissertação foram a seguintes: Por que existem associações acompanhadas pelo NUDESE-FURG há vários anos que não avançam do ponto de vista da auto-organização? Que fatores incidem nessa relação para que ela se configure dessa forma? No que tange a história da extensão universitária da FURG junto às associações, que práticas sociais foram desenvolvidas que dão sustentação a esse modo de atuar? Qual o entendimento dos sujeitos associados sobre esse processo? Qual a compreensão que os extensionistas possuem dessa prática? Existe “sobredeterminação” de uma instituição à outra? Que elementos históricos, políticos, econômico, sócio-culturais e ambientais, condicionam a relação Universidade - Associações?

Tais questionamentos são as razões que nos motivaram a realizar essa pesquisa, que buscará responder aquela que convencionamos a “pergunta-mestra” deste estudo que consiste saber: **Qual a natureza<sup>6</sup> da relação de dependência existente entre universidade e associações populares, no trabalho desenvolvido pelo NUDESE – FURG?**

---

<sup>5</sup> Como constatação inicial, adiante detalhada, diria que sem tal assessoria os grupos/associações não teriam continuidade (talvez) deixassem de existir.

<sup>6</sup> Natureza compreendida aqui como gênese e processo.

Adiantamos que as questões acima foram orientadoras do trabalho realizado, mas as respostas foram em parte respondidas, ou mesmo, diríamos, ressignificadas mediante o contato com o campo empírico da pesquisa.

#### **1.4. Hipóteses**

No decorrer dos estudos de mestrado, e das leituras e discussões já referidas, acabei construindo algumas hipóteses, as quais acabaram ajudando no desenvolvimento da pesquisa, mas, também, a vivência enquanto extensionista no NUDESE-FURG e as práticas que realizamos naquele espaço e os estudos sobre associativismo popular, as visitas às associações, nos permitiram apresentar algumas hipóteses que poderiam ser respostas ao problema da pesquisa:

1. A fragmentação entre ensino, pesquisa e extensão como fruto do modelo compartimentado de produzir conhecimento, leva a “super” “dependência” e, por consequência, a ausência de processos de emancipação decorrente da relação entre as duas instituições estudadas (universidade e associações populares), uma vez que, há uma tendência clara no núcleo da FURG em realizar a extensão enquanto atendimento as associações e pouca valorização da pesquisa e ensino;
2. A desconsideração dos condicionamentos de ordem políticos-sociais-econômicos seria um dos fatores relevantes para compreender as práticas universitárias. Por isso, seria possível afirmar que a ausência de políticas públicas que assegurem o direito à educação com qualidade social afeta o modo como se tem feito extensão universitária em nosso país e, por conseguinte, na FURG, na medida em que, as políticas existentes (no trabalho de extensão, em estudo) por editais contribuem para a descontinuidade e a fragmentação acima referida, também em relação aos objetivos da universidade pública no contexto do capitalismo;
3. As associações populares carecem de outras instituições públicas que estejam dispostas a estabelecer uma relação “parceira” (como, por exemplo, a prefeitura municipal) e, por isso, dependem da FURG para garantir sua atuação, mesmo que isso custe abrir mão da possível emancipação gerada pelo trabalho associado;
4. Os problemas de ordem interna às associações (ausência de um processo democrático de tomada de decisões, falta de transparência financeira, dificuldade em trabalhar coletivamente, etc.) levam a estas organizações (na verdade, as lideranças que coordenam as associações) aliam-se à universidade e as

oportunidades (projetos) da extensão universitária para continuar atuando, e neste sentido, muito mais focando aspectos organizativos e de funcionamento de que relacionado, também, a questões mais amplas – do contexto sócio-econômico-político.

### **1.5. Objetivos**

Tomando por base a justificativa, problema e questão de pesquisa, e as hipóteses acima<sup>7</sup>, apresentamos os seguintes objetivos deste trabalho:

- Compreender a relação entre universidade e associações populares, especificamente no trabalho realizado pelo NUDESE-FURG, buscando elucidar suas contradições práticas e entendê-la a partir sua inscrição na totalidade social;
- Problematizar o processo histórico desta relação, buscando os princípios orientadores que caracterizam o envolvimento NUDESE-FURG e as associações;
- Analisar a relação a partir de alguns princípios da Educação Ambiental Crítica, de modo a identificar, mediante a história da relação, quais os elementos que levam a dependência<sup>8</sup> das associações ao NUDESE-FURG;
- Contribuir para a identificação de questões acerca da extensão universitária e sua relação com o associativismo popular, de modo que possamos avançar na constituição de processos de emancipação, seja nas práticas dos sujeitos extensionistas (na Universidade), seja com os trabalhadores das associações populares.

### **1.6. Sobre o Método**

Nesta pesquisa não consideramos a errônea disjunção<sup>9</sup> entre as categorias da dialética “quantidade e qualidade”, uma vez que, tanto o fenômeno de pesquisa quanto a própria ação pesquisadora, enquanto prática, formam um complexo qualitativo e quantitativo simultaneamente, de modo que, na medida em que a quantidade se altera, a quantidade do fenômeno também se modifica. Por isso, a

---

<sup>7</sup> Que tiveram uma nova redação, a partir da escrita inicial, presente no projeto neste momento.

<sup>8</sup> Dependência que deveria (quando do projeto) ser verificada, e que agora, poderíamos afirmar ser de fato existente.

<sup>9</sup> Referimos-nos à perspectiva positivista de pesquisa, que, por fragmentar o fenômeno isolaria as partes e desconsiderando a noção (essencial) da totalidade. Na dialética é justamente na totalidade concreta que o fenômeno encontra significado.

nominação da pesquisa enquanto qualitativa forçaria-nos sobrepor esta categoria à quantidade (ou vive-versa), o que não podemos considerar em virtude da interdependência existente entre uma e outra.

Tal afirmação expõe nossa maneira de entender a prática pesquisadora, a qual procurará, a todo o momento, estabelecer as relações entre o todo e a parte, organizando no plano do pensamento as ligações práticas existentes no fenômeno a ser estudado.

No entanto, parece-nos imprescindível partilhar o movimento que pretendemos gerar com este fazer investigativo. Em se tratando de uma pesquisa que busca entender a relação entre duas instituições, a sua natureza<sup>10</sup> enquanto gênese e processo, faz-se necessário um estudo histórico que desmembre a relação aparentemente colocada, ocasionando um processo de “desnaturalização” da mesma.

Para tornar clara nossa intenção, tomemos as palavras de Freitas (1995) sobre essa questão.

A base do conhecimento humano encontra-se no mundo material, no entanto, a percepção e a observação direta representam somente um primeiro passo no processo de conhecimento. Para conseguirmos uma efetiva “compreensão”, é necessário valer-se da abstração e da generalização, tendo como instrumento o pensamento. Por meio da abstração eliminamos o que não tem uma importância fundamental para o conhecimento de um dado objeto e chegamos à sua essência. A generalização permite-nos encontrar seu fundamento interno, seus nexos, a unidade dos fenômenos e objetos, estabelecendo de forma organizada, as relações entre o fenômeno e a totalidade (FREITAS, 1995, p. 80).

Se, a intenção quando, da defesa do projeto, da “forma atual da relação entre o NUDESE-FURG e associações populares, isto é, o concreto empírico e caótico”, se apresentava como sendo “confusa, pois nos faltam elementos históricos para realizar uma análise real da relação em estudo” diríamos nós, agora, com este relatório já podemos nos manifestar em outro sentido.

Uma vez realizada as primeiras reflexões acerca do concreto empírico, evidenciando as insuficiências em analisar o fenômeno da pesquisa apenas em sem

---

<sup>10</sup> A natureza aqui ser considerada em dois sentidos: a) a natureza enquanto como gênese e processo b) a natureza enquanto meio ambiente, ou seja, contexto social e natural no qual os atores estão imersos, e/ou deveriam perceber-se como imersos, no sentido de destacar como aparecem ou não nos discursos dos atores e de suas relações. No entanto, destaco que a questão central da relação desta dissertação com a educação ambiental refere-se ao uso dos princípios da educação ambiental crítica com “guia” orientador da interpretação que foi realidade do material empírico bem como nas demais etapas da pesquisa.

grau aparente, o que, a montagem dos grupos e o ‘re-planejamento’ nos ajudou; visamos avançar na construção de uma interpretação da relação parte e todo, por meio do conhecimento histórico da relação (que apresentaremos nos capítulos seguintes) de como o fenômeno se constituiu até ser o que se chama “concreto pensado”, o que fica mais claro tomando as palavras de Freitas (1995):

O momento seguinte consiste em enfatizar as relações da “parte” com o todo, num caminho inverso ao realizado pela abstração analítica. Esta é a passagem do abstrato à totalidade concreta geral – como concreto pensado (FREITAS, 1995, pág 76).

Este movimento do abstrato ao concreto, a relação entre parte e todo, foi a forma viável de buscar compreender a essência da relação entre NUDESE-FURG e associações popular. Entendemos que, a análise fenomênica da relação constituiu-se, ainda que necessária, o primeiro e mais elementar dos níveis de conhecimento. Para que o trabalho seja expressivo em sua cientificidade, buscaremos as nuances históricas fundamentais para a explicação concreto-pensada da relação entre NUDESE-FURG e Associações Populares.

Na medida em que desenvolvemos a pesquisa e construímos este relatório, o qual exigiu uma reflexão mais aprofundada, no sentido de dar conta do proposto nos objetivos do trabalho; agora, de forma mais organizada, poderemos explicar as interligações com a totalidade concreta do real. Em síntese, busquei fazer um movimento para ir à gênese da questão, procurando reconstruir a história de sua origem e de seu desenvolvimento (FREITAS 2002, p. 27).

Neste sentido, destaco na parte seguinte, alguns conceitos que orientaram a construção abstrata acima referida e que tem a sua materialidade relatada nesta dissertação. Destacaria, no entanto, que alguns dos conceitos que estavam no projeto, agora tiveram uma adequação e aprofundamento; outros emergiram do próprio pesquisar, ou seja, do movimento de ir do abstrato ao concreto.

## **1.7. Alguns conceitos importantes**

### *1.7.1. Autonomia ou Emancipação Humana?*

Durante esta dissertação, encontraremos o termo autonomia sendo utilizado principalmente pelos membros dos NUDESE-FURG, através dos seus relatos. Geralmente, o significado do conceito atribuído pelos extensionistas está ligado à

entrada das pessoas no mercado de trabalho para garantir seu próprio sustento, a funcionalidade das associações e, mesmo, a fuga do intermediário / atravessador, no caso dos pescadores artesanais.

Se analisarmos as origens deste tipo de extensão, junto ao associativismo popular, relacionado ao movimento da economia popular solidária, veremos que esse tipo de organização sofre dois tipos de influências<sup>11</sup>: a) associações e cooperativas entendidas como empreendimentos com viabilidade econômica e; b) a emancipação política dos trabalhadores. No entanto, é impossível separar as duas influências, principalmente porque configuram uma unidade contraditória clara: a emancipação política, dadas condições econômicas atuais (hegemonia da economia liberal, burguesa) é uma ilusão. Da mesma forma que a emancipação política sofreu questionamentos de Marx o qual deixa em dúvida se esse tipo de emancipação porque não organizaria as condições para que o ser humano se tornasse, efetivamente, um ser genérico.

Em “*A Questão Judaica*”, Marx criticou as teses de Bruno Bauer sobre a emancipação judaica, mediante o Estado cristão. De um modo geral, Bauer criticava a reivindicação dos judeus para aquisição de direitos, num Estado onde a crença religiosa era outra. Seus argumentos buscavam enfraquecer o tensionamento judeu, levando o debate a outro patamar: *A crítica da questão judaica é a resposta à questão judaica. Ei-la em breves palavras: temos de emancipar-nos a nós próprios, antes de poder-mos emancipar os outros* (MARX, 2012, p. 05).

E Marx recoloca a pergunta:

Não bastava perguntar: quem deve emancipar? Quem terá de ser emancipado? A crítica teria ainda de fazer uma terceira pergunta: que espécie de emancipação está em jogo? Que condições se fundam na essência da emancipação que se procura? A crítica da própria emancipação política era apenas a crítica final da questão judaica (p. 07).

O entendimento de Marx sobre a questão da emancipação está além daquilo proposto por Bauer. Na compreensão do pensador alemão, a emancipação política, desejada por Bauer é insuficiente na medida em que insere os judeus como cidadão, regidos pela constituição liberal e burguesa, conforme o autor trata no livro. Para

---

<sup>11</sup> Trecho publicado no sitio da primeira incubadora existente no Brasil: Disponível em [http://www.itcp.coppe.ufrj.br/metod.php dia 31/01/2013](http://www.itcp.coppe.ufrj.br/metod.php%20dia%2031/01/2013) (16h30min).

Marx, as condições nas quais os judeus, cristãos e todos os se encontram (alienação) não está somente vinculada ao fato do Estado assumir essa ou aquela religião, mas, e precisamente, pelo fato da existência da religião.

Marx avança na reflexão e propõe outras questões: *A questão da relação entre emancipação política e religião torna-se para nós o problema da relação entre emancipação política e emancipação humana* (p. 10). E demonstra a insuficiência da emancipação política:

A emancipação política do judeu, do cristão – do homem religioso em geral – é a emancipação do Estado em relação ao judaísmo, ao cristianismo e à religião em geral. O Estado emancipa-se da religião à sua maneira, segundo o modo que corresponde a sua própria natureza, libertando-se da religião de Estado; ou seja, ao não reconhecer, como Estado, religião alguma e ao afirmar-se pura e simplesmente como Estado. A emancipação política da religião não é a emancipação integral, sem contradições, da religião porque a emancipação política não é a forma plena, livre de contradições, da emancipação humana (p. 10).

O autor posiciona-se criticamente em relação à emancipação política, uma vez que ela admite, ainda em seu interior, a existência da religião ainda que de modo particular. A religião, nestas condições, não sucumbe, mas passa a ser exercida de modo privado, individual, negando as condições da liberdade humana. O estado não se torna livre porque o homem, nestes casos, permanece um prisioneiro: *O Estado pode assim ter-se emancipado da religião, embora a imensa maioria continue a ser religiosa. E a imensa maioria não deixa de ser religiosa pelo fato de o ser na intimidade* (p. 11).

A limitada emancipação política criticada por Marx ainda encontra outra característica. Segundo o autor, ela não proporciona a liberdade plena aos homens porque está condicionada a intermediação do Estado:

Além disso, ao emancipar-se politicamente, o homem emancipa-se de modo oblíquo, por meio de um intermediário, por mais necessário que tal intermediário seja (...). O Estado é o intermediário entre o homem e a liberdade humana. Assim como Cristo é o mediador a quem o homem atribui toda a sua divindade e todo o seu constrangimento religioso, assim o Estado constitui o intermediário ao qual o homem confia toda a sua não divindade, toda a sua liberdade humana (p. 11).

Aqui se encontra o centro da questão a ser refletida nesta seção do capítulo. Ainda que o contexto seja outro e o fenômeno que Marx está debatendo com Bauer seja diferente a que nos propomos, é possível fazer algumas aproximações. Marx,

afirma que o problema da emancipação política reside, também, na compreensão do Estado como mediador / intermediário entre o homem e sua liberdade.

A palavra 'intermediário', se tomarmos por base o fenômeno estudado nessa dissertação, nos remete aos 'atravessadores' (pessoas que compram pescados, por exemplo, a baixo custo e revendem no mercado por um valor elevadíssimo, explorando o trabalho do pescador), justamente aqueles agentes que as associações populares, ao organizam-se coletivamente, lutam contra. Mas, neste caso, Marx trata de outro intermediário: o Estado.

O caso que estamos estudando apresenta como características uma extensão universitária pública, portanto, ligada e financiada pelo Estado e, também, a dependência das associações populares à assessoria do NUDESE-FURG, conforme o problema anteriormente exposto. Neste caso, entendemos que a extensão universitária, sendo um intermediário para a emancipação política das associações, por estar vinculada ao Estado (e todas as contradições que ele possui, o que o caracteriza como um Estado Capitalista), se apresentaria mais como um obstáculo a emancipação humana e a liberdade, a qual defende Marx. Em miúdos, o Estado, ao intermediar a relação dos trabalhadores com o processo da sua atividade produtiva (mercado institucional, por exemplo), tendo outros interesses por estar hegemonicamente dominado pelo capital, não garante a emancipação humana. No máximo, autonomia de mercado, inserção na economia liberal, o que é muito diferente do que o autor chama de emancipação humana. Reservadas as condições históricas, o trecho elucidada o que estamos dizendo: *A emancipação do Estado a respeito da religião não é a emancipação do homem real quanto à religião* (MARX, 2012 p. 20).

Marx apresenta claramente a diferenciação entre emancipação política e humana:

A emancipação política é a redução do homem, por um lado, a membro da sociedade civil, indivíduo independente e egoísta e, por outro, a cidadão, a pessoa moral. A emancipação humana só será plena quando o homem real e individual tiver em si o cidadão abstrato; quando como homem individual, na sua vida empírica, no trabalho e nas suas relações individuais, se tiver tornado um ser genérico; e quando tiver reconhecido e organizado as suas próprias forças, como forças sociais, de maneira a nunca mais separar de si esta força social como força política (p.30).

De certa forma, a emancipação política seria a inclusão dos homens na cidadania burguesa, dentro da lógica capitalista, do Direito que o legitima e do

moralismo judaico-cristão. A emancipação humana, que salienta Marx, se constitui na síntese da individualidade e sociabilidade dos homens, sem qualquer fragmentação, inclusive pelo trabalho. Por isso, nesse estudo tomamos por base a emancipação humana a partir de Marx<sup>12</sup>.

### *1.7.2. Associativismo Popular ou Trabalho Associado?*

Partimos do pressuposto real e concreto que, na sociedade capitalista, o homem está em constante processo de alienação de si próprio, dos outros homens, da natureza e do produto do seu próprio trabalho. Esse dado apresenta-se, principalmente pela condição histórica, no capitalismo, da compra e venda da força de trabalho, isto é, o trabalho enquanto mercadoria, onde o valor de uso está condicionado ao valor de troca.

Se reconhecermos que a dimensão primeira da alienação humana é a forma que o trabalho assume na sociedade capitalista, é pertinente que haja outra forma de organização do trabalho que leve, como falamos anteriormente, a emancipação humana. Primeiro, voltemos a Marx (2009), para compreender brevemente como o autor compreende o trabalho no capitalismo:

Pois primeiramente o trabalho, a atividade vital, a vida produtiva mesma aparece ao homem apenas como um meio para satisfação de uma carência, a necessidade de manutenção da existência física. A vida produtiva é, porém, a vida genérica (...). O homem faz da sua atividade vital mesma objeto de sua vontade e de sua consciência. Ele tem atividade vital consciente. Esta não é uma determinidade com a qual ele coincide imediatamente. A atividade vital consciente distingue o homem imediatamente da atividade vital do animal. Justamente, e só por isso, ele é um ser genérico. Ou ele somente é um ser consciente, isto é, a sua própria vida lhe é objeto, precisamente porque é um ser genérico. Eis porque sua atividade é atividade livre. O trabalho estranhado inverte a relação a tal ponto que o homem, precisamente porque é um ser consciente, faz da sua atividade vital, da sua essência, apenas um meio para sua existência (p. 84).

Em seu texto, Marx nos apresenta o homem, que, pelo trabalho enquanto atividade vital humana, se faz diferente dos outros animais, mas que, no capitalismo, tem o trabalho alienado (estranhado). A especificidade humana, a capacidade criativa de transformar a natureza e a si mesmo para sobreviver, nesta sociedade,

---

<sup>12</sup> Nos utilizamos da obra referida, mas poderíamos citar ainda, neste interpretação: “a emancipação dos trabalhadores será obra dos próprios trabalhadores” (Manifesto Comunista, 1848); ou ainda, algumas afirmações do próprio Marx na Crítica ao Programa de Gotha.

torna-se um meio para suprir as necessidades imediatas e gerar lucro por meio do sobretrabalho.

Praticamente, tanto o trabalho estranhado como a própria natureza<sup>13</sup> são as fontes da exploração por mais-valia e da terra. No capitalismo, a compra e venda da força de trabalho cria as distinções entre os homens, gera uma estrutura de sociedade profundamente desigual, acarretando as mazelas sociais, como a extrema pobreza e destituição de direitos elementares à vida humana.

Com base nisso, o movimento da economia popular solidária vem buscando formas para burlar essa desigualdade e organizar os trabalhadores coletivamente para que, juntos, desenvolvam alternativas ao capitalismo. Entre as alternativas, estão os associativismos populares, que conjugam em sua concepção, como já falamos anteriormente a busca pela emancipação humana com a nucleação de empreendimentos economicamente viáveis (cooperativas e associações populares). Por isso, no entendimento de Germer (2006), as iniciativas são insuficientes ao processo de transformação social:

Apesar de importantes, esses processos consistiam antes em reações defensivas dos trabalhadores em situações críticas do que em desdobramentos de projetos conscientes de socialização dos meios de produção (p. 198).

Dessa forma, ao considerar que o associativismo popular assume características da economia (neo) liberal (empreendedorismo, gestão, inserção no mercado formal, etc.), compreendemos que esse conceito ainda representa, com outra roupagem, o ideário capitalista de produção e consumo, ainda que hajam mecanismos diferenciados (divisão das sobras, produção coletiva, características da autogestão). Nesse sentido, não atende ao que entendemos como necessário para romper com a lógica do capital que traz consequências duras, principalmente para estes trabalhadores.

Por outro lado, o conceito de Trabalho Associado, em nosso entendimento é mais abrangente e condiz com os pressupostos que sustentam a superação do capitalismo. Mesmo sucinta, Tiriba (2008) apresenta a definição do conceito que aqui assumimos enquanto referencia: *o trabalho associado pressupõe a propriedade*

---

<sup>13</sup> Natureza, neste caso, deve ser entendida enquanto a matéria orgânica (ou o corpo inorgânico do homem, como trata Marx nos Manuscritos Econômico-filosóficos) a ser transformada pelo trabalho humano e que no capitalismo assume a forma de mercadoria e, por isso, está em constante disputa.

*ou a posse dos meios de produção, a divisão igualitária do excedente de trabalho e a instalação de mecanismos de decisão coletiva no interior da unidade produtiva (p. 87).*

Soma-se a esse conceito a negação do paternalismo do Estado (seja com projetos via editais, mercados institucionais), que, na forma atual, vem agindo como um 'legítimo' intermediário, causando dependência dos produtores, tanto pelas políticas governamentais, quanto pelo modo que trabalho de extensão é realizado. Neste sentido, ainda que haja experiências importantes de associativismo popular, temos clareza que tais práticas, para serem efetivamente revolucionárias, deveriam escapar a qualquer intermediário, o que os tornaria, quem sabe, livres.

## **CAPÍTULO 2**

### **A CRISE DO CAPITALISMO, MEIO AMBIENTE E EDUCAÇÃO AMBIENTAL CRÍTICA**

Estamos vivendo uma das maiores crises do modo de produção capitalista desde a sua emergência no cenário mundial, e conforme determinados autores como Mészáros (2012), diferentemente das demais crises históricas do capitalismo<sup>14</sup>, se caracterizaria por não se tratar de uma crise pontual do modelo capitalista, mas sim, da crise do seu substrato, isto é, o capital.

Neste capítulo, descreveremos aspectos da conjuntura política, econômica e social na qual as transformações vêm acarretando modificações ambientais significativas, as quais demandam ao campo educativo, determinadas posturas que, de modo geral, atendem aos interesses daqueles que gestam a crise: a classe dominante.

Por um lado, os processos em curso na sociedade atual exigem uma apropriação cada vez maior e desigual da riqueza decorrente da exploração da natureza e da exploração do trabalho humano, acentuando a fragmentação/separação entre pessoas e o meio natural, como parte da acumulação capitalista que vêm se configurando na atualidade. Há que se dizer que, o problema ambiental, causado pela elevada extração de sobretrabalho e a retirada irresponsável de matéria da natureza, configura um desequilíbrio não somente nas dinâmicas naturais (alterações climáticas, etc), mas também no modo como a sociedade se organiza, naturalizando as relações sociais desiguais, cuja materialização se dá pela busca desenfreada e competitiva do lucro, generalizando-se a toda sociedade.

Por outro, a crise do capitalismo globalizado e mundializado provoca e impõe às políticas nacionais que orientam as ações das instituições de ensino e, conseqüentemente, buscando alterar as práticas educativas em conformidade aos interesses e práticas da acumulação. No caso brasileiro, presenciamos uma das maiores mudanças do ensino superior da história do país, desde 2007, que vem reestruturando as universidades públicas, expandindo campus, criando novas

---

<sup>14</sup> Mais adiante o trabalho discorrerá sobre algumas características da crise.

instituições, contratando técnicos, professores, ampliando o número de vagas em cursos de graduação orientado, principalmente, sobre tal lógica. Além disso, a “parceria” público-privada estabelecida por meio do programa universidade para todos (Prouni), proporciona bolsas de estudos em instituições privadas como forma de ampliar as possibilidades de ingresso na universidade. Por outro lado, também, via políticas de apoio estudantil, editais competitivos no financiamento de projetos de pesquisa e de extensão dentre outros, ampliam de forma significativa a importância da própria universidade no espaço nacional<sup>15</sup>. Mas, efetivamente, a quem serve esse tipo de política? O que está por trás das medidas tomadas no campo educativo, sobretudo no que tange a universidade, a qual tratamos neste trabalho? São questões que, em parte, esta seção buscará responder, visando com isto constituir um “pano de fundo” ao estudo da extensão universitária, foco desta dissertação.

Isto porque, deveremos considerar de que forma os sujeitos que compõem a relação NUDESE-FURG e Associações Populares, centro deste estudo, consideram ou não, internalizam ou não esta crise do capitalismo em suas práticas cotidianas e de lutas. Ou seja, em que medida o capitalismo atual e sua crise replica, seja nas concepções ou reflexões, seja nos projetos e nas orientações e práticas em que os atores estão envolvidos? Afinal, são assessorados por um trabalho extensionista há, pelo menos, dez anos, a partir do qual, imaginamos, que tenha havido algum processo de problematização das formas como a sociedade vem se organizando ao longo do tempo, fundamentalmente na entrada deste novo milênio<sup>16</sup>. Para que isso ocorra, efetivamente, entendemos ser necessário um processo de problematização e crítica do modo como a vida vem sendo produzida no mundo e em nosso país, e

---

<sup>15</sup> Ao final do governo Fernando Henrique Cardoso o ensino universitário abrangia em torno de 8% dos jovens de 17-24 anos; hoje, ampliou-se para, em torno de 15% destes jovens. No entanto, da totalidade das matrículas, apesar da ampliação das vagas no ensino público, persistem as matrículas no ensino privado, em torno de 70% da totalidade. Como falamos acima, muitas delas financiadas com dinheiro público via Prouni. (MACHADO, 2012)

<sup>16</sup> Para exemplificar: a pesca artesanal, sob a lógica deste sistema capitalista não é funcional, ou seja, poderia ser considerado um “resquício” do passado que tende a desaparecer em decorrência de práticas e relações capitalistas mais desenvolvidas, sob a lógica deste sistema, o que demonstram os estudos de Opuzska (2010), Morrone (2010) Bravo (2011); o lixo, cada vez maior em nossa sociedade, tornado fonte de renda e de sobrevivência para uns, em decorrência da miséria e falta de meios de sobrevivência destes, decorre de fato do consumismo sem fim alimentado pelo próprio capitalismo. Ou seja, podemos dizer que as duas atividades que a extensão assessoria e que estudamos nesta dissertação estariam em tensão no contexto em que vivemos.

no qual estão inseridas de maneira que os atores se entendam como sujeitos do processo histórico em curso e possam, por meio da luta coletiva e organizada, semear práticas revolucionárias. Para isso a educação ambiental crítica, parte de um processo educativo mais amplo, neste trabalho, é o lugar de onde nos posicionamos para olhar, analisar, compreender e construir uma interpretação (do pesquisador, portanto) da relação entre a extensão da FURG com os pescadores e recicladoras organizadas em associações populares. Disso, diríamos ser o objetivo, neste capítulo, oferecer um questionamento necessário da crise do capitalismo como contexto do estudo da relação do NUDESE-FURG com as organizações populares, dos capítulos seguintes.

## **2.1. Contornos a Crise Global do Capitalismo**

Os últimos cinquenta anos apresentam profundas alterações no Mundo do Trabalho e em suas relações com o Capital. As mudanças dizem respeito, essencialmente, ao paradigma produtivo (ou sua combinação com o anterior) devido às necessidades de revigorar o próprio sistema capitalista, intensificar as relações sociais de produção em seu interior (o que significa mercantilizá-las) e tornar o capital cada vez mais hegemônico.

De modo estrutural, foi possível perceber a substituição do trabalhador de indústria, cuja referencia é o modelo fordista, bem como a destituição de direitos historicamente conquistados que garantiam a estabilidade salarial (com todos os questionamentos que podemos ter) ampliando a precarização do trabalho. Em contrapartida, surge o trabalhador flexível, disponível e adaptável, de base toyotista. Sobre as alterações no padrão de acumulação do capitalismo ocorridas entre o final dos anos sessenta e início dos anos setenta, mudanças essas que demandaram diferentes perfis dos trabalhadores, Harvey (1998) expõe que,

*A acumulação flexível, como vou chamá-la, é marcada por um confronto direto com a rigidez do fordismo. Ela se apóia na flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo. Caracteriza-se pelo surgimento de setores de produção inteiramente novos, novas maneiras de fornecimento de serviços financeiros, novos mercados e, sobretudo, taxas altamente intensificadas de inovação comercial, tecnológica e organizacional (p. 140).*

Além disso, o avanço tecnológico no mundo do trabalho apresenta como conseqüência o aprimoramento da produção e uma verdadeira revolução

organizacional do trabalho, provocando um desemprego estrutural, passando a exigir um trabalhador de “excelência”, isto é, qualificado para atuar em determinadas funções, causando, o que Antunes (2011) chama de *intelectualização do trabalho manual*.

Por outro lado, em função das altas taxas de desemprego e a desqualificação para esse novo modelo leva ao que Antunes (2011) chama de subproletarização, o que significa em uma cisão dorsal dos trabalhadores, ‘afrouxando’ os laços estabelecidos pelo trabalho e individualizando (setorizando) as lutas da classe trabalhadora. Essas mudanças resultam em um significativo crescimento das formas ‘informais’ de trabalho, criando uma classe ‘subproletaria’, isto é, aqueles grupos de trabalhadores destituídos dos direitos elementares (regidos pela Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, poder de greve, organização sindical) que eram oriundos dos vínculos legais de emprego<sup>17</sup>. Conforme Antunes (2011):

Há outra tendência significativa dada pela subproletarização do trabalho, presente nas formas de trabalho precário, parcial, temporário, subcontratado, ‘terceirizado’, vinculados a ‘economia formal’, entre tantas modalidades (...). Essas diversas categorias de trabalhadores têm em comum a precariedade do emprego e da remuneração; a desregulamentação das condições de trabalho em relação as normas legais vigentes ou acordadas e a conseqüente regressão dos direitos sociais, bem como a ausência de proteção e expressão sindical, configurando uma tendência a individualização extrema da questão salarial (p.50).

Podemos observar que, neste contexto, o papel do Estado se altera substancialmente. Antes, o mesmo diante das pressões e contradições do modelo, o Estado estabelecia determinado rigor na garantia dos direitos sociais dos trabalhadores, sobretudo nas questões previdências. Ainda que a adoção dessas medidas servisse para controlar os trabalhadores (FRIGOTTO, 2011, p. 76), regular a produção e garantir a acumulação (mediante um complicado estado de pobreza que a Europa após II guerra), as políticas, de certa forma, beneficiavam os trabalhadores, garantindo-lhes estabilidade salarial, seguridade na garantia do emprego, direitos sociais mediante um forte aparato estatal que intermediava as relações entre capital e trabalho, criando uma espécie de ‘harmonização’ entre capitalistas e trabalhadores.

---

<sup>17</sup> Há outras interpretações acerca desse fenômeno. Braga (2012), por exemplo, entende que a precariedade que envolve a classe trabalhadora é parte constituinte da fragilidade relação salarial (p. 17). Para o autor, ao analisar o caso da classe trabalhadora brasileira, portanto, periferia do mundo capitalista, afirma que o precariado aqui sempre foi regra, consequência de um desenvolvimento desigual e combinado (p. 19).

Ainda que seja extenso, vale trazer o fragmento abaixo que procura explicitar a gênese dessas mudanças e apontar suas consequências. Conforme Frigotto (2001):

A determinação mais profunda radica-se na própria essência do capital - acumular, concentrar, centralizar e, como consequência, excluir concorrentes e explorar a força de trabalho. Os anos de ouro do capitalismo, paradoxalmente, se deram, pela **capacidade de enquadrar, conter e disciplinar a lógica destrutiva do mercado auto-regulado e do capital, mediante a construção de uma esfera pública capitalista**. A globalização dos mercados ou mundialização do capital especulativo financeiro, que instauram uma verdadeira desordem mundial e produzem uma sociedade “20 por 80”, é o epílogo de um processo de resistência do capital à sua regulação. Já nos anos 1940-1950, o capital burla as fronteiras dos Estados-Nação mediante a instalação das multinacionais. Trata-se de empresas filiais das matrizes dos centros hegemônicos do capital que se ramificam no mundo, buscando mercados onde a exploração da força-de-trabalho e da própria matéria-prima lhes são vantajosas. Em seguida, anos 1960-1980, aprofunda-se a liberdade do capital mediante as transacionais. Trata-se de empresas que transitam acima do controle efetivo das nações e criam seu próprio espaço de poder. A globalização ou mundialização do capital, primordialmente do capital financeiro e especulativo, completa o circuito da perda do poder das sociedades nacionais controlarem o poder anárquico do capital. O resultado desse processo é uma falência dos estados nacionais mediante a perda da capacidade de suas moedas - crise fiscal e crescente dilapidação do fundo público para honrar ganhos do capital especulativo. As reformas do Estado, sob a tríade desregulamentação/flexibilização, autonomia/descentralização e a privatização, são, em verdade, políticas oficiais de desmonte da sociedade-salarial e da limitada estratégia de unir a sociedade integradora (p. 77 – grifos nosso).

A partir da desestruturação dos direitos sociais garantidos pelo Estado, fato ocorrido pela remercantilização das relações entre capital e trabalho, inicia-se uma nova etapa, onde as políticas neoliberais passam a vigorar sob o controle das multinacionais e do mercado globalizado. No entendimento de Vargas (2011),

A partir dos anos setenta, a crise do capitalismo, marcada pela baixa lucratividade e pelo acirramento da competitividade em nível internacional, implicou também uma crise do modelo de regulação até então vigente, provocando a emergência das concepções e políticas neoliberais. Tais políticas, ao promoverem fortes ajustes e restrições nos gastos públicos e nos custos das atividades econômicas, provocaram uma grande redução dos direitos sociais e trabalhistas, uma fragilização política dos trabalhadores e uma diminuição do poder aquisitivo dos salários (p. 06).

Conforme o mesmo autor, a intervenção do Estado por meio de ajustes e políticas neoliberais (medidas que liberalizam as ações do mercado, criando as condições legais para a autonomização das relações sociais mercantilizadas), é notável, principalmente em relação à vida dos trabalhadores. Na verdade, o Estado

não deixa de exercer o papel de apoio ao capital, mas, em virtude da nova configuração do trabalho e do capital, também ele é moldado aos interesses daqueles que, neste momento e da atual correlação de forças (na luta de classes) impõe suas perspectivas e interesses à sociedade como um todo.

Essas mudanças são centrais no debate que envolve a crise do capitalismo na atualidade. Elas nos ajudam a compreender o modo como a sociedade vem sendo dinamizada, mediante interesses diversos e o que demandam essas alterações da classe trabalhadora. No entanto, podemos questionar: onde reside, de fato, a crise do capitalismo na atualidade? Talvez, este seja um questionamento difícil de ser respondido e que nós também não temos a pretensão de responder por completo, mas de destacar algumas características da crise, visando entender com a mesma impacta no fazer prático social.

Segundo Mézáros (2012), *a crise estrutural do capital é a seria manifestação do encontro do sistema com seus limites intrínsecos (p. 14)*. Como sabemos, o capital tem como fundamento a acumulação, centralização e concentração de riquezas, extraídas da natureza, por meio da compra da força de trabalho humana. A regulação do capitalismo se dá na dinâmica destas etapas, de modo que, ao final, a riqueza produzida seja apropriada por um grupo reduzido de pessoas (capitalistas), gerando um destino desigual daquilo que é produzido socialmente. Em miúdos, no capitalismo a produção é social, coletiva, mas a apropriação do produto é privada, em detrimento daqueles que a produzem.

Nas palavras de Frigotto (2010), uma das características da crise:

O caráter contraditório (de crise, portanto) do modo de produção capitalista explicita-se, historicamente e em formação sociais específicas, de formas e conteúdos diversos, porém, inexoravelmente, pela sua própria virtude de potencializar as forças produtivas e por sua impossibilidade de romper com as relações sociais de exclusão e socializar os resultados do trabalho coletivo humano para satisfazer as necessidades sociais e coletivas (p. 69).

Pela geração da desigualdade, devido ao movimento próprio do capital, **a sociedade burguesa, capitalista, é incapaz de satisfazer as necessidades humanas de todas as pessoas**. Ela necessita conviver com ricos e pobres, para garantir o seu funcionamento. Isso tem inúmeras conseqüências práticas, algumas delas são lembradas por Mézáros (2012):

Na China, por exemplo, o capitalismo somente está estabelecido, eficazmente, em “enclaves” costeiros, deixando a esmagadora maioria da

população (isto é, bem mais de um bilhão de pessoas) fora de seus marcos. E mesmo nessas áreas limitadas da China, nas quais prevalecem os princípios capitalistas, a extração econômica do sobretrabalho precisa ser sustentada através de fortes componentes políticos, mantendo o custo do trabalho artificialmente baixo. A Índia – outro país com uma população imensa – de maneira similar, encontra-se apenas parcialmente sob administração bem sucedida do metabolismo socioeconômico regulado pelo modo capitalista, deixando, até agora, a esmagadora maioria da população em uma situação bem difícil (p. 10).

E como consequência, segundo Loureiro (2012),

Com a brutal acumulação de riquezas, em 2006 a classe dominante mundial concentrava em 946 pessoas um patrimônio de aproximadamente U\$\$ 3,5 trilhões (três milhões e meio de dólares), o que equivale ao rendimento de 50% da população mundial. Mais da metade destes (quinhentos e vinte e três pessoas encontravam-se nos EUA, Alemanha e Rússia). O Brasil apresentava vinte representando dentre as maiores fortunas, com riqueza líquida de U\$\$ 46,2 bilhões (quarenta e seis bilhões e duzentos milhões de dólares), o que equivale à riqueza de oitenta milhões de brasileiros mais empobrecidos. Em 2009, 1,02 bilhões de pessoas apresentavam desnutrição crônica; em 2008, 884 milhões não tinham acesso à água potável e 2,5 milhões continuavam sem sistema de saneamento básico; em 2006, 218 milhões de crianças trabalhavam em condições de escravidão (p. 21).

São dados que demonstram a contradição que a crise do capitalismo acentua, delegando aos mais pobres as consequências arbitrárias de um processo econômico desigual, principalmente na distribuição daquilo que produz. Entretanto, o avanço do processo de acumulação existente não seria possível sem a contribuição do Estado enquanto ator que legitima isso. Harvey (2004) denomina esse processo de acumulação por espoliação:

Estão aí a mercadificação e a privatização da terra e a expulsão violenta de populações camponesas; a conversão de várias formas de direitos de propriedade (comum, coletiva, do Estado, etc.) em direitos exclusivos de propriedade privada; a mercadificação da força de trabalho e a supressão de formas alternativas (autóctones) de produção e de consumo; processos coloniais, neocoloniais e imperiais de apropriação de ativos (inclusive de recursos naturais; a monetização da troca e a taxação, particularmente da terra; o comércio de escravos; e a usura, a dívida nacional e em última análise o sistema de crédito como meios radicais de acumulação primitiva. **O Estado, com seu monopólio da violência e suas definições de legalidade, tem papel crucial no apoio e na promoção desses processos, havendo, como afirmei consideráveis provas de que a transição para o desenvolvimento capitalista dependeu e continua a depender de maneira vital do agir do Estado.** O papel desenvolvimentista do Estado começou há muito tempo, e vem mantendo as lógicas territorial e capitalista do poder sempre interligadas, ainda que não necessariamente convergentes (p. 121 – grifos nossos).

É neste destaque que reside outra característica da crise do capitalismo: **existe uma incapacidade do sistema em se auto-sustentar, necessitando recorrer ao aparato estatal para permanecer vivo.** As formas como isso acontecem são as mais diversas, podendo ser pela garantia de um corpo de leis que legitimam as ações exploratórias do movimento capitalista, pela força do braço militar sempre disponível para atender os interesses burgueses ou, então, pelo financiamento e resgate das instituições financeiras quando em tempos de crise instaurada.

Por exemplo, ao tratar da crise iniciada em 2006 e agravada em 2008 que afetou a economia mundial e principalmente o setor imobiliário dos EUA, o capital contou com a remediação do Estado estadunidense e de outros Estados que tiveram suas economias atingidas. É nesse sentido que Harvey (2011) coloca que um dos princípios básicos do neoliberalismo, campo aonde vem se dando as sucessivas crises do capitalismo, é o poder do Estado:

Um dos princípios básicos pragmáticos que surgiram na década de 1980, por exemplo, foi o de que o poder do Estado deve proteger as instituições financeiras a todo o custo. Esse princípio, que bateu de frente com o não intervencionismo que a teoria neoliberal prescreveu, surgiu a partir da crise fiscal da cidade de Nova York de meados da década de 1970. Foi então estendido internacionalmente para o México durante a crise da dívida que abalou os fundamentos do país em 1982. De modo nu e cru, a política era: privatizar os lucros e socializar os riscos; salvar os bancos e colocar os sacrifícios nas pessoas (no México, por exemplo, o padrão de vida da população diminuiu cerca de um quarto em quatro anos após o socorro econômico de 1982). O resultado foi conhecido “risco moral” sistêmico. Os bancos se comportam mal porque não são responsáveis pelas consequências negativas dos comportamentos de alto risco (p. 16).

A dinâmica tem sido essa: a liberdade do mercado, da financeirização econômica como benevolência do capital é permitida, sendo garantida, em caso de baixa, a sua existência, mediante injeção de dinheiro público, salvando as instituições. Vários casos como este acontecem, mas, quem não lembra, por exemplo, em meados de 2008 – 2009 a compra do banco Votorantim realizada pelo Banco do Brasil, como alternativa para a empresa não arcar com o ônus da crise mundial?

Da mesma forma, mas com outras características o Estado continua favorecendo o capital, mediante regalias fiscais e tributárias. Atualmente, o Imposto sobre Produtos Industrializados – IPI - vem provocando um verdadeiro alvoroço na indústria nacional, sobretudo nas empresas automobilísticas. A redução do imposto

como alternativa para aumentar o consumo e manter a economia “aquecida”, conjugada com uma ideologia consumista onde o carro próprio, individual, representa ascender socialmente, melhorar de vida, traduz a forma enganosa como o Estado se articula com os interesses do capital. Especialistas afirmam que nunca tivemos um período tão propício para a compra de carro zero no Brasil. Nem mesmo com a criação do chamado “carro popular” nos anos noventa. Há um empenho, um esforço por meio da fusão público-privado com o objetivo da manutenção do modelo de sociedade<sup>18</sup>.

Em se tratando do caso brasileiro, percebe-se um jogo discursivo muito bem elaborado para garantir que a parceria entre Estado e capital seja boa e necessária ao desenvolvimento do país. Impostos como este, quando deixam de ser cobrados, indicam que o país deixa de arrecadar um recurso que deveria ser revertido em melhorias nas condições de vida do povo. Pior que isso: o Estado se torna cada vez mais um componente a favor dos interesses dominantes o que o caracteriza, em síntese, como um Estado capitalista. Nesse sentido, o Estado cumpre o papel de legitimar os interesses de uma classe particular como interesse geral, como bem definiu Marx em “Ideologia Alemã”<sup>19</sup>, neste caso, a vontade capitalista.

A participação do Estado nas formas de acumulação capitalista, apesar da ideologia neoliberal negar a intervenção estatal na dinâmica anárquica do mercado, é fundamental para o sistema manter-se de pé. Sem o Estado o capitalismo não poderia seguir a sua lógica de acumular, centralizar e concentrar, por meio da exploração do sobretrabalho e da impetuosa extração de recursos naturais. A

---

<sup>18</sup> Podemos citar alguns exemplos: o governo federal gastará 100 bilhões para a Copa (2014) e para as Olimpíadas (2016); mais 30 bilhões para a Usina de Belo Monte, e outros bilhões para empreendimentos, para obras, para os bancos, etc., e apenas 20 bilhões para “acabar com a miséria!”, e isso, em desconsideração aos indígenas, aos ribeirinhos, aos pescadores artesanais, aos moradores da floresta ou das favelas e áreas ocupadas, nas quais esses empreendimentos se desenvolvem ou se desenvolverão. O agro-negócio ganha bilhões em subsídios, antecipações de recursos, perdão das dívidas, falcaturas, enquanto os pequenos agricultores, os pescadores artesanais, os quilombolas, os ribeirinhos, os favelados. No Rio Grande do Sul, o Ministério Público e outros órgãos de fiscalização querem transparência nos subsídios do governo do estado aos empresários que podem chegar a 11 bilhões de um orçamento anual de 33 bilhões (MACHADO, GONÇALVES, 2012 p.18)

<sup>19</sup> Os pensamentos da classe dominante são também, todas as épocas, os pensamentos dominantes; em outras palavras, a classe que é o poder material dominante numa determinada sociedade é também o poder espiritual dominante. A classe que dispõe dos meios da produção material dispõe também dos meios de produção intelectual, de tal modo que o pensamento daqueles os quais são negados os meios de produção intelectual está submetido também a classe dominante (MARX, 2008 p. 48).

competitividade capitalista dos mercados não comporta períodos de harmonia entre as instituições. A harmonia significaria que as formas de acumulação estariam adequadas e agradáveis a todos os setores e isso, no capitalismo, é impossível, justamente pela sua gênese destrutiva. Daí a importância do Estado: quando um setor importante da economia declina e com isso apresenta consequências diretas na população, o aparato estatal se vê obrigado a intervir e garantir o bom funcionamento do modelo. E, um modo de produção que não tem capacidade de garantir sua própria vida, justamente porque está alicerçado sob bases desiguais, não tem outro caminho a não ser projetar crises constantes.

É nesse sentido que a crise pode ser utilizada como um grande negócio. Se tomarmos como referência a realidade brasileira e os diversos programas sociais e políticas públicas aqui desenvolvidas, perceberemos que, em muitos casos, estas medidas são paliativas e não acabam com a raiz dos problemas sociais que convivemos. Apesar disso, os programas existem e atendem uma quantidade considerável de pessoas no Brasil, o que origina um sentimento positivo, principalmente entre os mais pobres. A crise se torna negócio, justamente quando este público atendido pelos programas sociais e políticas públicas, reconhece o Estado (governado por determinado grupo) como aquele que trouxe as soluções para a vida, afinal de contas, agora é possível comer diariamente e estudar em uma universidade o que anteriormente era improvável. Então, os programas sociais e as políticas públicas no Brasil não são estruturais, mas se valem da estrutura desigual da sociedade, que gera os problemas sociais, para permanecerem como solução e, com isso, provocando a perpetuação do mesmo grupo na direção do Estado. É a crise estrutural, incorrigível (MÉSZAROS, 2011) como aparato de poder político.

## **2.2. O problema ambiental no contexto da crise**

Há, no entanto, uma terceira característica da crise do capitalismo e que também é fruto da própria lógica sistêmica do modelo. **Falamos do problema ambiental que o processo de acumulação desenvolve e que, nos dias atuais, vem mostrando cenários cada vez mais catastróficos.**

Alguns dados foram organizados por Loureiro (2012) sobre isso;

Entre 1970 e 2000, 35% da biodiversidade foi extinta e um terço da população continua a viver na miséria. Desde 1980, os confrontos materiais advindos do modo de produção capitalista e o padrão de consumo

concentrado em menos de 20% da população total gerou uma demanda de recursos naturais em 25% acima da capacidade de suporte do planeta (p. 21)

A situação observada decorre de injustiças relativas a como os processos econômicos globais são desigualmente distribuídos dentro de uma lógica de subordinação e dependência no capitalismo. **Quanto mais crescem os setores industriais e de serviços nos chamados países centrais, mas se demanda matéria-prima, produção agrícola, extração mineral e produção de energia nos chamados países periféricos.** E essas atividades exigem uma relativa reprimarização da economia em países da América Latina e África, alvos de grandes programas de infraestrutura e estímulo ao agronegócio e à exportação com base em enormes sacrifícios humanos e naturais (p. 21-22 – grifos nossos).

Vemos que a crise do capitalismo tem consequências naturais e que estas, alteram as condições ambientais, colocando a vida humana e não humana em risco. O destaque acima foi feito uma vez que o alerta de Loureiro demonstra como vem se constituindo o problema ambiental nos últimos anos nos países pobres, principalmente no Brasil.

A chamada “retomada do crescimento” no Brasil, por meio dos Programas de Aceleração do Crescimento (PAC I e II) é fruto de uma série de medidas políticas e econômicas que buscam colocar o país entre os principais no cenário mundial, sem considerar o acúmulo na legislação e das lutas ambientais do período pregresso em nosso país. Para isso, houve um forte esforço desde o primeiro mandato de Luis Inácio Lula da Silva, o qual procurou, em todas as áreas, tornar o país “respeitado” no cenário econômico, desconsiderando a super exploração do meio ambiente. Uma das medidas tomadas foi o fortalecimento da exportação de *commodities* (produtos primários, oriundo da agricultura ou da exploração de minério de ferro), cuja finalidade é adentrar novos mercados e tornar o país competitivo internacionalmente.

Bermann (2008) atenta para a produção de soja em larga escala e suas consequências ambientais:

Atualmente, no Brasil, 75% das emissões de gases efeito-estufa são provenientes das mudanças de uso da terra, dentre estas as que mais se destacam são as queimadas que ocorrem principalmente no cerrado e nas bordas da floresta amazônica e, mais recentemente, alcançando áreas mais profundas da floresta. Hoje, a expansão da área plantada com soja é uma das principais causas do desmatamento das florestas do estado do Mato Grosso. Ela é a maior responsável pelo número recorde de 26.130 quilômetros quadrados de desmatamento da Amazônia, entre agosto de 2003 e agosto de 2004, um crescimento de 6% em relação ao período anterior. O problema se estende também para o restante da floresta amazônica. Nos últimos anos, mais de um milhão de hectares de florestas

foram convertidos em campos de soja na Amazônia. Deve-se, dessa maneira, considerar se o benefício proveniente da produção do biodiesel nessas regiões, em que poderá haver redução da floresta, terá um saldo positivo de emissões de gases de efeito estufa (p. 23).

Ligado a isso, consolidou-se o projeto de revitalização do setor energético brasileiro, por meio da criação de novas usinas hidrelétricas para geração de energia, subsidiando o setor industrial do país, bem como a agricultura extensiva (agronegócio) em consonância com o tão alarmado crescimento. Em linhas gerais, a geração de energia compõe o pacote do governo que visa criar um aparato ao capital para que este, aqui, encontre as condições adequadas para implantar-se e possibilitar emprego e renda. Estão inseridas neste contexto as obras previstas em virtude da realização da copa do mundo em 2014 e das olimpíadas em 2016, o que exige (demanda de fora, na verdade) uma série de modificações nas grandes cidades brasileiras. Tais obras vêm sendo denunciadas pelos comitês populares como se constituindo como verdadeiros “estados de exceção” na garantia dos lucros dos empreendedores envolvidos em tais negócios<sup>20</sup>.

Este tipo de projeto de crescimento (agricultura extensiva, construção de hidrelétricas, indústria naval, obras em prol de grandes eventos) traz consigo uma série de problemas sociais e ambientais. Por exemplo, as hidrelétricas são grandes obras, localizadas as beiras dos rios e geralmente expulsam as comunidades tradicionais, ribeirinhos, pescadores e povos autóctones que produzem suas vidas nestas regiões<sup>21</sup>. Geralmente este tipo de problema é visto como irrelevante, pois se trata de pequenas comunidades que facilmente se adaptariam em outro lugar, dadas as condições para isso. Se isso se efetivar, talvez, elas venham a ampliar os aglomerados humanos, nas periferias, vivendo na miséria e na exclusão com subsídios do governo, como por exemplo, o “bolsa-família”. Mas o imbróglio não é tão simples quanto parece. Trata-se de comunidades tradicionais, que vivem nessas localidades há muitas gerações e tem o direito de ali permanecerem, pois são os legítimos proprietários. Mas, o que parece, é que o mesmo modelo impositivo, de

---

<sup>20</sup> Diversos órgãos da imprensa nacional, situados à esquerda política, vem publicando reportagens, artigos, entrevistas sobre as consequências imediatas que as obras vem provocando. Citamos: Caros Amigos, Jornal *Le Monde Diplomatique Brasil*, além de autores ligados aos Observatórios de Conflitos Ambientais presentes na UFRJ (<http://www.observaconflitos.ippur.ufrj.br/>), UFMG (<http://conflitosambientaismg.lcc.ufmg.br/>) e FURG (<http://observatoriodosconflitosrs.blogspot.com.br/>).

<sup>21</sup> Constituem o que Henri Acselrad (2009) e outros chamam de injustiça ambiental.

padronização da cultura urbano-industrial volta à tona, sobretudo neste período histórico em que os recursos naturais são acirradamente disputados, forçando aos grupos sociais menos organizados a sair, dando lugar aos empreendimentos<sup>22</sup>.

O mesmo pode ser visto com as populações do campo, os pescadores artesanais, os índios, as comunidades quilombolas e tantas outras designações. São grupos que necessitam da natureza para manterem-se vivos e se relacionam com ela de forma diferente (sob concepções e perspectivas diferentes do mundo urbano-industrial), reproduzindo sua cultura, seus saberes e devem contar com as condições legítimas para que isso se efetive e se reproduza. Entretanto, as opções políticas no momento têm sido outras, mais ligadas ao processo de remoções, abortando a cultura e o modo de vida destes grupos.

Em relação às obras de infraestrutura (que só acontecem porque foram exigidas por órgãos internacionais) levadas a cabo pelo governo federal, estas têm acarretado uma série de problemas, sobretudo à população pobre moradora das periferias das cidades. Remoções de bairros inteiros, onde as pessoas viveram toda a vida para ampliação de corredores de trem, ampliação de pistas dos aeroportos<sup>23</sup>, construção de estádios e outras obras, aceleram o “crescimento” e destroem vidas.

Na atual relação de luta de classes no Brasil, o discurso do desenvolvimento carregado do ideário salvacionista de um país para todos (sem deixar claro quem são ‘todos’), acaba prevalecendo sobre as organizações que buscam reverter essa lógica. Este domínio é profundamente dissimulado:

A força destes agentes reside exatamente na chantagem locacional pela qual os grandes investidores envolvem, quando não submetem, todos aqueles que buscam o emprego, a geração de divisas e a receita pública a qualquer custo. No plano nacional, se não obtiverem vantagens financeiras, liberdade de remessa de lucros, estabilidade, condições legais fundiárias e ambientais apropriadas, etc. os capitais internacionalizados ameaçam se “deslocalizar” para outros países. No plano subnacional, se não conseguirem vantagens fiscais, terreno de graça, flexibilização de normas ambientais, urbanísticas e sociais, também se deslocalizam, punindo, conseqüentemente, os estados e municípios onde é maior o empenho em preservar conquistas sociais e ambientais. Ao mesmo tempo, ao escolherem o espaço mais rentável para se relocalizar (ou seja, aqueles locais onde conseguem obter vantagens fiscais e ambientais, acabam

---

<sup>22</sup> A transposição do rio São Francisco e a construção da usina hidrelétrica de Belo Monte estão no bojo de obras que mais se destacam, tanto pela imponência quanto pelas lutas dos povos locais por garantia da permanência, ou mesmo, interrupção das obras.

<sup>23</sup> Como foi o caso da remoção da Vila Dique, em Porto Alegre, onde os moradores foram retirados para o outro lado da cidade (próximo ao complexo Porto Seco), em função do aumento da pista de pouso e decolagem do aeroporto Salgado Filho.

premiando os estados e municípios em que é menos o nível de organização da sociedade e mais débil o esforço em assegurar o respeito às conquistas legais. Ou seja, neste quadro político-institucional, os capitais conseguem, em níveis antes desconhecidos, internalizar a capacidade de desorganizar a sociedade, punindo com a falta de investimentos os espaços mais organizados, e premiando, por outro lado, com seus recursos, os menos organizados (ACSERALD e BEZERRA, 2010, p. 183).

A citação acima, expressa como acontece o processo de acumulação por espoliação dentro de um país em desenvolvimento como o Brasil. É o capital quem define as condições para instalar seus empreendimentos, exigindo subsídios e condicionantes legais, para a permanência. Caso contrário, mesmo sendo uma região estratégica, o capital direciona sua estrutura para outro lugar (que os autores chamam de deslocalização), deixando a região aquém do 'desenvolvimento'.

O movimento das instituições capitalistas é justamente para fugir dos conflitos sociais e ambientais existentes nos territórios. Não é um bom negócio para o capital instalar-se em locais onde a sociedade está organizada, onde haja movimentos populares ativos, empenhados na luta pela garantia de direitos. Estrategicamente, os capitalistas buscam zonas aonde o empreendimento chegue como solução, seja bem acolhido no cenário político e populacional como sendo a salvação para o atraso das cidades<sup>24</sup>.

Em síntese, percebe-se que a crise do capitalismo entrecruza as três dimensões que procuramos descrever até aqui. A convivência do modelo com suas contradições significa que o capital não pode erradicar a pobreza, a exclusão e a exploração, uma vez que se utiliza disso para manter-se hegemônico. Da mesma forma, apesar do prometido discurso neoliberal contrário à intervenção do Estado nas dinâmicas mercantis (contrapondo o modelo de bem estar social), nota-se que sem a mão firme do Estado sustentando o capital, o modelo teria sofrido fortes golpes. E, a terceira dimensão da crise, elucida o problema ambiental como um grito da terra mediante o processo de acumulação descompromissado do capitalismo, que retira muito mais da natureza, em um tempo muito mais veloz, do que o período que ela precisa para se revigorar.

---

<sup>24</sup> Exemplo evidente disso é a cidade do Rio Grande-RS. No período em que a instalação do Polo Naval na cidade era apenas uma chance remota, várias personalidades do cenário político empenharam-se para trazer o empreendimento para cá, causando euforia em toda a região. Hoje, apesar da grande quantidade de empregos, a cidade sofre com muitos problemas: a ausência de um número maior de hospitais, postos de saúde, até a mobilidade urbana, passando pelo aumento da violência, o consumo de drogas e elevação de preços nos setores imobiliário, etc.

A dimensão ambiental da crise apresenta o repasse dos passivos ambientais aos mais pobres, o que caracteriza o que é denominado por injustiça ambiental; ao mesmo tempo em que, radicaliza a exploração da natureza bem como da ideia de separação dos humanos do ambiente natural. E, ao fazê-lo, é subsidiado com as artimanhas jurídicas e tributárias do Estado, quando podemos afirmar que o problema ambiental da crise articula os dois primeiros (mesmo aparecendo como consequência aparente da crise) e só existe em função dos auxílios do Estado e acentuando as contradições que o capitalismo cria.

Posto isso, veremos como a crise do capitalismo atinge as políticas públicas na universidade pública brasileira, principalmente nos últimos anos, buscando compreender qual é o projeto de sociedade que está colocado no Brasil, exigindo da acadêmica um determinado tipo de conhecimento.

### **2.3. Universidade, políticas públicas da educação e projeto de sociedade.**

Em que medida a crise do capitalismo influencia as políticas da/para a universidade pública brasileira? Qual é o projeto de sociedade que perpassa tais políticas e como adentra as dinâmicas acadêmicas? Nesta seção descreveremos o quanto o papel da universidade vem se adequando aos interesses da classe dominante capitalista, por meio das políticas governamentais; que em nossa interpretação, visa que o conhecimento produzido neste espaço seja útil ao lucro e a competitividade empresarial<sup>25</sup>.

Uma importante pesquisadora<sup>26</sup> da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, em palestra proferida na FURG em dezembro de 2012, foi enfática em dizer: “na atualidade, quem vem ditando a agenda científica brasileira é o capital”. A afirmação da palestrante é contundente no contexto em que vivemos principalmente no âmbito das políticas que orientam as ações das universidades públicas brasileiras.

---

<sup>25</sup> “As novas e crescentes exigências e os inesperados desafios no contexto do mundo atual exigem que se pense e se aja de um jeito novo. É preciso unir o raciocínio produtivo e a ação inovadora, que resultem em vantagem competitiva. Uma boa parte das empresas reconhece que a Inovação é fundamental para alcançar ou sustentar uma vantagem competitiva num mercado em acelerada transformação, mas é bem restrito o número de empresas que efetivamente trabalham pela inovação”. FURG, Pro-reitoria de pesquisa e pós-graduação, <http://www.propesp.furg.br/index.php/nit/nit.html>, acesso 30 jan 2013.

<sup>26</sup> Andréa Zhouri, docente da UFMG, tem suas atividades de pesquisa desenvolvidas no campo dos conflitos ambientais, territorialização e grandes obras no Brasil.

Nos últimos anos, o Brasil vem acompanhando uma série de iniciativas legislativas, criando um ambiente adequado para a implantação da Reforma Universitária, que, a princípio, finalizaria em 2012. Mancebo (2009) enumera algumas delas:

Lei nº10.861, aprovada em 14 de abril de 2004, que instituiu o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES); Lei nº10.973, aprovada em 02 de dezembro de 2004, conhecida como Lei de Inovação Tecnológica; Lei n.º 11.079, de 30 de dezembro de 2004, que institui normas gerais para licitação e contratação de Parceria Público-Privada (PPP), no âmbito da administração pública; Lei nº11.096, sancionada em 13 de janeiro de 2005, que institui o Programa Universidade para Todos (PROUNI); Decreto nº 5.622, de 19 de dezembro de 2005, cuja aprovação deu as bases legais da modalidade da educação à distância (EAD) (p. 51).

Cabe destacar, no caso da educação superior, o Decreto nº 6.095, de 24 de abril de 2007, que estabelece diretrizes para o processo de integração de instituições federais de educação tecnológica, para fins de constituição dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia – IFET, no âmbito da rede Federal de Educação Tecnológica; o Decreto nº 6096, de mesma data, que institui o Programa de Apoio ao Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – REUNI; as Portarias Normativas Interministeriais nº 22 e 224, ambas de 2007, dos Ministérios da Educação e do Planejamento, que constituem, em cada universidade federal, como instrumento de gestão administrativa de pessoal, um banco de professores-equivalente, além do documento “Reestruturação e expansão das Universidades Federais: diretrizes gerais”, de agosto de 2007, elaborado por um grupo gestor (p. 51).

Conforme os autores, as políticas adotadas nos primeiros anos do governo Lula da Silva preparam o ambiente para a reforma universitária. O conjunto de medidas tomadas, buscando atender as mudanças exigidas pelo mercado, no que tange a produção de conhecimentos, provocaram alterações na estrutura universitária brasileira, principalmente pela expansão do ensino superior privado (mediante subsídios do governo), ampliação da oferta de cursos à distância nas universidades públicas, o que compromete diretamente a qualidade social do ensino superior.

O apelo ideológico existente nos discursos governamentais para implantação desta fatiada reforma das universidades, utilizando recursos discursivos como inclusão, oportunidade aos pobres adentrar a universidade, dificulta a análise desta que é mais um faceta da agenda neoliberal. As políticas apresentadas pelo Estado Brasileiro sobre a universidade demonstram que a atenção do governo é que as instituições de ensino superior cumpram o papel que lhe é solicitado neste contexto: atendimento as demandas do mercado, mediante a formação de mão de

obra, sob influência dos interesses dos organismos multilaterais, principalmente o Banco Mundial.

Algumas características desse cenário são apresentadas por Leher (2007)

A ideologia neoliberal provocou o silenciamento de um fato incontestável: as verbas educacionais são absolutamente insuficientes para manter e desenvolver um sistema público de educação que contemple adequadamente a educação básica e a educação superior públicas. Os publicistas do credo neoliberal sustentaram que o país já gasta muito com a educação e que o problema da qualidade poderia ser equacionado pela “revolução gerencial” (p. 02).

Podemos perceber que, no entendimento dos governantes, perpassados pelo espírito neoliberal e aceitação das soluções via mercado, que um dos problemas centrais da educação de um modo geral é gerencial, ou seja, os recursos existentes são mal aplicados, o que denota uma solução: o problema pode ser resolvido com a alteração dos gestores, dando lugar aqueles que têm as melhores ‘competências’ para direcionar os recursos destinados à educação. Entretanto, o que se percebe, é que diversos governos vem assumindo a direção do Estado e a questão permanece sem ter respostas substantivas, deixando claro que as raízes são bem mais profundas.

Assim, o que se percebe da globalização em curso é a sua prioridade voltada para a produção de mercadorias e para a valorização do capital, em um acirrado processo de eliminação do valor de uso dos produtos, o que resulta na diminuição da vida útil destes, aceleração do ciclo reprodutivo e exacerbação do consumo. Além disso, o contexto de relações fluidas e perversas, que é gerado, expõe a degradação da força humana de trabalho, destrói progressivamente o meio ambiente e superdimensiona o capital tecnológico. Cabe, portanto, a pergunta se é para esse ‘novo tempo’ de desregulamentação, flexibilidade, imprevisibilidade e destruição que se pretende acriticamente construir uma nova proposta de currículo e de reestruturação das universidades federais brasileiras? (MANCEBO, 2009 p. 53).

De fato, os rumos que as universidades públicas federais vêm tomando são delicados, principalmente pela articulação com o momento vivido e a exigência neoliberal de uma força de trabalho adequada aos seus interesses.

Neste sentido, a compreensão do Programa de Apoio a Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – REUNI se torna mais clara. No discurso, a inclusão, ampliação de vagas, acolhidas dos segmentos sociais historicamente excluídos da academia, possibilitando aos pobres a oportunidade de realizar um

curso superior. Na prática, a ampliação do número de universidades, crescimento brutal de novos campi, prédios, aumento no número de professores, técnicos, etc. Portanto, um crescimento homogêneo, atendendo as reivindicações históricas dos docentes e alcance de um consenso acadêmico que demonstra a satisfação de todos em relação a esta política. Certo? Nem tanto...

A FURG aderiu ao REUNI em 2007, após amplo debate nas unidades, conselhos e comunidade acadêmica. O programa não foi imposto pelo Estado, deveria ser discutido com todos em busca de uma tomada de posição conjunta, de modo que a universidade pautasse, com base na 'autonomia' universitária, aquilo que era melhor para a instituição. Dentre as todas as unidades acadêmicas da FURG, a única que se posicionou contrária ao programa foi o Instituto de Educação – IE, no entanto, e apesar disso foi implementado na Universidade.

As universidades que tomaram a decisão e não assumiram o programa não foram vistas como 'prioritárias' pelo Ministério da Educação – MEC (Gestão Fernando Haddad). Enquanto as universidades que aderiram ao REUNI passaram a receber um montante de recursos para obras e gastos com pessoas, e aqueles que tiveram um posicionamento mais crítico tiveram seus recursos estagnados, em comparação as outras.

O REUNI na FURG aumentou substancialmente o número de vagas para o ingresso de novos alunos, criou novos prédios (quase duplicou de tamanho físico), contratou novos professores e técnicos, mas todas essas modificações não comportam o número de problemas que a reestruturação trouxe. O número da média professor/aluno cresceu significativamente, o que acarretou no comprometimento da qualidade do ensino e na difusão da extensão e pesquisa, ainda que haja um número elevado de bolsas de pesquisa e extensão<sup>27</sup>. Tudo isso coloca em dúvida o conhecimento produzido, qual sua finalidade e a quem, de fato, vem servindo.

Além disso, há uma distribuição desigual dos recursos no âmbito acadêmico:

O processo de reforma em curso para as IFES implica, por um lado, regredir ou, no mínimo, congelar, o nível científico e técnico da universidade brasileira, sucateando-a e precarizando-a, no geral e, por outro, manter e

---

<sup>27</sup> No discurso de despedida, o ex-reitor da FURG (João Carlos Cousin) apresentou alguns dados interessantes sobre o crescimento: De 472 docentes em 2004, a FURG passou a ter 675, sendo que 90% com mestrado e doutorado. De 997 passou 1096 técnicos administrativos, havendo vários concursos em andamento. Os três mil alunos passaram a 6500 na graduação; de 308 para 1297 em especialização; 360 para 632 alunos de mestrado e; de 40 para 326 de doutorado (AGORA, 2013).

ampliar os centros de excelência, em determinadas áreas específicas, de acordo com os interesses do capital financeiro, como as relativas a commodities, por exemplo, para o desenvolvimento de tecnologia de cana, de minérios, petróleo, biocombustível, dentre outros (MANCEBO 2009, p. 55).

No contexto das universidades, do desenvolvimento da ciência e tecnologias, algumas áreas<sup>28</sup> têm recebido mais atenção por parte das políticas governamentais. Via de regra, são campos que atendem ao modelo de desenvolvimento assumido pelo governo brasileiro, conforme exposto por Mancebo. Na FURG esse cenário não é diferente. Sendo a universidade conhecida por suas pesquisas desenvolvidas nas ciências do mar, prioritariamente, a maior gama de recursos (em todos os sentidos) têm sido direcionadas para esse setor. Um exemplo claro disso é a construção do Oceanário Brasil, uma obra de grande magnitude, a ser localizada na Praia do Cassino e que atenderá, em síntese, aos trabalhos desenvolvidos pela oceanografia.

A demanda de recursos, quando é direcionada de forma desigual para diferentes campos do conhecimento, demonstra a forma clara como estão sendo direcionadas as intencionalidades políticas no que se refere ao conhecimento a ser produzido. Isso incide no que pode ser chamado heteronomia curricular, ou seja, a interferência externa (hierárquica) nos objetivos do conhecimento a ser produzido pela universidade. Em miúdos, a demanda do conhecimento a ser produzido vem dos interesses políticos de quem está governando o Estado, o que, no caso Brasileiro, têm sido o conhecimento que atenda a demanda de um país desenvolvimentista, conforme caracterizado por Leher (2007):

A promessa de um arranque para o crescimento econômico como condição para a elevação do padrão de vida da população, é uma tese que está no âmago das ideologias da modernização, do desenvolvimento e da globalização, contribuindo para a implementação de políticas econômicas e sociais concretas que permitiram ainda maior grau de hiperexploração e de apropriação do excedente econômico pelo grande capital (p. 03).

Nesse sentido exposto por Leher, o conhecimento a ser produzido pela universidade no atual contexto não está preocupado em desenvolver uma formação ampla e geral com os estudantes, articulando os aspectos políticos e instrumentais da educação superior, mas vem se empenhando em formar pessoas com as competências necessárias para atender a demanda de mão de obra que o mercado

---

<sup>28</sup> Citamos, por exemplo, as áreas prioritárias do Programa Ciências sem Fronteiras.

necessita. É a face mais nova do aprender a aprender, conforme a crítica de Duarte (2003):

Aprender a aprender é, pois, um lema que sintetiza uma concepção educacional voltada para a formação, nos indivíduos, da **disposição** para a constante e infatigável adaptação à sociedade regida pelo capital (p. 11 – grifos nossos).

Entre as consequências disso está à frenética busca pela produção acadêmica, meio pelo qual, pesquisadores são reconhecidos no cenário acadêmico. Os modelos de avaliação desenvolvidos por CNPQ e CAPES, baseados na quantidade de produções e na qualificação das revistas científicas (QUALIS), demonstra a linha produtiva / meritocrática que os pesquisadores (docentes e alunos das universidades) precisam se submeter para alcançar, entre outras disponibilidades, aprovação em projetos para obter recursos com os quais possam fazer o seu próprio trabalho. Os requisitos para a avaliação não são discutidos democraticamente, com participação massiva dos pesquisadores, o que torna o produto das pesquisas ainda mais questionado, mediante os interesses do povo. Na realidade, tais processos inserem nas práticas e relações acadêmicas e no processo de acesso aos recursos as lógicas competitivas e mercantis, tornando-as mais funcionais ao capital e as relações capitalistas em sua sustentabilidade.

Trein (2011), ao analisar o fenômeno do produtivismo acadêmico em uma revista direcionada aos docentes das universidades públicas federais, entende que

Acreditamos que o desafio, hoje, seja o de transitarmos em direção ao outro, ou seja, à sociedade em sua totalidade e à classe trabalhadora, em especial. Sem essa conexão dificilmente poderemos retornar a nós mesmos, plenos do sentido qualitativo do nosso fazer que não se constrói a partir de nós exclusivamente, mas que necessita da mediação da interlocução com as necessidades do outro, sem a qual todo o nosso esforço ficará apartado dos resultados concretos que desejamos ver refletidos numa sociedade emancipada. Mais do que discutir o produtivismo, precisamos resgatar o valor de uso social de nosso trabalho, superando o valor de troca material e simbólico que caracteriza o trabalho intelectual produzido no meio acadêmico (p. 786).

Enfim, temos o entendimento que, infelizmente, a universidade pública brasileira e as opções políticas que o governo atual vem fazendo não proporcionam esperanças para aqueles que sonham uma realidade transformada. A mercantilização do conhecimento vem sendo operacionalizada sob instrumentos legais, acordos com organizações multilaterais e políticas de ampliação das IES

para a formação de mão de obra adaptável ao mercado, a flexibilização curricular e a escolha de algumas áreas prioritárias para financiamento. Ou seja, profissionais que estejam aptos a lidar com as necessidades de um país em 'crescimento' e, sobretudo, aquelas apresentadas pelo capital. Tudo isso conjugado com a deserção do Estado no que se refere à garantia dos interesses do povo, sobretudo em um país onde as contradições sociais são muito graves e visíveis aos nossos olhos.

Consideramos, pois, que a universidade pública brasileira reflete e está imersa nas contradições suscitadas da crise do modo de produção capitalista, ou seja, de um lado, as políticas atuais buscam torná-la mais funcional aos interesses privados dos setores dominantes (empresariais) e daqueles que o representam no aparato político estatal (gestão atual); de outro, buscam inserir nas práticas e relações as lógicas e processos mercantis e competitivos. Sendo assim, então, como podemos pensar uma educação, em especial, uma educação ambiental crítica que, neste contexto contraditório e em disputa, nos ajude a problematizar a realidade e instrumentalizar aqueles que lutam para uma realidade diferente? É necessário, em nossa opinião, um contraponto a crise e um olhar de esperança.

#### **2.4. Educação Ambiental Crítica: um contraponto necessário**

Entendemos que deste mesmo quadro de crise, surge uma proposição educativa capaz de problematizar a organização social em que vivemos. Questionar fortemente os padrões de produção e consumo em todas as suas dimensões, visualizando uma sociedade sob bases socialmente justas naquilo que produz, distribui e consome. A pertinência da Educação Ambiental Crítica se apresenta nesse trabalho como uma alternativa central que agrega tais dimensões.

Em sintonia com o pensamento crítico, o qual possibilita-nos projetar uma organização social sem a presença da exploração humana e desta sobre a natureza, gostaríamos de apresentar alguns princípios da educação ambiental, os quais orientaram a organização e a interpretação do material empírico desta dissertação. Obviamente que nosso esforço será de ilustrar como aparecem estas críticas em autores que já tem alguma trajetória no pensamento da educação ambiental. Nosso interesse é oportunizar uma síntese das ideias destes autores, aos quais nos aproximamos a partir da perspectiva aqui assumida.

Inicialmente, diríamos que a caracterização da educação ambiental enquanto crítica, não assume neste trabalho, uma visão de mundo dogmática e determinista, mas procura compreender a realidade em sua totalidade complexa, encontrando o movimento geral da mesma a fim de intervir sobre. Deste modo a advertência de Loureiro (2007) é pertinente.

Quando a abordagem crítica não se cristaliza em dogmas e em mecanicismos nas relações cultura-economia e linguagem-trabalho, assumindo o método dialético, permite uma leitura não fatorialista e não dicotomizada de temas atuais de enorme relevância (classe, gênero, direitos humanos, conflitos étnicos-raciais, etc.), sabendo relacionar constitutivamente igualdade e diversidade nas lutas sociais (p.18).

Entendemos que estes são cuidados importantes para não desenvolver uma educação ambiental fragmentada, privilegiando alguns aspectos<sup>29</sup> da formação humana em detrimento de outros. No caso da educação ambiental crítica, é possível considerar que a temática ambiental é assumida enquanto uma dimensão importante da formação humana, principalmente se for reconhecida enquanto uma área de silêncio (Grun, 1996) da educação moderna, a qual se estabeleceu sob a organização da sociedade capitalista industrial e, desde sua origem, esteve a serviço deste projeto social, econômico e político (TOZONI-REIS, 2007).

Carlos Loureiro (2009), renomado autor da educação ambiental crítica organizou, a partir dos estudos marxistas e com influência de pensadores da educação brasileira como Dermeval Saviani e Paulo Freire, um conjunto de princípios que fundamentam as práticas em educação ambiental que almejam a transformação da realidade. Entre eles,

O diálogo, que é a base do processo educativo, os consensos e o senso de solidariedade cruciais para a democratização da sociedade, se constrói não com sujeitos abstratos, mas sim entre sujeitos concretos, situados socialmente, com nomes, histórias, vontades, paixões sonhos desejos, interesses e necessidades próprios. Então, é por isso que dialogar sem explicitar diferenças e conflitos estruturais significa escamotear o autoritarismo inerente às concepções que querem se afirmar como verdades absolutas ou atemporais ou que procuram afirmar a verdade científica e técnica como superiores, ignorando outros saberes (p.90).

---

<sup>29</sup> De um modo geral, as críticas feitas ao pensamento marxista e a proposição que essa abordagem apresenta a Educação reside na existência de sobredeterminação da dimensão econômica sobre as demais dimensões que compõem a vida humana. Boron (2006) trata com autoridade deste assunto, buscando, nos próprios textos de Marx as respostas para tais críticas, localizando a ausência do princípio da totalidade nas afirmações feitas.

No caso da educação ambiental, é fundamental resgatar o sentido crítico que lhe é específico, o que, por sua vez, leva a superação da visão salvífica dos processos educativos ambientais, desnaturalizando-os enquanto uma prática determinada pelo modelo social vivido e abrindo possibilidades históricas para que grupos sociais, comprometidos com a transformação da realidade, também avancem em suas ações por meio do processo educativo. Em outras palavras, ainda que a hegemonia capitalista venha sendo incontestável, existem possibilidades reais para que a educação exerça uma função transformadora.

A prática educativa ambiental em sua vertente crítica pressupõe o diálogo entre sujeitos concretos, que vivem em sociedade e estão imersos em uma diversidade cultural eminentemente rica. Afirmar o diálogo enquanto meio para o desenvolvimento de uma educação crítica significa reconhecer a pertinência das diferenças, considerando o conflito enquanto uma necessidade para bom embate de idéias e o amadurecimento da compreensão da realidade. Do contrário, o diálogo faz-se de forma idealizada, passando a existir somente entre aqueles ditos “iguais”, sendo destituído do seu caráter político e, por isso, ingenuamente intencional.

A educação ambiental crítica entende que

A percepção de que os problemas compreendidos como ambientais são mediados pelas dimensões “naturais” (no sentido das relações com os fatores abióticos, seres vivos, e o planeta como um todo), econômicas, políticas, simbólicas e ideológicas que ocorrem em dado contexto histórico e que determinam a apreensão cognitiva de tais problemas. A realidade se define na dinâmica entre aspectos objetivos e subjetivos. Logo, não é passível de ser apreendida igualmente pelos indivíduos, mas se constitui pelos sujeitos, pelos grupos em relação na natureza, e é compreendida dentro de certo “prismas” e lugares a partir dos quais olhamos e agimos (LOUREIRO, 2009 p.91).

O fenômeno educativo ambiental, ao realizar a problematização da organização social em virtude de uma crise sócio-ambiental vivida, considera que a emergência da temática ambiental não está determinada apenas por um ou outro fator, mas diz respeito à inter-relação entre os diferentes fatores que compõe a vida em sociedade. Por isso é fundamental, quando optamos por contribuir na transformação da realidade, considerar a existência dessas dimensões e compreender como estão inscritas dentro do movimento da totalidade social.

O desafio apresentado à educação ambiental crítica, qual seja de apreender a dinâmica da vida social para intervir sobre ela, vem atribuindo aos aspectos

materiais e históricos a origem das formas de pensar e a própria constituição da subjetividade. Nas palavras de Marx (1986), *não é a consciência do homem que determina o seu ser, mas, pelo contrário, o seu ser social é que determina a sua consciência*. Dessa forma, ao reconhecer que as pessoas vivem sobre condições materiais desiguais, igualmente devemos reconhecer que a maneira como as pessoas internalizam (MÉSZÁROS, 2008) os conhecimentos também se faz de maneira desigual. Isso precisa ser considerado quando as práticas educativas ambientais se efetivam nas instituições e na sociedade como um todo.

Entretanto, não queremos assumir um sentido unidirecional na relação objetividade-subjetividade. A subjetividade, ainda que condicionada pela materialidade da vida, exerce um papel fundamental no processo de transformação da realidade, pois ela desenvolve sentimentos, emoções e a própria consciência, aspectos fundamentais para humanização plena no mundo. O que é importante afirmar é, para que as mudanças sociais aconteçam, já não são suficientes às modificações no “chão-da-fábrica” (MARTINS, 2008), mas as transformações no campo da consciência e do próprio mundo simbólico.

Dessa forma, a inserção crítica dos sujeitos no mundo, na realidade, é que podemos compreender outro princípio da educação ambiental crítica. Para Loureiro (2009)

O desenvolvimento da capacidade teórica se dá no sentido da indissociabilidade entre esta e o agir em situações concretas do cotidiano da vida. Como já foi dito, teoria sem prática é exercício racional abstrato sem efeito concreto, prática sem teoria é ativismo que não resulta em processos objetivos de mudança (p. 91).

No entanto, a fragmentação do processo de produção do conhecimento, fruto do modelo cartesiano compartimentado, ratificada pela abordagem positivista e legitimada pelo Capitalismo, exerce enorme influência no problema da relação entre teoria e prática na atualidade. São raras as experiências vivas que não caem na dicotomização entre essas duas dimensões do ato educativo.

De um modo geral, nas perspectivas tradicionais e bancárias a teoria e/ou os conteúdos estão ligados à idéia da internalização de conhecimentos / conteúdos, transmitidos em instituições formais ou não-formais, por meio de estudos, reflexões e sínteses. Prática, por sua vez, tem a ver com aquilo que se faz, não devendo estar, necessariamente, ligada ao que se estuda (teoria). Essa separação é

frequente nas mais diversas instituições, sejam públicas ou privadas, enraizando ainda mais a fragmentação da educação.

É importante lembrar que Freire (1980) buscou, de certa forma, superar este problema, a partir o termo *conscientização*<sup>30</sup>. Em suas palavras, *a conscientização não está baseada sobre a consciência, de um lado e o mundo de outro; por outra parte, pretende uma separação. Ao contrário, está baseada na relação consciência-mundo. (p.27).*

Considerando que teoria e prática formam uma unidade dialética (Freire, 1980), o autor já não aceita determinada atomização destas dimensões, mas compreende-as juntas e por contradição, gerando o processo de conscientização, momento em que as pessoas assumem o papel de sujeitos que fazem e refazem o mundo (Freire, 1980).

Quando a educação ambiental crítica assume a unidade contraditória entre teoria e prática, reconhecendo-as como partes essenciais e complementares da prática social como um todo, podemos atribuir o sentido político ao ato educativo. Assim, é arriscado teorizar sobre situações ideais, hipotéticas, caindo facilmente em um relativismo que só favorece a quem não deseja uma realidade diferente. Pela indissociação entre teoria e prática, a Educação Ambiental reúne condições concretas para que ela própria seja desenvolvida em direção do estreitamento da relação entre sociedade e natureza, aliando conhecimentos historicamente produzidos e as necessidades do mundo atual, buscando, de fato, atender as necessidades da vida humana.

O desejo de uma realidade verdadeiramente transformada, onde não haja mais exploração humana, degradação ambiental e a apropriação desigual das riquezas e da própria natureza é o que persegue a educação ambiental crítica. Contudo, para que tais finalidades sejam alcançadas, é preciso partir do

Pressuposto de que a preparação dos sujeitos da ação educativa é feita prioritariamente para estes se organizarem e intervirem em processos decisórios nos diferentes espaços de participação existentes. Educação é emancipação, portanto, deve instrumentalizar e preparar o indivíduo para escolher livremente os melhores caminhos para a vida que se quer levar em sociedade e em comunhão com a/natureza. (LOUREIRO, 2009 p.91).

---

<sup>30</sup> Vale lembrar que Paulo Freire não foi o autor da palavra Conscientização. Ele mesmo, na obra "Conscientização: Teoria e Prática da Libertação", afirma que a autoria do termo é de um grupo de professores, entre eles Álvaro Vieira Pinto. Ver Freire, (1980).

Podemos perceber que o ato educativo não possui finalidade em si próprio, mas tem um compromisso com o fazer histórico, buscando fomentar, para além do espaço formativo, uma atitude concreta das pessoas na sociedade. Significa que, por meio da educação, os sujeitos podem reunir as condições necessárias para participação social efetiva, tão necessária para romper com os processos de agravamento da crise socioambiental vivida.

A educação ambiental crítica atua no terreno das contradições sociais que geram os problemas ambientais e, por conseguinte, uma ameaça constante da vida planetária. Ela busca, por meio do diálogo, em seu sentido concreto, como já citamos, os meios para a superação da ordem naturalizada das relações sociais, pois compreende que esta naturalização contribui para limitar o processo de humanização das pessoas, o que traz consequências drásticas, tanto sociais quanto ambientais. Entende que o princípio da indissociação entre teoria e prática compõe um importante fundamento do processo educativo, pois não suporta em suas dinâmicas pedagógicas outro objeto a ser desvelado que não seja a realidade concreta. A teoria, neste sentido, é uma prática problematizadora da realidade que só pode ser transformada quando oferece instrumentos necessários para isso, sendo, um destes instrumentos, a participação nos ambientes decisivos da sociedade.

A crise do capitalismo, geradora do problema ambiental e das políticas contraditórias da universidade pública representam o espectro de onde visualizamos o fenômeno da pesquisa, o qual será analisado desde os princípios de uma educação ambiental que se pretende crítica. Em outras palavras: em que medida extensão universitária do NUDESE-FURG considera, por meio de suas práticas, o cenário de crise que o mundo capitalista vive.



## **CAPÍTULO 3**

### **EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA DA FURG E ASSOCIATIVISMO POPULAR NA REGIÃO DE RIO GRANDE-RS**

Tendo apresentados no capítulo anterior, o contexto e os princípios da educação ambiental crítica, realizaremos agora a aproximação do contexto das atividades extensionistas do NUDESE-FURG. Para tanto, a partir de documentos e entrevistas, descrevemos sua criação, as primeiras experiências e projetos, as áreas atendidas e a articulação com as intencionalidades no que tange a extensão universitária bem como as contradições que, em nossa interpretação, acabaram por causar a dependência das associações populares ao acompanhamento respectivo núcleo, dentre outros aspectos constatados nesta dissertação.

Nosso caminho iniciará, entretanto, por algumas breves palavras sobre a história da extensão universitária da FURG. Para isso, tomaremos como principal referência a dissertação de mestrado da assistente social e técnica administrativa da FURG, Darlene Torrada Pereira. O seu trabalho dissertativo ocupou-se em organizar um estudo abrangente sobre a extensão dessa universidade, procurando observar como as populações de Rio Grande entendiam as ações extensionistas realizadas naquele período (1999 – 2000). Um importante estudo que, mais tarde, contribuiu para as modificações que ocorreram na estrutura da FURG.

Darlene T Pereira, em seu estudo, em particular no capítulo quarto, descreveu o caminho da extensão nesta universidade até sua institucionalização, relacionando-o com o contexto mais amplo, sobretudo com o período ditatorial, quando a FURG iniciou suas atividades. O NUDESE-FURG tem suas raízes nessa história, ainda que apresente especificidades próprias, descrita pela autora. A seqüência do capítulo apresentará o núcleo da FURG, e sua história, tomando por base as entrevistas realizadas com os membros que estiveram presentes nas ações que deram origem ao NUDESE-FURG.

#### **3.1. A Extensão Universitária na FURG no período ditatorial**

Em decorrência do Golpe de 1964, todo o ordenamento político-social do país sofreu grandes transformações. No âmbito das universidades e especificamente da Extensão Universitária, as práticas desenvolvidas atendiam, em

tese, a ideologia do estado autoritário e desenvolvimentista. O principal objetivo visado pelo governo militar, nessa época era, por meio de seus instrumentos, manter o controle social e vender a ideia que a nação deveria estar unida aos interesses dos militares. As principais estratégias para reformular as práticas extensionista no período militar foram o Projeto Rondon, os Campus Avançados.

O Projeto Rondon foi uma estratégia encontrada para envolver os estudantes no projeto de desenvolvimento, integração e interiorização do projeto político nacional, sendo uma maneira de neutralizar o movimento estudantil, que se configurava enquanto uma ameaça à ditadura. Segundo Sousa (2000), a ideia do Rondon foi importada da Inglaterra, da experiência denominada “serviços de desenvolvimento”, cuja finalidade era realizar trabalhos de cooperação junto aos países subdesenvolvidos. Tal projeto era baseado em alguns princípios como a participação da juventude no processo de desenvolvimento do país, a adequação da profissão às realidades, exigências do mercado de trabalho e a prestação de serviço aos órgãos públicos. A principal característica era a retirada dos estudantes do seu meio de atuação, sendo levados para regiões de difícil acesso do país, para promover cursos, capacitações junto às comunidades mais afastadas dos grandes centros, com objetivo de difundir o pensamento militar, a integração e as ideias desenvolvimentistas.

Outra ação desenvolvida no período da ditadura foi o Campus Avançado. Buscando chegar ao interior do país e estabelecer uma relação mais direta com as comunidades, a fim de difundir o ideário militar, o estado promove a incursão das universidades aos lugares mais distantes.

O Campus Avançado deveria ser uma extensão da própria universidade, que atuaria fora da área geoeducacional, caracterizando-se pela presença permanente de professores e alunos, atuando em atividades que promovessem o desenvolvimento daquela microrregião. O campus seria, em conjunto com outros fatores da comunidade, um agente de desenvolvimento local. (SOUSA, 2000, p. 66)

Entretanto, o trabalho realizado tinha um caráter puramente ideológico, destinado a promover a extensão a favor dos anseios do estado, sem que isso, necessariamente atendesse as reais necessidades da população e suas demandas sociais. É a Extensão Universitária a serviço dos interesses desenvolvimentistas do governo, que, por sua vez, estava de acordo com interesses externos de países

capitalistas como os EUA. Era o esforço militar para que a ameaça comunista não ganhasse amplitude no território brasileiro.

As propostas de Campus Avançado e Projeto Rondon estavam articuladas. Na verdade, a ideia de Campus veio dos estudantes que participavam do Rondon e reclamavam ações mais sistematizadas e permanentes nas microrregiões. Assim, o governo articulou as duas iniciativas, sendo que o Campus deveria atuar conforme os princípios do projeto Rondon. Este representava, naquela época, os reais interesses dos militares.

A Universidade, ao se integrar ao Rondon, deixava-se servir como instrumento ideológico para repassar a nova ordem política proposta. As atividades de Extensão eram meros instrumentos para reforçar os planos governamentais de um Estado autoritário (SOUSA, 2000, pág. 69).

Apesar da articulação entre as duas ações, o trabalho conjunto não pôde ser considerado satisfatório. Em síntese, o Ministério da Educação recebia duras críticas dos Gestores do Rondon em virtude das posições inflexíveis que tinham e a escassez de recursos. É neste contexto que a extensão universitária da FURG se constitui, iniciando suas atividades. Pereira (2004) expõe sobre a participação da universidade no projeto do Campus Avançado:

O Projeto Rondon foi, de fato, o marco inicial da ação extensionista mais efetiva na FURG. Os professores Luiz Arthur Dornelles e Paulo Gonçalves foram os responsáveis pela elaboração do primeiro projeto de Campus Avançado, que visava estender a ação da universidade a uma região distante através de suas operações regionais e nacionais. Para a FURG, foi definida a cidade de Cáceres, no Mato Grosso, para implantação do projeto, juntamente com as universidades federais de Pelotas e do Mato Grosso (p. 94).

Sabe-se, no entanto, que a própria criação da Universidade Federal do Rio Grande está contida no pacote estratégico das opções políticas do governo militar, cujas características acima foram descritas. Para contribuir, a cidade do Rio Grande, devido seu posicionamento geográfico estratégico (principalmente por seus acessos marítimos) era considerada área de segurança nacional, o que beneficiava ainda mais o pensamento ideológico do regime da época, acarretando na constituição de um consenso social generalizado que atingiria o pensamento daqueles que conduziam a FURG nos primeiros anos.

Pereira ao abordar a contribuição da extensão universitária da FURG no Campus Avançado, deixa clara a forma como esse tipo de trabalho era entendido, bem como as contribuições nas comunidades em que atuava:

A universidade realizou, juntamente com as outras universidades, diversas atividades e cursos que **contribuíram para o efetivo desenvolvimento daquela região com repercussão nacional** (p. 95 - grifos nossos).

É naquele período (1979) que é instituída a Superintendência de Extensão (SUPEXT), vinculada a então chamada Sub Reitoria de Ensino e Pesquisa. Em 1979, já sob administração de um professor que retornara de Cáceres-MT, a SUPEXT implementa uma série de ações que vão demarcar os primeiros traços da extensão da FURG:

O prof. Péricles fez os primeiros contatos para a criação da Editora, hoje consolidada como uma unidade administrativa – Editora e Gráfica da FURG – EDGRAF. Criou o Coral da FURG e o Teatro. Começou a estruturar-se o setor artístico – cultural, tendo como responsável o senhor Jorge Preiss que trabalhava com música erudita e medieval, além de reger o Coral da FURG, que recepcionou corais da UFPEL, UFRGS, UNISINOS e da Universidade Complutense de Madri, assim como a Orquestra de Câmara da OSPA. Para dirigir o teatro, foi convidado o ator rio-grandino Luiz Carlos Magalhães, que ficou impedido de assumi-lo por não haver conseguido transferência de seu trabalho, em Porto Alegre, sendo, então, contratada a atriz Vaniá Brown que assumiu a coordenação do grupo de Teatro, trazendo para Rio Grande espetáculos regionais e nacionais. Cria-se, ainda o CTG Farrroupilha. Essas atividades funcionam até hoje ligadas à SUPEXT, com uma efetiva atuação na comunidade. O Coral é regido pela maestrina Janice Müller de Andrade, técnica responsável pelos Corais Universitário e do CAIC. O Teatro é coordenado pelo Prof. Fernando Mendonça e o CTG é administrado por diretoria própria, formada com quadros de servidores da Universidade (p. 96).

São atividades chave para concretizar a extensão universitária na FURG. Apesar da importância que representam no contexto da cidade, entendemos que este tipo de extensão demonstra o fortalecimento do ideário dominante da época, ausentando qualquer tipo de problematização social que a extensão pudesse suscitar.

As origens e primeiras atividades junto à comunidade que a FURG organizou estão carregadas da ideologia nacionalista, autoritária e desenvolvimentista. Neste cenário, a FURG cumpre o papel estratégico do governo militar e atende de forma inquestionável e politicamente passiva aos interesses anticomunistas da época.

Já na década de oitenta, a universidade amplia sua abrangência extensionista e chega como trabalho nas vilas da cidade. Pereira recorda como o trabalho foi feito em uma localidade da cidade do Rio Grande:

Em 1982, diversos projetos, na área da saúde, começam a atuar nos diversos bairros da cidade, porém o que teve maior relevância foi o “Dom Bosquinho”. Este se instalou no centro comunitário que funcionava no Yatch Club dos Ferroviários, no final da rua Duque de Caxias, e atendia, principalmente, na área da saúde, cerca de 150 famílias oriundas do êxodo rural de Pinheiro Machado, Pedro Osório e Piratini. **Os estagiários, da área da saúde, faziam vacinação e atendimento médico. As casas caracterizavam-se como ocupações ilícitas sem nenhuma infraestrutura. Visando minorar a falta de condições daquelas famílias e promover melhoramentos na infraestrutura básica, viabilizou-se, junto à Prefeitura, o recolhimento do lixo e a colocação de torneiras comunitárias** (p. 98 – grifos nossos).

São as primeiras experiências registradas de atividades diretamente nas vilas pobres da cidade, atuando na área da saúde e infraestrutura, para isso, realizando parceria com a prefeitura municipal. Mesmo que isso não configure mudanças no pensamento extensionista da época, demonstra a preocupação de algumas pessoas com a realidade social da cidade que, neste período, em função do processo migratório de cidades vizinhas para Rio Grande, em busca de trabalho no super porto, distrito industrial e indústrias de pescado, já davam sinais da conformação de grandes periferias pobres, tal como hoje existe.

No interior da universidade, devido o avanço no trabalho realizado e maior alcance populacional por meio das ações, a FURG realiza em 1983 o I Seminário de Extensão Universitária. Foi o primeiro encontro ampliado, o qual se ocupou, entre outros objetivos, em refletir o papel da extensão universitária contemporânea, partilhar experiências e estabelecer uma política de extensão que direcione as atividades extensionistas (FURG, 1983 p. 03).

O desenvolvimento da pesquisa como forma de extensão, oferecendo seus resultados a comunidade; a valorização da convivência interdisciplinar de docentes em torno de uma atividade comum, corrigindo distorções do especialismo; promover a mobilização da cultura popular; a implementação de programas especiais de formação intensiva de pessoal qualificado e; o incentivo à divulgação de observações e informações de caráter científico realizadas em laboratórios, para que se tornem conhecidas no meio social, foram caminhos estratégicos criados para ampliar o trabalho (FURG, 1983, p. 04).

Podemos perceber que se iniciam as argumentações sobre a indissociação entre as atividades de ensino, pesquisa e extensão. No entanto, permanece o desejo de levar ao meio social aquilo que é produzido no interior da universidade, o que representa um imaginário que a universidade é quem produz o conhecimento e deve levá-lo para fora, torná-lo disponível. O que, em nosso entendimento, representa um avanço é a ideia apresentada sobre cultura popular. É bom lembrar que o ano era 1983, pleno processo de redemocratização, onde as ideias eram expressas com mais liberdade, mesmo com a permanência do regime.

Apesar das condicionantes sociais e políticas da época, Pereira avalia que o seminário foi um marco na história da extensão da FURG. Segundo ela, o evento representou uma tentativa de superar o assistencialismo até então praticado, com o objetivo em promover uma extensão que nasce do sentimento e do compromisso que a universidade assume com o seu meio (p.101). Em nossa leitura, são nestes primeiros eventos e ações de extensão que se configuram as bases para as práticas que hoje dão corpo às atividades extensionistas que temos. Elas representaram, no passado, um avanço importante, necessário para aquele momento, mas que ficou carente de um processo contínuo de reflexão e lutas pela garantia da extensão enquanto produtora e difusora dos conhecimentos.

O segundo Seminário de Extensão Universitária da FURG foi realizado em 1984 e buscou dar continuidade ao primeiro, com intuito de avaliar as ações e propor novas formas para dinamizar a extensão. Neste período, os projetos de maior destaque eram: Programa Regional de Ação Integrada (articulação das IES com o sistema de educação básica); Serviço de Apoio a Melhoria do Ensino de Ciências; Serviço de Assistência Judiciária; Serviço de Assistência à Construção Civil; Projeto Vila Dom Bosquinho; Implantação do Banco de Leite Materno; Exame Citológico do Colo do Útero e; Feira do Livro. Ainda que haja projetos grandes, de forte impacto na vida da comunidade, o segundo seminário aponta para a necessidade da institucionalização da extensão junto aos departamentos da universidade, se tornando uma atividade a ser difundida por todos no ambiente acadêmico.

Neste sentido, os principais avanços institucionais vieram onze anos após a criação a SUPEXT. Tal superintendência foi incorporada como atividade fim da universidade, tendo como eixo articulador o recém criado Comitê de Extensão. Pereira diz que:

Para viabilizá-la, foi definida a institucionalização do Comitê de Extensão, com a deliberação 13/88 do COEPE como órgão deliberativo ligado à SUPEXT, composto por representantes dos Departamentos, da Superintendência e um representante de cada segmento da Universidade (docente, técnico e discente). Criado para zelar pela qualidade da extensão institucional e incentivar o seu desenvolvimento na FURG, o Comitê de Extensão tem como seu objetivo, segundo seu regimento interno, “avaliar, selecionar e decidir os projetos que integram as atividades extensionistas, em consonância com a filosofia e política de extensão da FURG” (p.106).

A partir disso, uma série de regulamentações foi criada pela universidade, via Comitê de Extensão, para organizar as ações extensionistas na SUPEXT e nos departamentos. É possível dizer que todos estes procedimentos contribuíram para que os projetos elaborados tivessem claros os critérios para aprovação, mediante os objetivos da universidade para o segmento, bem como as intencionalidades dos seminários de extensão realizados no período. É nesta época que os relatórios dos projetos passam a ser solicitados para a garantia do projeto no próximo ano. Também, a origem dos projetos de extensão, salvo aqueles conduzidos pela própria SUPEXT, deveria ser os conselhos de departamentos, espaço no qual os professores submeteriam suas ações.

Neste contexto é que surgem importantes projetos de extensão da FURG.

Entre eles:

Dois importantes projetos chegaram à comunidade em 1989: o Projeto Educativo e Preventivo para o Uso de Drogas, que começou como ensino e pesquisa, mas, logo a seguir, envolveu a extensão sob a coordenação do Prof. Fernando Amarante Silva e o Projeto Adeus aos Lixões, que era tratado, no ensino, na disciplina de Saúde Pública com o Prof. Arthur Oliveira. Como projeto de extensão, iniciou em 1988, com a Exposição de Fotografias: “Rio Grande é um lixo?” da Professora Eliane Duarte (PEREIRA, 2000 p. 110).

Citamos essas duas experiências, pois elas representam um tempo considerável de avanços em relação aos projetos da FURG. O primeiro<sup>31</sup>, situado junto ao Hospital Universitário e ligado ao setor da saúde, desenvolve ações de prevenção ao uso de drogas até os dias atuais. Promove cursos, assessorias sobre as consequências do consumo de drogas, tendo aprovado nos últimos anos um curso de pós-graduação *lato sensu* sobre o assunto, ligado a Faculdade de Medicina da FURG.

---

<sup>31</sup> Atualmente o projeto ganhou status de programa e é conhecido popularmente como CEMPRE.

O outro projeto, denominado Adeus aos Lixões, além de socializar a realidade dos depositários na cidade por meio da exposição de fotos, conforme citado, levantou o debate sobre a problemática ambiental na região, sobretudo nas escolas da cidade, junto aos professores. *Este projeto tinha como objetivo, trabalhar a conscientização socioambiental com a população e fomentar formas adequadas para alocação dos resíduos sólidos, bem como solicitar ao poder público, a coleta seletiva.* O destino dos resíduos, na proposição, seria organizações cooperativas<sup>32</sup>. Assim, um resultado concreto do projeto Adeus aos Lixões foi a constituição da primeira associação de catadores e separadores de lixo do Rio Grande (VALLE, et alli, 2011 p. 42).

Hoje, analisando as realizações do projeto, podemos tecer olhares críticos, afinal de contas a problemática do lixo não está na sua irresponsável alocação (ou somente nisso), mas abrange a questão da produção e consumo de mercadorias desnecessárias a vida humana. No entanto, considerando o contexto da época, final dos anos oitenta e início dos anos noventa, anterior ao conferência da ONU “Rio 92”, quando a questão ambiental ainda não estava na ordem do dia (o que não pode ser afirmado em relação ao movimento ambientalista), nos parece que o projeto abriu os debates sobre o assunto na cidade, principalmente com poder público e com a sociedade civil.

Portanto, deste período, ou seja, da ditadura militar (até 1989) diríamos que a extensão, através de suas atividades tinha algumas características:

- inicialmente a extensão estava alinhada com o ideário militar e contribuiu para que os projetos do regime fossem implementados, o que demarca a posição de seus extensionistas com o pensamento da época.
- com o passar dos anos, a extensão ganhou traços da prestação de serviços, realizando atividades em vilas da cidade e auxiliando para que problemas de infraestrutura fossem resolvidos.
- apesar disso, os seminários de extensão foram realizados, fomentando um debate sobre os rumos deste segmento universitário. A institucionalização da extensão é realizada neste período (segunda metade dos anos 80), bem como a criação do comitê de extensão;

---

<sup>32</sup> Objetivos extraídos do projeto original.

- além da prestação de serviços, outros projetos (CEMPRE e Adeus aos Lixões) de cunho informativo iniciaram, dando a entender que os rumos da extensão permaneceriam com vínculos assistenciais e na prestação de serviços.

Veremos, em seguida, se deu a sequência do trabalho de extensão após esse período, bem como a criação do trabalho que deu origem ao NUDESE-FURG.

### **3.2. A extensão na FURG no período pós-ditadura e as origens do NUDESE-FURG**

A década de noventa, após mais de 25 anos de ditadura militar, depois de ocorrer à primeira eleição a presidente do país em 1989<sup>33</sup>. Naquele período, as forças populares que tinham lutado contra a ditadura militar, tinham grandes possibilidades de serem eleitas, no entanto, por motivos que fogem aos nossos objetivos aqui, foram derrotadas e quem assume é um “filhote” da ditadura, chamado Collor de Melo, o qual seria cassado anos depois, sob forma de impeachment. Itamar Franco assume (seu vice) e prepara as condições para a eleição de Fernando Henrique Cardoso, ex-ministro da economia (e autor do plano real), em 1994, governando até 2002. Neste ano, Lula, um metalúrgico e líder sindical foi eleito em dois mandatos, governando até 2010; e neste mesmo ano é eleita Dilma Roussef, do mesmo partido, o PT (Partido dos Trabalhadores) para governar o país até 2014.

É no período de 1993 que FURG, adere a Campanha Nacional de Ação da Cidadania contra a Fome e a Miséria e pela Vida, movimento que inicia na sociedade civil encabeçada por Betinho<sup>34</sup>, e que tinha neste momento, pouco apoio dos gestores federais, pois é difundida em contraposição a ampliação da miséria decorrente das políticas neoliberais desenvolvidas por Collor de Mello. A campanha, além de outras ações, propunha a coleta de alimentos para distribuição em meio às populações mais empobrecidas e excluídas das cidades. Dentre as ações da FURG neste período, destacamos a ajuda na criação do comitê da cidadania em Rio Grande, do qual a universidade se torna participante com representações.

---

<sup>33</sup> Rio Grande, como área de segurança nacional, tinha seus prefeitos indicados pelos militares, e apenas em 1984, ocorrerá à primeira eleição, à qual terá sua segunda, em 1988.

<sup>34</sup> Herbert de Souza, sociólogo, autor de vários livros, ficou conhecido nacionalmente por criar a campanha mencionada e lutar em prol dos mais pobres, mesmo sendo portador do vírus HIV-AIDS.

Segundo Pereira, o comitê constituiu-se, ainda hoje, em um parceiro da Extensão no trabalho de ação social (p. 111). Além disso, um projeto de destaque foi o Trabalho Comunitário:

Trabalho Comunitário, projeto que conciliou a geração de trabalho e renda e o atendimento de demandas básicas de limpeza em bairros da periferia de nossa cidade. Iniciou-se, em 1994 por iniciativa de servidores das FURG (p. 111).

Este projeto foi desenvolvido por servidores da universidade e deu origem a uma cooperativa de prestação de serviços, da qual trataremos na próxima seção do capítulo. Mas, ainda em 1993, foi realizado o terceiro Seminário de Extensão Universitária o qual teve na programação discussões teóricas e relatos de experiências dos projetos. No entanto, Pereira afirma que o seminário teve pouca adesão entre a comunidade universitária (p. 114).

Deste período até o final dos anos noventa, algumas modificações ocorreram na extensão universitária da FURG (agora já no período do governo de Fernando Henrique Cardoso - FHC). O desmembramento da Pró-Reitoria de Ensino e Pesquisa ocorreu, criando três novas: Pró Reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis – PROACE, Pró Reitoria de Graduação – PROGRAD e Pró Reitoria de Pesquisa e Pós Graduação – PROPESP. Nesta configuração, a SUPEXT passou a estrutura da PROACE, a qual permaneceu até 2007, quando ocorreu a última reforma administrativa da FURG.

No período que compreende 1999 – 2002, quando a gestão do governo estadual assumiu com o governador Olívio Dutra (PT), muitos projetos foram desenvolvidos, principalmente no âmbito da prestação de serviços a pequenas / médias empresas e cooperativas, os quais se contrapunham aos projetos desenvolvidos no âmbito federal, por FHC. A FURG teve um papel importante, pois já tinha acúmulo em assessoria a empreendimentos deste tipo, por meio do projeto de extensão “Apoio e Assessoria a Grupos de Economia Popular Solidária”.

Em 2004, após eleições para reitor, um novo momento passa a ser vivido na universidade de um modo geral e também na extensão universitária, no qual grupos e setores que desenvolviam aquelas ações no combate a fome, alinhados aos grupos populares e a ‘esquerda’ assumem a gestão da FURG. Na medida em que, a partir de 2003, Lula tinha assumido como presidente, no âmbito universitário da FURG ocorre um alinhamento desta com a gestão federal, e muitos recursos

passaram a financiar a criação de novos cursos, construção de novos prédios, concessão de bolsas, etc. Mediante o complicado quadro de escassez da década anterior, sobretudo pela ameaça de privatização das universidades, este momento refletiu o início de abundância de recursos e financiamentos<sup>35</sup>.

Ao que toca a Extensão Universitária, foi um período de elaboração de projetos de extensão e de oportunidades para aumentar suas atividades devido aos advindos ao financiamento por parte do governo federal.

Em 2007, após amplo debate, foi aprovada a reforma administrativa da FURG, no contexto de um Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI e de um novo Projeto Político Institucional – PPI, e de novos regimentos internos das unidades acadêmicas. Entre as modificações estão mudanças nos nomes das unidades, passando de departamentos para institutos, escolas e centros; a alteração no nome da universidade, deixando de ser Fundação Universidade do Rio Grande, para se chamar Universidade Federal do Rio Grande – FURG; além da criação de novas pró-reitorias nos anos posteriores. Dentre elas, salientamos o desmembramento da PROACE, que dá lugar a dois novos órgãos: Pró Reitoria de Extensão e Cultura – PROEXC e Pró Reitoria de Assuntos Estudantis – PRAE. A SUPEXT deixa de existir e nasce a Diretoria de Extensão – DIEX, vinculada, desta vez, na recém-criada PROEXC.

Além disso, a ampliação dos financiamentos do PROEXT nos últimos anos elevou o número de projetos com recursos, bem como os recursos que, passaram dos dois milhões e meio de reais (2012), considerando os recursos deste programa que estão alocados naquela unidade.

Atualmente a Extensão Universitária da FURG vive um momento de expansão das ações, o que vem demonstrando a necessidade de repensar a concepção adotada deste segmento. Para isso, a PROEXC, no último ano, promoveu um curso de formação em extensão universitária, com turmas diurnas e noturnas, de modo que houvesse maior participação. O curso teve como objetivo resgatar a história da extensão no Brasil e na FURG, explicar o funcionamento da pró-reitoria, dos projetos e editais e partilhar as experiências em extensão que são desenvolvidas.

---

<sup>35</sup> Questões já referidas no capítulo anterior.

O sistema de submissão de projetos e programas de extensão foi alterado, passando por procedimentos mais burocráticos, o que tem gerado inúmeras reclamações por parte dos extensionistas. Para pleitear financiamento, os projetos necessitam ser encaminhados no chamado “Sistema de Informação e Gestão de Projetos - SIGPROJ<sup>36</sup>”. Esta é uma plataforma, ligada ao governo federal, onde todos os projetos a serem realizados, antes mesmo da submissão aos conselhos das unidades, devem ser preenchidos. Em nosso entendimento, é mais uma forma de controle daquilo que é realizado no âmbito das universidades. Mesmo assim, a origem (aprovação) dos projetos permanece as unidades acadêmicas (institutos, centros e escolas), em seus respectivos conselhos.

Analisando a história da extensão na FURG, de antes na ditadura, e no depois, é possível destacar alguns pontos:

- o início da extensão universitária da FURG está atrelada ao ideário da ditadura, ao governo militar e ao pensamento autoritário, impossibilitando, naquele momento quais tentativas de uma concepção crítica sobre o segmento. Em certa medida, isso influencia toda a história da extensão da universidade, sobretudo pelas consequências históricas de uma cidade polo para o desenvolvimento do golpe de 1964.
- Algumas tentativas foram realizadas para aproximar a universidade das camadas pobres da população. Essas atividades, geralmente de cunho assistencialista, tiveram uma importância em determinado momento, mas enfraqueceram na medida em que os quadros foram modificados e os rumos políticos da instituição alterados.
- Os espaços para discussão sobre a concepção da extensão universitária foram extremamente limitados. O próprio comitê de extensão, que nasce em 1987 com essa atribuição, passou a desenvolver ações burocráticas, como análise de projetos. O debate sobre a concepção, que poderia servir como instrumentalização para a qualidade dos trabalhos tem aparecido nos últimos anos, com pouca força. É importante dizer que a FURG realizou muito em extensão, mas pouco pensou sobre isso, em espaços institucionais de decisão, se omitindo dos debates nacionais, principalmente sobre a curricularização da extensão universitária.

---

<sup>36</sup> <http://sigproj1.mec.gov.br/>

- A prestação de serviços é o principal tipo de extensão realizada pela FURG, seja na 'parceria' com o setor privado, na formação de professores da rede pública, desenvolvimento de tecnologia, assessoria, etc.

Tendo por base estas primeiras reflexões sobre a extensão universitária da FURG, de âmbito mais geral, na parte seguinte, avançaremos mais em direção ao NUDESE-FURG, mas considerando este contexto, tendo por base às reflexões que vem sendo apresentadas bem como as partes seguintes, do trabalho junto a 2 (dois) grupos assessorados. Nosso objetivo será detalhar um pouco mais as características da extensão da universidade, dessa vez junto com o associativismo popular. No entanto, nesta parte, utilizaremos para sua construção as falas decorrentes das entrevistas realizadas com os atores sociais envolvidos ou tendo parte significativa em sua história.

### **3.3. O NUDESE-FURG: Extensão Universitária e Associativismo Popular**

#### *3.3.1. As primeiras experiências*

Como dissemos o núcleo denominado NUDESE-FURG é fruto de longos anos de trabalho com as comunidades pobres de Rio Grande. Enquanto espaço institucional, reconhecido pela universidade, o NUDESE-FURG é criado em 2002, processo que explicaremos ainda nesse capítulo. As primeiras experiências do trabalho, que culminaram na criação do núcleo, iniciaram ainda na década de noventa, por conta das ações motivadas pela campanha nacional contra a fome e a miséria e pela vida, o que mobilizou uma série de instituições, entre elas a universidade.

Mas, pelo relato de MN1, existiram experiências anteriores que foram balizadoras para que as ações iniciais fossem realizadas e o perfil de trabalho do NUDESE-FURG receba, desde aquele período, um traçado peculiar:

*Eu particularmente tinha uma relação com essas pessoas de muito tempo, em função da minha história com a Pastoral (da Juventude) que trabalhava nas comunidades. Em seguida que eu me formei, em 1990, 1991, eu entrei na FURG e ainda continuei trabalhando um tempo... Eu trabalhei na Cáritas, como assessora, então trabalhei com grupo de mulheres de pescadores, na época com frei Mário, a gente já tinha tentado formar uma cooperativa na São Miguel. Então, eu já tinha uma relação, mas não especificamente com essas pessoas. E já sabia. Por isso eu tinha certa resistência, assim, um medo, de que não ia dar certo, porque eu sabia o quanto era difícil trabalhar com grupo de pescadores, porque eram grupos muito fechados, muito*

*resistentes a qualquer ação estranha, apesar de viverem acreditando e sendo enrolados pelos atravessadores, eles tinham uma resistência muito grande da entrada na universidade da entrada de alguém que pudesse querer uma coisa diferente. Isso na experiência da São Miguel, na experiência na Ilha da Torotama.*

As experiências anteriores destacadas por MN1 são centrais para o entendimento do que seria, mas tarde, o trabalho do NUDESE-FURG, do qual destacamos o envolvimento com setores da igreja católica, como a pastoral da juventude (PJ) e a caritas. Reconhecidamente, essas são duas entidades ligadas à denominada esquerda católica, com raízes na teologia da libertação, movimento que conjuga a espiritualidade e vivência da fé com as lutas pela transformação da sociedade, a começar pela organização dos mais pobres em comunidades eclesiais de base, as chamadas “CEBs”.

As experiências com as CEBs orientaram como o trabalho com as comunidades excluídas de nossa cidade deveria ser feito, mesmo que nesse momento a instituição não seja a igreja, mas a universidade. O compromisso com os empobrecidos, a opção por aqueles lugares onde a vida é ameaçada, a tentativa de resgate da “cidadania”, a organização popular em prol da luta pela garantia de direitos, não só eram finalidades dos movimentos da esquerda católica, como passaram a ser, considerando as palavras de MN1, também finalidades de algumas experiências da universidade com as comunidades pobres do município.

Efetivamente, as ações que deram origem ao modo como o NUDESE-FURG atua nas comunidades iniciaram com características assistenciais:

*Tem uma pessoa assim que... Aliás, os dois já faleceram. Foi o Atílio e o seu Oriente. O Atílio que era um colega servidor que começou naquela fase do Betinho lá, do combate a fome. Começou a mobilizar um grupo para fazer uma ação de cidadania. Eles pegavam aqueles vales alimentação que nós recebíamos, juntavam isso, compravam comida e distribuíam ranchos. Essa foi a primeira ação assim. Foi aí que eu comecei a me envolver com eles (MN1).*

As atividades desenvolvidas tiveram continuidade com a colaboração do Comitê da Ação da Cidadania, que foi criado no município. As distribuições dos ranchos foram mantidas, e as primeiras inquietações apareceram:

*Mobilizados pela campanha de Combate a Fome. Aí entrou o envolvimento com o Comitê de Ação da Cidadania, que foi criado na cidade, porque foi um movimento nacional né. A Furg foi convidada para participar. Eu fui convidada pela professora Lilian na época que era a superintendente de*

*extensão para ajudar a representação da Furg neste comitê da ação da cidadania como assistente social né. A gente trabalhou com curso de empregada doméstica, de babá, cuidador de idosos, fazendo mais essa parte das relações. E isso fez com que eu me envolvesse com o comitê. E fiquei sabendo dessa ação da Furg aí, dos colegas da Furg. Só que eles faziam isso, mas também se sentiam muito incomodados e eu mais incomodada ainda, que eu não queria ajudar porque eu achava que isso era mesmice, que todo mundo fazia né. Distribuir comida era uma coisa comum, todo mundo fazia. Achava que a gente tinha que ter um papel mais educativo. E aí então que surgiu, por parte do Atílio, essa ideia de nós organizarmos e por que, porque isso né? Porque ele percebia, eles percebiam quando iam fazer entrega nas comunidades que quem ia buscar a comunidade eram as mulheres. Os homens não apareciam nunca. E aí a pergunta que começou a rolar e aí a discussão: Onde é que estão os homens dessas famílias? E começaram a perguntar. E muitas vezes os homens tinham vergonha de ir buscar a comida. Que eles entendiam que tinha que sustentar a família (MN1).*

Os questionamentos levantados pelos extensionistas se transformaram em práticas, ao realizarem ações visando envolver os homens nas atividades de entrega de rancho. Desse fato, surge o projeto de extensão chamado Trabalho Comunitário.

*Por isso o projeto quando foi criado (o trabalho comunitário) ele foi criado com o foco nos homens. E de outra parte nós dizíamos que as mulheres estavam atrás já de ter que correr atrás para o sustento da família. Porque elas acabavam, até a gente brincava né, como mais coragem de enfrentar isso. Não é que elas não tivessem vergonha também, elas também tinham, só que elas buscavam uma alternativa né. É por aí que a gente vai ter que andar, é isso que tem e a gente vai ter que enfrentar. Então nesse projeto Trabalho Comunitário ele começou numa lógica de criar uma atividade que permitisse que essas pessoas ganhassem o seu dinheiro sem precisar pedir nada para ninguém. Essa foi a lógica inicial. E uma atividade que acreditasse nas pessoas, na capacidade das pessoas. Então, por isso ele começou de forma autônoma né. E daí vem à origem de trabalhar com a economia solidária depois, com cooperativismo. O princípio era esse: era a autonomia das pessoas. Era acreditar que as pessoas tinham capacidade de fazer e se autogerir. E que pessoas seriam essas? E aí o Sr. Oriente costumava dizer que o nosso critério é inverso ao modelo que está posto, por que o modelo que está posto é excludente. Então o nosso critério era um critério inclusivo. Então quem tinha chance, as maiores chances de entrar na hora da seleção das pessoas para participar do projeto? Era o que estava a mais tempo desempregado, o que tinha mais filhos, o que tinha mais idade, o que já tinha história de polícia, história de dependência química, uso de álcool. Então era totalmente inverso ao que o mercado fazia (MN1).*

A tonalidade do trabalho vai se delineando com critérios inclusivos, principalmente com aquelas pessoas que viviam em situações de risco de vida, devido à pobreza e os problemas sociais elucidados acima. A ideia de autonomia já estava presente entre os objetivos do grupo de servidores, o que provocou uma maior mobilização no interior da universidade:

*E a partir daí foi se articulando com as comunidades e criando esses grupos autônomos, que era o projeto trabalho comunitário. E como é que a gente fez para manter isso? A gente propôs para os nossos colegas servidores e eu entrei nesse grupo para ajudar a organizar, a professora Eliane que já trabalhava (Eliane Duarte), trabalhava com a questão da reciclagem. Aí nós entramos e criamos um grupo, uma coordenação do projeto dentro da Universidade e fizemos uma chamada para os demais colegas que pudessem ajudar em dinheiro e se criou uma conta. Então com esse dinheiro doado pelos servidores da Universidade nós usávamos para pagar esses trabalhadores, que desenvolviam trabalhos nas suas comunidades.*

O Trabalho Comunitário era remunerado pela doação dos servidores da universidade em troca dos serviços prestados nas comunidades onde os trabalhadores moravam. Isso, geralmente, acontecia a partir da articulação com outras instituições dos bairros:

*Na escola do filho, na Igreja, muito assim, nossa maior parceria foram as associações de moradores e as Igrejas. As comunidades, nos bairros. A Santa Rita, na São Miguel, na Santa Tereza (na Santa Tereza a escola e a Igreja foram nossos grandes parceiros). No bairro Getúlio Vargas a gente fazia as reuniões na Igreja. Então, a partir dessa integração com as representações das lideranças da comunidade, com esses grupos, foi se estabelecendo a organização do trabalho e um trabalho autônomo, que eles escolhiam. “É a Igreja que nós vamos arrumar, é a rua” (e a maioria dos trabalhos foram na rua, nas valetas). E a gente começou a perceber que isso estava gerando a melhoria da autoestima dessas pessoas, o reconhecimento da comunidade. Nós tínhamos ex-presidiários, as pessoas que já tinham matado outras pessoas. E que isso foi sendo reconhecido. As pessoas também começaram a se valorizar (MN1).*

É possível notar nestas primeiras experiências a busca por uma organização autônoma dos trabalhadores, como a escolha dos lugares onde trabalhariam, desde que fosse no seu bairro, parecia orientar o trabalho dos servidores da universidade. A preocupação com o aumento da pobreza extrema, a qual traz consigo a fome, também foi uma motivação para a realização do projeto. As primeiras consequências da ação extensionista foram percebidas pelos servidores a partir do aumento da autoestima das pessoas e do envolvimento delas na realidade onde viviam, intermediados pelo trabalho praticado.

No entanto, as primeiras críticas começaram a aparecer e o trabalho comunitário passou a ser questionado, devido à assistência que o caracterizava e porque algumas ações que os trabalhadores faziam assemelhavam-se aquelas que deveriam ser feitas pelo poder público. Além disso, os primeiros esboços dos objetivos aparecem e deverão permanecer até os dias atuais:

*Nós trabalhamos numa média de dois anos nisso, assim, direto. Isso começou em 1994, início da organização, mas, em 1996, o projeto começou mesmo a funcionar e foi até 1998 como projeto dentro dessa forma. Tinha uma crítica que as pessoas faziam, porque a gente nunca faz nada sem ouvir os elogios e as críticas né... Ainda bem que tem os dois. Que ajudam a melhorar. E uma das críticas era que isso era um paliativo, que essas pessoas estavam cumprindo um papel que era do governo, que era limpar a rua, podar árvores, manter as valetas limpas, cuidar do bairro, organizar uma praça, limpar escolas, pintar escolas, fazer reforma nas escolas, que era essa a base do trabalho. Que isso também era assistencialismo que se fazia. E não era essa a nossa ideia desde o início. A ideia era o que? A ideia que começou não era nem organizar em cooperativa depois, nem nada. **Era a gente colocar, preparar essas pessoas, qualificá-las, para que elas passem a ser aptas a ingressar nesse mundo do trabalho.** Essa era uma visão bem ingênua assim né. Entendendo que isso pudesse acontecer de forma mágica. Que em dois anos, essas pessoas que passaram por uma história de exclusão pudessem se transformar de uma hora para a outra (MN1 – grifos nossos).*

Pelo exposto acima, a preocupação dos servidores era, de fato, imediata, ou seja, garantir em curto prazo de tempo que os trabalhadores ingressassem no mercado de trabalho e pudessem sustentar a si e suas famílias. Como se trata de pessoas com históricos de conflitos, seja com a justiça ou por serem vítimas das mazelas sociais que caracteriza nossa sociedade, a tentativa era garantir determinado aperfeiçoamento para torná-las úteis ao mercado de trabalho. Em certa medida foi um entendimento legítimo, como as críticas que a iniciativa recebeu.

*Alguns realmente conseguiram parar de beber, conseguiram arrumar um trabalho, entrar no mercado de trabalho formal e dar conta da sua vida e estão aí até hoje. A gente tem um vínculo muito forte com essas pessoas. Mas a grande maioria não conseguiu e por isso se prorrogou, e por isso a gente começou a organizar eles em grupos cooperados, por que a gente percebeu que o mercado não ia absorver. **Mas nós não percebemos na época que eles também não se tornariam, de uma hora para a outra, empresários, mesmo que empresários cooperados, mas empresários. Autônomos né!** (MN1 – grifos nossos).*

As consequências da ação dos servidores aparecem e não são positivas. A partir do trecho acima, em nosso entendimento, surgem dois problemas sendo que um deles acompanhará a trajetória do trabalho por algum tempo. O primeiro trata da insuficiência de um trabalho comunitário que buscasse, apenas pela boa vontade dos servidores a autonomia das pessoas. Para isso seria indiscutivelmente fundamental planejar a forma que as ações aconteceriam, o que perpassa por um estudo detalhado da realidade em que as pessoas estariam trabalhando. Quando a ação extensionista possui um caráter assistencial, dificilmente a autonomia se funda. E, neste caso, o objetivo não seria concretizado.

O segundo problema reside na compreensão de autonomia que é apresentada pelo MN1. Segundo o relato, autonomia se articula com a possibilidade de tornar o trabalhador empresário, mesmo que seja um empresário cooperado. Percebe-se que a autonomia aqui está caracterizada pela liberdade nos moldes do capitalismo, ou seja, o trabalhador que o mercado absorve e passa ter direitos trabalhistas garantidos, abandonando (nem sempre) as condições de excluído ou miserável. A consequência dessa passagem está na melhoria da “qualidade de vida”, isto é, a capacidade de consumo que o trabalhador possuirá na medida em que se torna “incluído”, membro consumidor. Esse problema está presente na história do NUDESE-FURG e até os dias atuais não parece esclarecido tanto pelos membros, quanto para a própria universidade.

Conforme o MN1 foi percebido que o mercado não absorveria os trabalhadores e, por isso, os membros da FURG passaram a organizar os chamados grupos cooperados. Estes grupos, distribuídos nas vilas e bairros de Rio Grande, continuaram a desenvolver o trabalho inicial, remunerados pela doação dos servidores da universidade, mas caminhavam para a criação de uma cooperativa. No entanto, existia uma dificuldade na constituição da cooperativa, pois os membros da FURG não tinham referências de cooperativismo popular na região. Inclusive, os exemplos de cooperativas eram muito negativos, conforme expõe MN1:

*A ANTEAG (Associação Nacional de Trabalhadores e Empresas de Autogestão) que era um modelo mais tradicional da empresa que quebrou e transformou em cooperativa, e, portanto, a lógica ainda era muito empresarial; a experiência da Cáritas com os grupos em projetos alternativos comunitários (PAC's) e outras experiências muito negativas de cooperativismo que a gente tinha vivido, como o cooperativismo da área agrícola, as “cotrijuis” da vida, então as pessoas tinham muito medo disso.*

Ainda que as referências do cooperativismo, citadas acima, na região não fossem boas, alguns aprendizados<sup>37</sup> tinham permanecido do trabalho até então realizado, dando coragem aos servidores da FURG para apostar em uma cooperativa de prestação de serviços.

### 3.3.2. Cootracom

A Cooperativa de Trabalho Comunitário Ltda. é fundada em 1998 e não houve acesso aos registros da sua inauguração. O projeto Trabalho Comunitário foi

---

<sup>37</sup> Nos referimos ao acúmulo do trabalho realizado pela extensão, via trabalho comunitário e primeiras articulações com a economia popular solidária.

encerrado em 1999, ano que os servidores investiram na formação dos membros da cooperativa, com objetivo de difundir os princípios do cooperativismo.

MN1 avalia a criação da cooperativa e suas consequências:

*Em 1999 nós encerramos o projeto na Furg, portanto não tínhamos mais o recurso para repassar para as pessoas e trabalhamos durante o ano todo de 1999 na formação desses trabalhadores, como objetivo de formar a cooperativa, para que eles pudessem ganhar a autonomia. Hoje eu avalio isso, a Eliane (Duarte) na época ficou muito decepcionada: “Ah, a gente fez e eles não conseguiram dar conta”. Depois nós brincávamos que era a diferença de olhares. Ela tinha o olhar da engenharia que, fez aqui, tem que ter esse resultado ali e não é assim na vida. Na realidade eles formaram a cooperativa, começamos o trabalho, só que eles não conseguiram entrar no mercado enquanto cooperativa também. Era uma cooperativa de prestação de serviço. Só que daí começou a vir outras coisas, eles começaram a também a se dar conta que tinham outros espaços, se constituíram excelentes lideranças. Não viraram empresários, mas muitos deles viraram lideranças. Tem um menino, que era menino na época, que hoje é aluno nosso, que entrou para a Universidade, que passou a trabalhar, que assumiu a presidência do bairro, que passou a participar (grifos nossos).*

O membro do NUDESE-FURG avalia o quanto os trabalhos possibilitaram o aprofundamento sobre o cooperativismo e associativismo popular, tornando a universidade uma referencia na área:

*Naquele momento histórico eu acho que se viveu uma coisa muito importante: eu acho que o governo Olívio nisso, assim, foi fundamental, aquela possibilidade de abertura, com o orçamento participativo, abertura no sentido de ouvir as comunidades. E nós, como estávamos trabalhando com grupos, começou: Ah, a Furg trabalha com cooperativa, começou a surgir vários outros grupos do nada que começaram a nos procurar para que a gente pudesse ajudar a eles a se organizar a constituir alguma forma de organização cooperada (MN1).*

A novidade trazida pelo membro é a inserção de outro ator, fundamental para o desenvolvimento das ações extensionistas da FURG. O Governo Estadual (1999 – 2002), gestão Olívio Dutra, que representava o Partido dos Trabalhadores (PT), possibilitou inúmeros recursos que foram acessados por meio de projetos pela universidade. Essa situação favoreceu ampliação do trabalho, contratação de bolsistas e a existência de um trabalho mais processual, oportunizando a escuta das comunidades, conforme enunciado.

### 3.3.3. Projeto “Apoio e Assessoria a Grupos de Economia Popular Solidária”.

Entre os projetos que marcaram as práticas extensionistas que deram origem ao NUDESE-FURG, está o projeto Apoio e Assessoria a Grupos de

Economia Popular Solidária. Este projeto, conhecido pelos membros do núcleo como “apoio”, tinha por objetivo assessorar as iniciativas em Economia Popular Solidária na região de Rio Grande. É importante dizer que muitos grupos iniciaram neste período, principalmente pela motivação/contribuição das políticas do Governo Olívio, por meio da EMATER-RS. Boa parte destes grupos, na região de Rio Grande, foi assessorada pela FURG.

Este projeto teve algumas características:

*Ele não tinha financiamento, era um projeto de extensão normal, sem nenhum tipo de financiamento. Como é que nós conseguimos manter esse projeto funcionando? Com os recursos que nós começamos a receber de outros projetos. Por exemplo, do Qualificar RS que nós recebíamos recursos para a formação e nós aplicávamos esse recurso colocando no próprio projeto (assessoria a grupos de economia popular solidária). Nós priorizamos as ações de economia solidária, para assessorar (MN1).*

A experiência de articulação dos projetos começou a se delinear neste período. O Qualificar RS era um projeto de qualificação profissional oferecido pelo Governo do Estado e foi assumido pela FURG. Como a universidade já trabalhava com grupos solidários, aproveitava o recurso de um projeto para dinamizar outro, o que beneficiou o projeto “apoio” e os grupos que assessorava. Isso se tornou uma prática comum no NUDESE-FURG até os dias atuais.

Por meio da realização do “apoio”, outro projeto financiado pelo Governo do Estado foi as Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares. Era uma oportunidade para consolidar o trabalho feito até então junto aos grupos, mas a equipe da FURG, no período, pensou diferente e permaneceu com o projeto “apoio”.

*Naquela época o Governo do Estado já estava financiando as incubadoras, mas a Furg não entrou, porque nós resistimos muito, nós não achávamos que nós éramos incubadoras, porque os grupos que nós trabalhávamos eram grupos que ainda estavam muito aquém do que poderia se chamar uma cooperativa. Eram grupos muito pequenos, muito incipientes. Então a gente achava que não era uma incubadora. Nós não podíamos nos comprometer com um projeto e dizer que nós íamos criar uma cooperativa porque a gente sabia que ainda estes grupos não estavam prontos. Então a gente resistiu e manteve como projeto (MN1).*

Hoje não é possível mensurar o quanto essa decisão afetou os trabalhos com os grupos assessorados. O fato é que os grupos da época não eram formalizados enquanto associação ou cooperativas. Eram, na verdade, grupos que buscavam fortalecimento para formalizar sua atuação. Esse foi o motivo principal para não acessar o recurso. Entretanto, não se sabe o quanto a incubadora

contribuiria para o avanço destes grupos, dentro dos princípios iniciais do trabalho comunitário e da própria economia popular solidária.

O “Apoio e Assessoria a Grupos de Economia Popular Solidária” permaneceu até 2004, quando o NUDESE-FURG assumiu a incubadora como um dos seus projetos. O membro do núcleo da FURG avalia que este foi um tempo de muitos aprendizados: *“E ali a gente aprendeu muita coisa. Que ninguém sabia nada disso, né! Eu fui estudar economia solidária ali, aprendendo aquilo ali, junto, buscando a necessidade.”*

#### 3.2.4. Projeto “Extensão Empresarial” e a criação do NUDESE-FURG.

O Governo do Partido dos Trabalhadores no estado do RS (1999 – 2002) disponibilizou recursos para desenvolver assessoria para pequenas e médias empresas. A intenção, na época, era potencializar o empreendedorismo de pequenas organizações, contribuindo para o desenvolvimento local. O projeto que atendeu esse setor foi o chamado “Extensão Empresarial”, e foi assumido pela FURG, nas mesmas condições do Qualificar RS.

O membro do núcleo da FURG nos explica como isso aconteceu:

*Aí surge outro projeto, que foi um projeto grande, caro, que a universidade recebia para fazer isso, e tinha previsão de pagamento de servidor, que foi o Extensão Empresarial, que fugia um pouco o nosso fim que era trabalhar com economia solidária e passava a trabalhar com micro e pequenas empresas. A gente acabou assumindo, não tinha quem assumisse na Furg por que foi difícil, nós assumimos por lá, eu assumi a coordenação desse projeto, e aí o Apoio e Assessoria a Grupos de Economia Solidária o J. F. assumiu, que já estava lá conosco. E eu assumi o projeto Extensão Empresarial que tinha recurso (grifos nossos).*

O relato acima evidencia a articulação entre os projetos elaborados pela FURG para atender os grupos solidários da época. O que nos chama atenção é o fato do projeto “Extensão Empresarial” ter como foco o atendimento as empresas e ser gestado por um espaço que se propunha trabalhar com organizações coletivas, vinculadas ao movimento da Economia Popular Solidária. Parece-nos que esse tipo de prática confunde o real objetivo dos projetos e reconfigura a ação da FURG junto aos grupos.

No entanto, é neste contexto que a articulação dos projetos ganha força, sobretudo pela entrada de recursos advindos do Governo Estadual e pela alta demanda de trabalho que se configurou na FURG. A universidade, como já foi dito,

se tornou uma referência na assessoria e acompanhamento de grupos que tinham o objetivo de tornarem-se associações e cooperativas. O NUDESE-FURG, enquanto núcleo institucionalizado, reconhecido, nasce a partir dessa articulação:

*Nós começamos a fazer parceria para desenvolver esses projetos. Como nosso público estava aqui dentro, o público que nós atendíamos estava aqui dentro, então a gente conseguia dar conta disso. E como a gente não recebia para isso, o recurso que vinha era para pagar os instrutores e para dar conta do projeto. O recurso que seria para nos pagar, pagar os servidores que atuavam no projeto, era aplicado no próprio projeto. A gente começou a se autogerir com o recurso dos outros projetos. E uma experiência de solidariedade entre as ações, que era isso: um projeto sustentava o outro. O recurso de um projeto servia para a ação de um outro projeto. Foi aí a criação do Nudese (MN1).*

*Aí que a gente criou o Nudese. Nós criamos um núcleo que trabalhava com a questão da geração de trabalho e renda e qualificação profissional para isso, envolvendo não só cooperativas, tinha o grande núcleo da economia solidária, e também teve esse núcleo o micro e pequeno empresário que foi muito legal. Assim, trouxe um aprendiz Léo para nós, a coisa de saber trabalhar o meio termo, porque nós conseguimos aproveitar muitas ferramentas de gestão que o Extensão Empresarial tinha, fazendo uma mexida para a Economia Solidária, não aplicar tal qual, mas, assim, discutir a importância do planejamento, de como é que tu organiza um plano de negócios (MN1 - grifos nossos).*

O NUDESE-FURG é criado como um núcleo que agrega em si uma série de projetos tendo, todos, segundo MN1, um objetivo comum: a geração de trabalho e renda e qualificação profissional. O espaço se caracterizou pelo fomento de diversos projetos e iniciativas que trabalhavam de forma conjunta, inter-relacionadas, onde os recursos não eram para desenvolver atividades de um ou outro projeto, mas todos financiavam todos.

*O Nudese se constituiu assim: teve uma época que o Nudese tinha uns dez, quinze projetos e todos trabalhavam de forma integrada, articulada e tinha uma gestão de recurso financeiro que dava conta para todos os projetos. Então, não tinha assim: “esse é o projeto que tem dinheiro”. Não. O Dinheiro era do Nudese. Então ali foi uma experiência nossa de autogestão. Embora o dinheiro viesse para o projeto tal, mas não interessava isso. A fonte da onde vinha não interessava, interessava que a gente tinha que atender a todos até porque todos trabalhavam de forma articulada (MN1 – grifos nossos).*

Apesar de a experiência relatada ser benéfica e atender as necessidades do trabalho de assessoria que o núcleo realizava, um ponto chama atenção. O núcleo está baseado no fato que o NUDESE-FURG é formalizado como um núcleo que apoia iniciativas de geração de trabalho e renda (seja micro e pequenas empresas, sejam associações e/ou cooperativas ligadas a Economia Popular Solidária) e,

mesmo sendo parte constitutiva da universidade, não comporta entre seus objetivos centrais a produção de conhecimentos, objetivo maior de uma instituição de ensino superior.

Ainda que essa dúvida não seja superada e não haja, em toda nossa pesquisa, alguma afirmação nesse sentido, os méritos do núcleo em seu trabalho são, em certa medida, reconhecidos. O NUDESE-FURG, enquanto núcleo foi criado após oito anos de trabalho com as comunidades empobrecidas de Rio Grande. Havia anteriormente a sua criação, um acúmulo de experiências que deram sustentação para formalizar a atividade na FURG. Diferentemente de outros núcleos, este emergiu do trabalho feito e foi consequência dele:

*E o Nudese foi o grupo que nasceu ao contrário dos outros, porque, normalmente, tu cria o núcleo e depois tu tens os projetos dentro do núcleo. Não, nós tínhamos os projetos e nós organizamos o núcleo para dar conta de integrar os projetos. E nós tínhamos do quadro eu e o J. F. no Nudese, nós éramos dois, era eu primeiro e depois o J. F. (MN1).*

Aqui vale um destaque. Como já foi dito, as experiências que antecederam as ações extensionistas da FURG com as comunidades pobres do município foram as atividades das CEBs, ligadas à esquerda católica. Essas comunidades entendem que a forma de organizar o trabalho, necessariamente, inicia pela base, isto é, pela comunidade eclesial, célula de qualquer organização. Nas CEB's, não há sentido em uma organização ampla, distribuída em diversas instâncias se o trabalho de base, nas comunidades, não aconteça. De certa forma, a criação do NUDESE-FURG segue essa lógica: primeiramente faz o trabalho pequeno, processual e cotidiano, acompanhando cada grupo, de modo que possa se fortalecer e criar a necessidade para uma articulação mais ampla, um espaço comum entre todos os projetos.

### 3.3.5. Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares – INTECOOP

Após passar a primeira oportunidade para elaboração do projeto INTECOOP, os membros do NUDESE-FURG assumiram o risco e encaminharam a proposta ao governo. MN1 relata o processo:

*Esse negócio de ter incubadora era uma coisa que a gente queria muito, não é que a gente não quisesse. Não queria naquela época porque a gente entendia que queria do nosso jeito. E aí, em 2003, final de 2003, surgiu a oportunidade via Finep. De fazer o projeto. E aí nós fizemos e tivemos a coragem de fazer e eu ficar como coordenadora, que eu era técnica. Que não é uma coisa comum tu ter um projeto financiado pela Finep como*

*técnica administrativa. Mas a gente resolveu bancar isso. “Vamos apresentar o projeto porque a gente quer fazer”. E aí foi o primeiro projeto que nós mandamos para a Finep, 2004. E aprovamos (MN1).*

Isso acarretou mudanças nas coordenações dos projetos do NUDESE-FURG, o qual passou a contar com novos membros (professores):

*Eu era coordenadora do Extensão Empresarial. Aí, quando encaminhei o projeto como coordenadora do Intecoop e foi aprovado eu saí da coordenação do Extensão e assumi a coordenação da Intecoop, porque, óbvio né, era minha paixão. Deu, eu já tinha constituído aquele lá, a Lú (L.S.) assumiu a coordenação do Extensão e eu fui para a coordenação da Intecoop com a ideia de ficar o resto da vida fazendo aquilo, buscando outros financiamentos. Neste meio tempo surgiu o M.B. que estava voltando do mestrado e a gente chamou o ele para trabalhar conosco, como equipe, o E.D. para trabalhar como equipe. Só que neste meio tempo eu sou convidada para vir para a pró-reitoria e aí eles ficaram lá segurando tudo sozinhos. Coitados, também, nem deu tempo deles se apropriarem de tudo aquilo e eles também não tinham o pique, hoje a gente vê, como professores (MN1).*

A incorporação da INTECOOP ao trabalho do NUDESE-FURG deveria favorecer as ações do núcleo, pois era um projeto grande, o qual previa a contratação de dez bolsistas, mais todas as despesas do atendimento aos grupos. Porém, com a chegada de novos membros e a saída de outros, conforme foi exposto na citação acima, o ritmo de trabalho se alterou impactando diretamente os grupos. O MN1 nos conta brevemente o seu sentimento em relação a esta fase:

*Tinham dias que eu ficava nervosa nas reuniões assim. Claro que, por exemplo, o E.D. e o M.B., trouxeram esse perfil e para mim foi um choque muito grande, entendeu! O que não estava errado por parte deles. Acho que a gente também tem que ter isso. Mas para mim o choque foi a possibilidade de perder esse outro lado do atendimento. E a gente perdeu muita coisa do atendimento. Mas acho que não é culpa nossa os grupos não terem ido, acho que tem um conjunto de coisas. Talvez nossa também, mas não só! Nossa, quando eu falo “nossa” falo da Universidade, mas não só (grifos nossos).*

O destaque acima é em virtude da expressão ‘outro lado do atendimento’. Com a chegada dos novos membros, professores, advindos dos cursos de Direito e Administração, o perfil que se desenhava para o NUDESE-FURG seria de um núcleo de estudos, reflexões e pesquisas que, talvez, perdesse a capacidade prática do trabalho de assessoria. Conforme o relato, isso incomodou pessoas que estavam à frente do núcleo há anos, pois se apresentava como uma ameaça de mudanças no trabalho. Efetivamente isso ocorreu e será lembrado, mais adiante, por sujeitos dos grupos que estudamos. Entretanto, o que nos parece, é que este conflito de

perspectivas perpassa, entre outras coisas, pela própria finalidade do trabalho que o NUDESE-FURG realiza. Afinal, apoiar e assessorar iniciativas de geração de trabalho e renda não é o objetivo primeiro de uma instituição de ensino superior, o que causa estranhamento a qualquer membro da universidade que desconhece a história do NUDESE-FURG. Em outras palavras, o que os professores buscavam no NUDESE-FURG seria um espaço de estudo, reflexões, pesquisas e extensão sobre o associativismo e cooperativismo popular, o que poderia ser um dos objetivos da INTECOOP, desconhecendo que o NUDESE-FURG priorizava o trabalho prático, extensionista, em detrimento das outras atividades.

Isso se torna evidente no trecho abaixo:

*E isso é uma característica dessa incubadora daqui. Nós somos, com todos os problemas, nós somos uma incubadora que consegue dar conta da demanda fora. A maioria das incubadoras dá conta da demanda acadêmica. Demanda do trabalho para apresentar, demanda dá reflexão e formação dos estudantes. Mas não dá conta da demanda da vida real das pessoas (MN1).*

Fica claro que há, por parte do membro do NUDESE-FURG, neste período, a compreensão que a prioridade é o atendimento (apoio, assessoria, acompanhamento) aos grupos, associações e cooperativas. E isso é uma premissa que acompanha o trabalho desde as primeiras experiências, quando da distribuição dos ranchos e pagamento de salários, ainda que algumas vezes todos esses esforços tenham resultado em poucos frutos. Ainda assim, a INTECOOP foi um importante projeto que garantiu a assessoria aos grupos e, por isso, foi renovado em 2008, incorporando à equipe doze novos bolsistas, após realizarem o curso de cooperativismo popular.

### *3.3.6. Projetos Desenvolvidos, Áreas e Associações Atendidas.*

Atualmente, o NUDESE-FURG desenvolve suas atividades no antigo Campus Cidade, o qual está localizado no centro de Rio Grande. O local tem boa infraestrutura, com salas de reuniões, cozinha, sala de cursos, além de computadores e todo o material informático necessário ao trabalho. Além disso, dispõe de uma coordenação feita por uma servidora técnica-administrativa, com disponibilidade de quarenta horas, um motorista com dedicação exclusiva ao núcleo e dois automóveis que auxiliam no deslocamento. A média de bolsistas é entre oito e dez, os quais atuam no atendimento aos grupos (bolsas de 20h/semana). Os

consultores (profissionais, graduados) são cinco e acompanham as tarefas desenvolvidas pelos bolsistas (atuam, em média, 40h/semana). Além destes, alguns professores (aproximadamente dois) compõem o quadro de pessoal do núcleo, mas estes não têm carga horária definida no local. Com exceção da coordenadora e o motorista (pertencente a uma empresa terceirizada), todas as pessoas que trabalham no NUDESE-FURG são pagos com recursos previstos em projetos.

O núcleo dedica um tempo mensal para o planejamento das atividades. O período é sempre a última terça-feira de cada mês, quando coordenação, consultores e bolsistas se encontram com a seguinte finalidade: pela manhã, estudam textos que interessam ao trabalho realizado. Geralmente são artigos escritos por autores ligados a Economia Popular Solidária. No período da tarde, o grupo revisa o atendimento realizado a cada um dos grupos, atualizando a demanda, e redimensionando as atividades do mês seguinte.

Nos últimos anos (2008 – 2012), os projetos desenvolvidos pelo NUDESE-FURG têm oferecido condições para que haja uma constante presença de bolsistas e consultores. Entre os principais projetos estão:

- Incubação da Rede de Comercialização Solidária de Pescado da Região Sul do RS (segunda edição);
- Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares – INTECOOP (terceira edição);
- Projeto de Desenvolvimento da Agricultura Urbana e Periurbana na aglomeração urbana do Sul - Região de Rio Grande e São José do Norte (houve apenas uma edição);

Entre estes, outros projetos foram elaborados junto à iniciativa privada para subsidiar grupos específicos, como a Associação Vitória (Reciclagem). Os projetos para este grupo foram enviados as empresas Vompar e Petrobrás.

O NUDESE-FURG atende, assessora e acompanha vinte e três associações, cooperativas e grupos solidários e populares. As organizações estão espalhadas entre os municípios de Rio Grande (10); São José do Norte (04); Pelotas (01); Arroio Grande (01); Santa Vitória do Palmar (04); São Lourenço do Sul (01); Jaguarão (02). As áreas assessoradas são: Pesca Artesanal (18 grupos); Agricultura (01 grupo); Reciclagem (01 grupo); Artesanato (02 grupos) e Gastronomia (01 grupo).

As ações que o núcleo da FURG realiza atingem, efetivamente, uma quantidade significativa de pessoas em todos os municípios que atua. Destacamos a ênfase dada ao setor da pesca artesanal, atividade importante para as cidades em torno da Laguna dos Patos, Lagoa Mangueira, Lagoa Mirim e oceano Atlântico. As comunidades tradicionais de pesca, territórios em constante ameaça, devido ao avanço da pesca industrial e a contaminação das águas pelo uso de agrotóxicos nas lavouras, necessitam efetivamente de um apoio para permanecerem vivas.

Desta seção do capítulo destacaríamos alguns pontos importantes:

- Ainda que o trabalho do NUDESE-FURG tenha influência das atividades ligadas à esquerda católica, conforme mencionado anteriormente, as primeiras práticas são oriundas da campanha de combate à fome e a miséria e a luta pela vida. O foco do trabalho eram pessoas em situação de vulnerabilidade social, sendo fortalecido (o trabalho) pela 'parceria' comitê da cidadania, sendo que os recursos que eram repassados aos trabalhadores advinham do repasse dos funcionários da FURG. Percebe-se que, enquanto no período ditatorial, as ações de extensão eram direcionadas e neste momento (anos 90) a iniciativa é dos próprios extensionistas.
- Há um entendimento claro no início dos trabalhos do NUDESE-FURG sobre autonomia: significa criar as condições para que as pessoas se insiram no mercado de trabalho e possam ganhar seu dinheiro sem precisar pedir nada a alguém. É a autonomia no sentido liberal da palavra.
- O trabalho do NUDESE-FURG assume posturas que são próprias do cenário social dos anos 90. Envolve-se com o movimento da economia solidária, porém, assume uma tendência ativista; firma parceria com o governo estadual (1999-2002) e com isso consegue captar recursos via projetos de editais, o que é um traço central na prática do NUDESE-FURG; articula projetos e mistura os recursos como forma de subsidiar as ações do núcleo e; assume-se enquanto um espaço que apoia iniciativas de geração de trabalho e renda.
- O NUDESE-FURG demonstra resistência ao perfil acadêmico (que conjuga pesquisa e ensino), que possa sustentar questionamentos ao trabalho feito. O foco, como foi dito na entrevista, é atender as associações, cooperativas e grupos.

### **3.4. Da Política Universitária ao Trabalho do NUDESE-FURG**

Em 2011, a Universidade Federal do Rio Grande – FURG aprovou dois importantes documentos que devem orientar as ações da universidade em todos os âmbitos. Por meio da Resolução 016/2011 do Conselho Universitário (CONSUN), foram definidos o Projeto Pedagógico Institucional – PPI e o Projeto de Desenvolvimento Institucional – PDI. O primeiro apresenta a filosofia, missão, visão e diretrizes da FURG, além da sua vocação institucional e os objetivos. Deve ser revisto em 2022. O segundo expõe os objetivos e estratégias de cada setor (pró-reitoria), devendo ser reorganizado em 2014<sup>38</sup>.

De acordo com o Projeto Pedagógico Institucional da universidade,

A FURG, com vocação voltada aos ecossistemas costeiros e oceânicos, tem suas ações pautadas no princípio básico da indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão, na formação de profissionais, na **produção e socialização de conhecimentos** e tecnologias (p.07 – grifos nossos).

Destaca-se, portanto, a produção e socialização de conhecimentos como fundamento para as ações da FURG, o que demonstra, de forma clara, o que a instituição almeja com suas atividades. Neste mesmo sentido, o Projeto de Desenvolvimento Institucional define os objetivos e as estratégias da extensão universitária da FURG. Como se trata da normativa atual, que deve orientar o trabalho da extensão universitária, relatamos na íntegra:

Objetivo 1 – Consolidar, expandir e qualificar as ações de extensão;

**1. Elaborar o Plano de Extensão Universitária;**

2. Incentivar a participação da comunidade universitária em ações de extensão;
3. Capacitar a comunidade universitária para a realização de ações de extensão, articulando pesquisa e ensino;
4. Implementar a avaliação periódica das ações de extensão;
5. Promover ações para o atendimento da Política Nacional de Extensão;
6. Ampliar a oferta de bolsas de extensão;
7. **Intensificar a integração dos núcleos, programas, projetos e demais ações de extensão com os projetos pedagógicos dos cursos de graduação e pós-graduação.**
8. Incentivar ações de formação continuada de Educação a Distância.
9. Avaliar continuamente as ações de Educação a Distância;

**Objetivo 2 – Ampliar a integração entre a Universidade e a sociedade;**

1. Desenvolver ações sistemáticas e contínuas de diálogo com a sociedade;
2. Potencializar o trabalho em rede no desenvolvimento das ações de extensão;
3. **Intensificar ações articuladas, de ensino, pesquisa e extensão, voltadas às necessidades da sociedade;**

---

<sup>38</sup> Ambos os documentos estão disponíveis no sítio eletrônico da universidade ([www.furg.br](http://www.furg.br))

4. Ampliar o processo de participação da sociedade no planejamento das ações de extensão;
5. Intensificar as parcerias com organizações públicas e privadas;
6. Intensificar ações de extensão, com ênfase nos direitos humanos, na inclusão social e no desenvolvimento socioambiental;
7. Ampliar a integração da Universidade com a Educação Básica e com a Educação de Jovens e Adultos.
8. Incentivar ações que promovam a divulgação institucional, a orientação profissional e o acesso à Universidade.

**Objetivo 3 – Criar política institucional de incentivo à cultura e ao esporte**

1. Promover manifestações culturais e esportivas;
2. Ampliar as ações de intervenção e integração com a comunidade, por meio da cultura e do esporte;
3. Criar agenda institucional permanente de ações de cultura e esporte;
4. Realizar eventos fora do espaço físico da Universidade;
5. Estimular a realização de mostras culturais da comunidade universitária;
6. Incentivar a prática de esportes pela comunidade universitária;
7. Utilizar os espaços físicos da Universidade para o trabalho com as diversas linguagens Artísticas (p.20-21 – grifos nossos).

Diante dos objetivos acima expostos, parece-nos que a FURG tem oferecido as condicionantes para a realização das práticas extensionistas, direcionando para que as ações contemplem a articulação entre ensino e a pesquisa, com os cursos de graduação e com a sociedade. O que chama atenção é o fato da universidade apresentar como estratégia a elaboração do plano de extensão universitária e ainda este documento não ter sido criado. O Curso de Formação em Extensão Universitária, anteriormente lembrado, seria o primeiro passo para a construção do plano, mas até o momento não temos informações sobre isso.

Ao finalizar este capítulo, considerando estes documentos que sintetizam as finalidades da FURG para os próximos anos e tendo presente a atuação do NUDESE-FURG na assessoria aos grupos, associações e cooperativas, apresentamos a seguir algumas reflexões:

- Percebemos, pela sua trajetória, que o núcleo vem atuando com assessoria, apoio e acompanhamento aos grupos, associações e cooperativa, priorizando o trabalho prático e ativista, sem que processos de reflexão tenham espaço majoritário entre as ações que o NUDESE-FURG realiza. O planejamento é mensal e ocupa um dia de atividade, apenas, demonstrando as opções que o núcleo vem fazendo.
- Dentre as práticas do NUDESE-FURG, percebe-se o silenciamento em relação aos espaços que o núcleo tem para a produção de conhecimentos, sendo este, um fundamento importante da universidade, já comentado anteriormente. Ainda que o

objetivo do NUDESE-FURG seja apoiar iniciativas de geração de trabalho e renda, há que se cuidar na forma como este núcleo assume os objetivos da instituição que faz parte e assim não se confunda com outras instituições (como igrejas, partidos políticos, etc.).

- O núcleo tem demonstrado afinidade com a política universitária atual, bem como do governo federal, o que proporciona acesso a recursos financeiros mediante projetos (por meio de editais), acentuando a dependência desse tipo fonte de custeio e escamoteando um financiamento institucional (próprio da universidade), o que seria muito importante e atenderia como veremos mais adiante, o próprio anseio dos pescadores e recicladoras. Talvez, possamos afirmar que a dependência das associações ao NUDESE-FURG perpassa por essa maneira de financiar o trabalho.

## **CAPÍTULO 4**

### **EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA DA FURG E PESCADORES ARTESANAIS: O CASO DA APESMI**

O objetivo principal deste capítulo será olhar a relação do NUDESE-FURG com a Associação de Pescadores Artesanais da Vila São Miguel - APESMI em Rio Grande-RS a partir das entrevistas realizadas com integrantes da Associação de Pescadores e membros do NUDESE-FURG, ao longo do ano de 2012.

Esse dado forçou-nos a explorar com mais afinco os detalhes ditos por cada pessoa entrevistada, de modo que pudéssemos elaborar um material que servisse como registro dessa dissertação e, também, um resgate histórico do trabalho que o próprio NUDESE-FURG vem fazendo. Neste sentido, os registros que aqui se encontram mais que quaisquer outras coisas são um olhar para uma relação, ou seja, com este material buscamos apresentar dados e informações dos sujeitos, visando explicitar nossa interpretação de como os mesmos se relacionavam ou como enxergam a relação que estabelecem. Isso indica que outros olhares poderão ser feitos e outras formas poderão ser encontradas para explicar este fenômeno.

Para tanto, apresentaremos um breve histórico da extensão e de como a mesma vem se desenvolvendo com o NUDESE-FURG, e, após, como cada ator (extensionistas e pescadores artesanais) olham ou interpretam a relação social e educativa na qual estavam envolvidos. Dessa forma, nosso objetivo é ampliar a compreensão do caso a partir dos atores envolvidos, suas falas e práticas descritas ou percebidas nas entrevistas.

#### **4.1. Breve Histórico da Extensão Universitária com os Pescadores Artesanais**

A FURG, de longa data e vocação institucional, tem muitos trabalhos desenvolvidos com os pescadores. Entretanto, segundo as informações dos entrevistados, devido à centralidade destes trabalhos estarem ligadas ao curso de Oceanologia e suas pós-graduações, muitas atividades desconsideram a realidade do pescador artesanal, suas tradições, cultura e formas de vida, as quais garantem ao longo dos anos, a sustentabilidade da vida das comunidades pesqueiras tradicionais. De modo geral, quando se trata dos pescadores artesanais, a universidade tem um histórico conflituoso, sobretudo nas práticas de pesquisa,

desenvolvimento de tecnologias para produção de espécies no estuário, sem levar em conta a presença e os saberes tradicionais oriundos da prática destes pescadores.

O NUDESE-FURG, de certa maneira, herdou este legado. Seus projetos juntos à pesca artesanal iniciam considerando esta realidade, buscando outra forma de trabalhar com essas pessoas, cuja preocupação estaria em torno do desenvolvimento de trabalho e renda de modo que houvesse um uso do recurso natural que poderíamos chamar de 'sustentável', como se o pescador artesanal assim não o fizesse. Tal interpretação, digamos assim, é o que depreendemos de forma clara a partir da fala de Membro do Nudese 01 (MN1):

*Porque a gente entendia que a pesca era uma coisa importante da universidade trabalhar e por toda a história que a universidade tinha, com a "oceano", mas não tinha esse trabalho. Na base, com os pescadores, na base lá não tinha... E nós tínhamos uma visão muito negativa na base com relação a universidade. A queixa que tinha e ainda tem: ah, a universidade vem aqui para pesquisa e não devolve para nós, não devolve para a comunidade.*

Parece-nos que, a partir do estudo que realizamos, foi este o mote ao trabalho que seria desenvolvido pelo NUDESE-FURG junto aos pescadores artesanais, visto que o mesmo se mostrou atento a essas questões e buscou, em certa medida, superá-la no contato direto com estes sujeitos.

Assim, os primeiros contatos com os pescadores artesanais da Vila São Miguel (que ainda não trabalhavam de maneira associada, exceto as chamadas parselhas de pesca) foram no período do governo do partido dos trabalhadores (PT), na gestão Olívio Dutra (1999 – 2002). Na época, entre tantos outros programas sociais, o governo implementou o denominado RS Pesca que, ao oferecer subsídio aos pescadores artesanais organizados (em associações ou cooperativas populares) oferecia melhores condições para o trabalho, com apoio da Emater, conforme aponta o próprio Membro da Associação de Pescadores 01 (MAP1):

*Claro, porque o governo do Olívio, quando iniciou o RS PESCA, pra tu acessar o projeto individual teria que ter um projeto coletivo dentro da comunidade, teria que organizar um grupo, alguma coisa teria que ter. Iniciou por aí. Na época que está a EMATER quem estava era esse pessoal que eu te digo, o C.C, a A. L., J. D. a A.(de Porto Alegre) A. E. eram os que estavam à frente da EMATER.*

Diríamos, então que, é a partir da Emater, e de tal experiência que será ampliado em conjunto com NUDESE-FURG a parceria com o governo do estado, complementando assim o trabalho de assessoria. É importante lembrar que, apesar de o NUDESE-FURG não ser o proponente da organização dos pescadores artesanais, é sabido que os seus membros já tinham contatos com estes trabalhadores, principalmente pela militância em Pastorais Sociais (Pastoral da Juventude - PJ e Pastoral do Pescador), o que facilitou a aproximação entre estes atores.

*A FURG veio logo em seguida, foi assim, rápido, negócio de meses a FURG se inseriu no processo junto com D.T. que foi quem começou. Na época estava no NUDESE, mas o primeiro contato foi a EMATER. E aí, claro, a D.T. como assistente social (...) precisava de uma assistente social e organizar, acredito que a EMATER tenha procurado eu acho, até porque a D.T. tem essa aproximação com o C.C., como o J.D. e aí começou o trabalho do NUDESE-FURG e as comunidades. Foi naquele período de 2001 no RS PESCA, pelo menos conosco foi quando eu me lembro (MAP1).*

Configurou-se naquele período (1999-2002) uma conjunção de forças institucionais empenhadas na implementação da política pública junto aos pescadores artesanais, no caso, governo estadual, Emater e NUDESE-FURG. Por outro lado, os pescadores da Vila São Miguel destacam-se como uma significativa oportunidade para suas atividades pesqueiras, sejam organizativas sejam de sobrevivência.

As primeiras reuniões aconteceram no salão da comunidade São Miguel em Rio Grande, conforme descreve o MAP1:

*Teria que formar um grupo. Então fizeram uma reunião com umas 60 pessoas, no máximo 100 pessoas e teria que ter um grupo dali. Aí esvaziou a igreja na hora de fazer o grupo, esvaziou a comunidade, ficou só sete pessoas. Não queriam se organizar que achavam que não valia a pena se organizar. Na época eu me lembro era eu, o G.V., o M.O. aqui, o N.U., o B.T. e o G.L. acho que eram esses que tinha ficado. Eu sei que eram sete caras ali escutando a D.T. e a EMATER e escutando, escutando. Bom montamos o grupo dos sete, aí depois de um tempo passou pra 12, mais gente começou a chegar. Pescador é uma maneira de se proteger esse afastamento de alguma coisa é uma maneira de se proteger porque tem medo de tanta coisa que podem tirar dele. Depois, daqui, a gente chegou a vinte e um pescadores daqueles sete, aí foi quando a gente criou formalmente o grupo, que eram necessários vinte e um.*

A criação da Associação de Pescadores representou um importante passo nos trabalhos realizados pelos trabalhadores, bem como das instituições de apoio, como a Emater e o próprio NUDESE-FURG. Aquele momento histórico caracteriza-

se, entre outras características, pela escassez de políticas públicas efetivas, que tivessem objetivo de organização dos pobres por meio o próprio trabalho, com a valorização de atividades produtivas tradicionais, com a pesca artesanal. Diante de tal interpretação é que, mais tarde será avaliado tanto pelos membros do NUDESE-FURG quanto pelos pescadores como uma tentativa 'ativista', a qual se preocupou mais com a criação de associações e cooperativas desconsiderando (de forma prioritária) a formação dos trabalhadores para essa forma de trabalho.

Outro fator importante que aparece nesse período, e que é relatado pelos membros do NUDESE-FURG foi a falta de articulação entre projetos. Uma forma encontrada pelos extensionistas do NUDESE-FURG para apoiar os trabalhadores associados foi a interligação dos trabalhos já conduzidos pelos NUDESE-FURG com outras políticas públicas disponibilizadas pelo governo do estado do período, fato interpretado como contribuinte ao fortalecimento da assessoria aos pescadores:

*Nesse meio tempo, também, surgiu dentro do governo Olívio algumas possibilidades de trabalho para a Universidade, de parcerias, que foram os cursos de qualificação, que nós passamos a procurar não no sentido de oferecer o curso, da FURG ser a "ofertadora" disso, mas no sentido de buscar estes cursos para qualificar estes grupos que nós já estávamos trabalhando. E acabou que a FURG assumiu a qualificação, oferecendo para a comunidade. Porque uma das faltas que essas pessoas tinham era a qualificação, queriam trabalhar e não tinha como, não sabiam como. Então foram esses cursos. Aí entrou a questão da pesca, com o "RS Pesca". E nós começamos a trabalhar com os pescadores (MN1).*

Ao longo da história do acompanhamento realizado pelo NUDESE-FURG junto às associações e cooperativas, constatamos que, as ações do núcleo sustentam-se por meio dos projetos, sejam vinculados ao governo estadual ou governo federal. É um caminho trilhado pelos seus membros na tentativa de fortalecer o trabalho e apoiar os grupos.

Com o desenvolvimento da assessoria e acompanhamento a Associação de Pescadores, emergiram frutos do trabalho articulado entre Emater e NUDESE-FURG. E alguns deles, ainda hoje, são sujeitos importantes na luta pesqueira.

*E o L.V., já nas primeiras reuniões, a gente viu que ele era liderança. Ele não sabia talvez, sabe, porque ele não tinha vergonha de falar, ele não teve vergonha de se expor, de reclamar para nós das coisas, de dizer o que estava errado, o que ele achava errado, e isso nos permitiu uma aproximação com ele, porque a gente ouviu e começou a discutir. E ele também, a partir daí, começou a nos ouvir. E ele foi a liderança (MN1)*

Portanto, diríamos que fruto da iniciativa do governo estadual, fez emergir uma oportunidade a estes trabalhadores que há anos sonhavam. Isso demonstra que a experiência da vida, do trabalho com a pesca artesanal e as lutas necessárias para permanecer pescando, conduziram os pescadores a uma visão crítica da realidade e da própria forma como é dividido daquilo que é comum, no caso da pesca, o mar e a lagoa. A expectativa para melhorar as condições de trabalho se materializou com a organização da associação, principalmente para romper com o intermediário, é o que destaca um pescador artesanal e ator importante nesta história:

*E depois eu segui essa linha e eu sempre tive isso na minha cabeça. Claro que não era claro como eu tenho hoje, mas é bem mais claro por causa da formação e da informação que a gente tem. Podia ser de outra maneira mas eu sempre tive comigo que a hora que eu tivesse oportunidade de fazer alguma coisa contra o atravessador eu ia fazer, e esse RS Pesca foi a oportunidade que eu aceitei na hora. “Eu sou um que vou ficar aqui, porque eu quero sair disso aí” (MAP1).*

Os pescadores artesanais que buscam autonomia em relação à dependência do intermediário entendem que a constituição da associação é um caminho viável para desvincularem-se da exploração que ocorre na comercialização do seu pescado. Se este seria um dos objetivos dos pescadores, diríamos que, também seria, desde outro espaço e lugar, aquele desenvolvido pelo NUDESE-FURG no período. Ou seja, pelo menos em parte, ao buscar proporcionar espaços de discussão e debates em torno de alternativas que contribuam para burlar o intermediário. Na construção desse caminho, outras lutas foram sendo incorporadas, sobretudo aquelas que eram próprias da pesca artesanal, como a defesa do meio ambiente, dentre outras. Nos linhas abaixo MN1 evidencia-as:

*E quando a gente passou a ver esse pessoal defender o meio ambiente, defender o tamanho das malhas, da rede. Me lembro de uma reunião que a gente fez lá em Santa Vitória, já com a Apeva, que foi uma parceria com o Nema, que fazia o trabalho e nos chamou para fazer esse trabalho, porque acabou que a FURG ficou como referência nessa área de associativismo e economia solidária – então, outras entidades nos chamavam para dar curso e lá na Apeva foi assim, a gente começou a convite do Nema e depois continuou trabalhando. Deles fazer a discussão com a Patram, da importância da fiscalização: eles, os pescadores, que a vida inteira fizeram a pesca predatória, cobrando fiscalização, o cuidado com a pesca predatória, com o tipo de malha que iriam usar. Então tu começa a ver que as pessoas têm a capacidade de mudar, na medida em que ganham autonomia e ganham a possibilidade do conhecimento. Quando começam a entender o quanto aquilo que eles fazem podem fazer mal para o ambiente, o quanto aquilo que eles fazem, ou o que fazem com eles no caso do*

*atravessador é errado, não contribui para a vida, mas que também eles entendem que o atravessador era uma coisa necessária naquele momento.*

Ou seja, a super-exploração dos “recursos pesqueiros”, já evidenciados em outras pesquisas (BRAVO, 2011), bem como o cuidado com o meio ambiente, do qual dependem e se relacionam de forma diferenciada parte dos pescadores artesanais, se comparados aos grandes barcos pesqueiros, aqui pode ser identificada como preocupação por parte da NUDESE-FURG através de seus extensionistas.

Mas, a sustentação de tal assessoria bem como da relação entre NUDESE-FURG e Associação de Pescadores ao estar orientada pela dinâmica de políticas públicas subsidiadas por projetos (via editais) gestados pelo primeiro, evidenciaria um problema no trabalho que vem sendo realizado, no relacionado a sua sustentabilidade. Além disso, constatamos que as políticas eram pensadas, bem como os projetos eram elaborados pelo NUDESE-FURG. Talvez isso seja uma das razões pelas quais alguns projetos geraram problemas para a Associação de Pescadores, comprometendo o trabalho e, em alguns momentos, limitando as possibilidades de avanço em sua organização autônoma e coletiva:

*Tá, era esse da aquisição de alimentos. E aí então o que eles fizeram, eles negociaram com a junção (Junção Pescados) e eles locaram, a junção virou depositária deles, entendeu? Não comprava pra eles, mas depositava o pescado lá. Então embalava, porque eles não tinham, eles faziam todo o processamento e armazenavam. O que acabou acontecendo? A junção recebeu um camarão deles, não era o mesmo camarão que devolvia, né. Congelava o troço com um monte d'água, na hora que iam vender, o peso era outro, o camarão era outro, a qualidade era outra. Eu me lembro que uma vez eles foram pra Porto Alegre, nessas feiras que tinha, aquelas feiras que faz, que é perto da semana santa, tem uma feira grande em Porto Alegre, de venda direta de pescado. E eles foram pra lá e tiveram que voltar com o caminhão com tudo, porque tinha fiscalização, e quando eles foram ver o peso estava abaixo, o peso líquido, né tirando a água, tava abaixo, porque, porque eles tinham congelado. E aí eles cobravam, a junção cobrava pela armazenagem, entendeu? Bah, eles passaram um sufoco naquilo ali, não quebraram por pouco assim. Claro, não tinham né. Mas claro a ideia deles era achar assim: bom, a gente tá trabalhando, eles nos tratam bem, estamos nos relacionando, só que quando que a empresa vai querer ser boazinha, né? (MN1).*

Mas, também, diríamos que foi em decorrência disso que houve fortes instabilidades na relação, bem como falta de continuidade no trabalho da assessoria junto a Associação dos Pescadores. Tal fato desencadeou certa desconfiança no

trabalho realizado pelo NUDESE-FURG, principalmente porque, neste momento, quando a assessoria precisava estar próxima, acompanhando com mais atenção, não correspondeu conforme a necessidade. A questão é destacada por parte do NUDESE-FURG:

*Me lembro agora, me lembrei de uma coisa aqui deles também, da Apesmi, porque o F.R. pegou uma fase bem crítica deles. Essa fase que eles começaram a entrar nesse programa de aquisição de alimentos. Então eles precisavam comprar, e aí o que aconteceu, o grupo que tava no Nudese, o E.D., essa coisa mais assim, que tinha essa visão teórica maior assim, a própria L.R. né, a não agora (atual coordenadora)... E quem segurou a onda com eles foi o F.R., no sentido de fazer avaliação. O Felipe, bah, o Felipe 'puto da cara' porque eles tavam errando e não tinham nenhuma assessoria nossa na época, e a gente só tava fazendo a crítica. O L.M.B saiu: 'porque não dá, porque eles são atravessadores, porque não sei o que, porque eles tão fazendo o mesmo jogo', mas ninguém foi pra lá sentar com eles e fazer a discussão. E o F.R. não tinha experiência nenhuma disso, né (engenheiro de alimentos), tava no projeto pra ajudar na parte técnica do processamento, disso assim, ali eles sofreram né?(MN1)*

Desde o princípio dos trabalhos com os pescadores artesanais por parte da Universidade constatou-se a forte presença de bolsistas conduzindo o acompanhamento do trabalho junto à associação, e que, no momento referido na parte anterior da entrevista, a assessoria não se fez presente.

*Eu me lembro da primeira reunião na São Miguel, eu não fui, foi um grupo de bolsistas que trabalhavam conosco, um grupo ótimo. Uma gurizada que eram alunos, mas eles tinham uma autonomia de trabalho. O C.K. ajudou, a J.N., a L.R. estava começando naquela época. Eu lembro que quando eles voltaram, lembro da fala da J.N.: "Nunca vocês conseguir pensar em organizar uma cooperativa lá". A.L. era quem era do RS Pesca aqui, a A.E. (Emater) foi depois. Foi a primeira fala da J.N.: 'Eles só pensam neles, essa visão é egoísta, para o seu barco, para sua coisa'. Aí a gente passou a reunir com eles e ouvi-los (MN1).*

Os bolsistas eram alunos da universidade e desempenhavam funções de articulação e apoio aos pescadores. Eram remunerados por projetos considerando os objetivos do mesmo, seu campo de estudo e também os objetivos do NUDESE-FURG. Essa é uma prática recorrente na extensão universitária brasileira em toda a sua história e que, persiste conforme depreendemos dos estudos decorrente destas entrevistas e nesta dissertação. O núcleo continua atuando neste formato e delegando muitas atividades aos alunos bolsistas. O MN2 ratifica, dizendo que: *quando em 2004 comecei me envolver com a Incubadora, não era eu que ia tão direto na APESMI. Quem cuidava disso era o F.R. Estava se formando em engenharia de alimentos.*

Outro aspecto, a ser destacado nesta história, percebido ao longo dos estudos era a falta de clareza em relação aos objetivos do trabalho de assessoria do NUDESE-FURG com relação a diferença do que seriam os objetivos e lutas dos pescadores artesanais, no caso, da APESMI. O trecho abaixo retrata essa constatação:

*Claro porque, eles, pra nós, era uma coisa assim, era tanto deles quanto nossa a vitória, tu entendeu? Porque a gente também acreditava naquilo, a gente tava investindo numa proposta de construção de um novo modelo, né? Não era uma coisa só profissional, era bem isso, era a parceria da construção do modelo, eles iam pras coisas conosco, pra discutir, pra construir, para o Fórum Social Mundial, pra essas coisas todas assim..no nível de fazer oficina, eles fizeram uma oficina no Fórum, ele não te contou isso? (MN1)*

Ou seja, decorrente dos objetivos desta pesquisa, não nos parece ser diferente, por parte do NUDESE-FURG, os objetivos do núcleo e da Associação de Pescadores são os mesmos. É interessante como este fator está presente na compreensão dos membros do NUDESE-FURG, de modo que em todo momento confundem os papéis dentro da relação:

*Fizeram oficina no Fórum Social Mundial falando da experiência deles, foi muito rica, bonita. A gente construiu uma rede e eles foram colocando na rede como, o que eles tinham pescado, né? E aí colocando todo o processo! Foi muito legal! (MN1).*

Mas também, diríamos que, na medida em que a Universidade sendo uma instituição pública não poderia ser confundida em seu trabalho ou no trabalho que desenvolve de extensão como parte do movimento social, ou tendo os mesmos objetivos do movimento social. Até porque, como vimos anteriormente, o objetivo do NUDESE seria o de garantir, propiciar, fortalecer e construir a autonomia do movimento dos pescadores artesanais, inclusive na relação que com eles estabelecesse. O NUDESE-FURG então, nos parece que teria um papel mais relevante ao estar mais próximo da garantia dos objetivos da associação, auxiliando na conquista dos direitos dos pescadores artesanais, mas que neste processo estes pudessem avançar de forma mais autônoma.

Tal fato pode ser exemplificado, através da aquisição do terreno para a construção do entreposto para beneficiamento do pescado, o qual seria um passo importante para a autonomia dos pescadores em relação ao intermediário e para o

próprio fortalecimento da organização coletiva. No entanto, abaixo, o trecho apresenta como a aquisição do terreno foi realizada, tendo como principal influência o membro do NUDESE-FURG:

*Aquele terreno caiu do céu, literalmente ele caiu do céu, Léo. A história daquele terreno é muito engraçada. Assim, eu fui numa atividade lá numa creche, na Doe Amor. E eles estavam trabalhando, essa creche, buscando um terreno pra construir uma creche – a Doe Amor é da Arlete e do seu Ronaldo – e aí surgiu esse terreno, esse terreno seria doado para a creche, todo ele, inteiro. E casualmente – eu nunca tinha ido lá – eu estava na reunião fazendo uma oficina lá com as mulheres, com as mães, sobre a questão da educação dos filhos, da relação com os filhos, e economia solidária, trabalho das mães, como é que podia ser. E veio o assunto da doação do terreno, e nesse mesmo período também, eles não tinham um terreno pra fazer o entreposto, e nós já tava com o projeto aprovado, do entreposto. Bah, e eu na hora, e quem ia dar isso era a União Espírita, ia doar. Ah, e eu digo: não, mas eu tenho uma proposta pra fazer – assim no meio do troço – eu tenho uma proposta pra fazer, uma parceira aí. Nós temos essa e essa e essa situação, e o comitê da cidadania tava envolvido, e o comitê da cidadania sempre teve também, do início lá envolvido com o apoio a essas coisas da economia solidária. E aí surgiu essa possibilidade de fazer um comodato com a União Espírita. Ficou metade – por que eles têm a metade do terreno, aquele terreno ali é de rua a rua, não sei se tu viu – a metade do terreno era pra construção da creche da Arlete e do seu Ronaldo. A outra metade a gente fez um comodato com eles, com a União Espírita pra isso. E funcionou, e deu e o governo aceitou, porque tu tinha que ter alguma coisa, eu acho que era um comodato de vinte anos eu acho, não lembro como é que era, se era vinte anos ou era prazo indeterminado. Eu sei que depois, nesse meio tempo até isso aqui se enroscou, porque os caras queriam de volta, porque a Arlete e o seu Ronaldo brigaram, porque eles eram espíritas lá... Brigaram e eles queriam o terreno de volta, e nós não tava com os 'troços' construído lá em cima! A primeira parte da obra já tava construída, eu sei que a gente teve que intervir de novo junto a União Espírita pra manter o comodato. Sabe como é aquelas coisas que te acontecem e que tu não consegue explicar, como é que tu conseguiu pegar aquilo na hora (MN1).*

Algumas ações acima descritas chamam a atenção. A articulação para a aquisição do terreno onde foi construído o entreposto da associação foi feita pelo NUDESE-FURG, a partir de uma circunstância inesperada; o projeto para financiamento do entreposto, conforme o relato, já havia sido aprovado sem que houvesse um terreno anteriormente garantido para a construção do prédio; os problemas decorrentes da tentativa de retomada do terreno por parte da união espírita e as conseqüentes tratativas para que a associação não perdesse o terreno, demonstram a falta de clareza dos papéis a serem exercidos na relação, bem como os caminhos sólidos pelos quais se deve trilhar para conseguir garantir uma construção como esta aos pescadores artesanais.

A parceria pretendia ir além da concessão do terreno:

*A gente teve que fazer uma baita (...) porque ninguém era espírita, ninguém tava vinculado. Quem tinha o vínculo era o pessoal da creche, né. Então o trato era que, na medida em que tivesse a creche, eles iam subsidiar de alimentos, de pescado a creche, as mulheres deles iam ser voluntárias na creche, tinha toda uma idéia de parceria com a creche pra poder dar conta (MN1).*

Com objetivo da aquisição do terreno e a possível construção do entreposto, a principal intenção do NUDESE-FURG era subsidiar os pescadores artesanais dos elementos necessários à fuga do intermediário. Daí, talvez, a tentativa para garantir o terreno e os acordos estabelecidos (parcerias) entre NUDESE-FURG e Associação de Pescadores com a referida creche. Entretanto, fica claro que desde os primeiros contatos existe determinado intercâmbio de objetivos, onde, por vezes, o NUDESE-FURG se coloca no lugar dos pescadores artesanais.

Portanto, destacaríamos desta primeira parte o seguinte:

- a busca da autonomia em relação ao intermediário para romper com a exploração do preço e, por conseguinte, da comercialização, o que contribuiria na proposta de organização coletiva;
- os projetos eram elaborados pelo NUDESE-FURG para os pescadores e não pelos ou com os pescadores;
- havia uma preocupação com a participação dos pescadores em espaços políticos que pautassem outros temas além da pesca, mas que tivesse alguma relação com a atividade pesqueira (meio ambiente, legislação pesqueira, etc.);
- a presença de bolsistas se apresenta desde as primeiras atividades junto a associação e demonstra que em muitos momentos eram eles quem assumiam o trabalho;
- a aquisição do terreno para construção do entreposto foi intermediada pelo núcleo da FURG.

A seguir, organizamos alguns trechos da entrevista realizada com os membros do NUDESE-FURG, cujo objetivo maior foi, a partir deles, entender como a relação com a Associação de Pescadores é compreendida, objetivos, seus principais avanços e dificuldades e o que almeja o NUDESE-FURG para o futuro em relação com a APESMI.

#### **4.2. A relação a partir dos Extensionistas**

A assessoria desenvolvida pelo NUDESE-FURG junto a Associação de Pescadores está orientada, segundo seus próprios membros, pela *geração de trabalho, renda e autonomia da associação* (MN3). *Não só deles. De todos. Nossa filosofia de trabalho é essa. Através do associativismo e cooperativismo* (MN2). No entanto, não fica claro o que significa a autonomia, nem a que ela se refere (se ao intermediário ou mesmo ao acompanhamento realizado pelo NUDESE-FURG), o que dificulta em certa medida o entendimento.

Entretanto, o trecho descrito abaixo se aproxima de uma especificação do que entende o NUDESE-FURG em relação ao trabalho da Associação de Pescadores:

*A grande busca, assim, queira ou não eles são um exemplo como para qualquer outro grupo da economia solidária, a APESMI é a referencia. Que eles realmente, que a gente consiga que eles busquem a sua emancipação. Que amanhã ou depois não precise mais o NUDESE tutelando. Não que a gente vá deixar de atuar, eu não acredito nisso. Não acredito na incubação fechada (dois anos de incubação, dois anos de pós-incubação) se é assim que se chama. Um acompanhamento sistemático, eles tem um processo disso. E é um processo que provavelmente seja eterno, entende? Não eterno de tutelamento, eterno da relação, entende? Porque outras coisas virão! Tanto é que a APESMI tem crescido nisso, as dificuldades da APESMI hoje são outras. Não são aquelas de início. Então isso sempre vai evoluindo. Ah, não vai ter fim? Ah, então não vai ter fim a política pública? Não, ela muda, ela vai num processo, toda a política é assim se tu pensar. Se a gente for pensar na questão das cotas. As cotas elas tem sido transitórias, ela é uma política pública de inclusão que ela tem que ser transitória por um período. Mas ela vai por um período, mas a política pública para os negros, para isso, para aquilo, ela vai continuar. Terá outra forma, ela vai se transformando, não vai ser exatamente a cota, mas vai ser outra política, entende. Que agrega todas. São políticas transitórias, seja de inclusão, seja de todas as formas. São políticas publicas de desenvolvimento* (MN3).

Percebe-se, de fato, um entendimento mais alargado sobre o que representa autonomia para o NUDESE-FURG. Tomando por base o fragmento acima, entende-se que, autonomia, não trata do fim o acompanhamento realizado pelo NUDESE-FURG, mas na superação sucessiva de problemas da associação que, em conjunto com o NUDESE-FURG, serão ultrapassados e ocupados por outros, mais avançados. E, pelo que vimos na seção anterior, a questão da autonomia seria uma importante finalidade do trabalho de assessoria realizado pelo NUDESE-FURG.

Nesta linha, outro objetivo do NUDESE-FURG em relação ao trabalho com a Associação de Pescadores vem à tona no discurso produzido dos membros do núcleo, e que poderia ter relação com a questão da autonomia:

*Eu visualizo na questão de visualizar a funcionalidade, mesmo que ela não seja plena, a todo o vapor, pegando todas as comunidades pesqueiras de Rio Grande, que a gente gostaria, mas que a gente vê como funcionalidade. Não como funcionalidade operacional somente do entreposto (MN2). Funcionalidade de todos. Que seja realmente para aquelas pessoas, não só para aquelas ali, para os vinte e um entende, para as pessoas que se envolverem ali. E que isso também sirva de exemplo para outros (MN3).*

Funcionalidade que se traduzia, na preocupação do NUDESE-FURG, como organização coletiva da produção e comercialização de pescado, visando à superação do intermediário. Ou seja, a criação da Associação de Pescadores poderia, nesta interpretação, se constituir em uma alternativa para fugir da opção (talvez a única imediata) para comercializar o pescado diretamente, e assim, eliminando o atravessador/intermediário. Mas, na fala seguinte, percebemos que a questão do intermediário e seu papel, bem como as possibilidades da associação ajudar na superação do intermediário eram mais complexas:

*Mas, tem um conceito errado de intermediário. Claro que intermediário não é anjo, ninguém é santo. Mas existe conceito errado. Não estou dizendo que o intermediário seja bonzinho, não é. Claro, se tu quiser vender a R\$ 3,00 e eles vão te oferecer a R\$ 1,50, mas eles movimentam e não é de uma hora para outra que tu vai romper com eles. É por isso que tem que ter uma estrutura, que tu tens que fortalecer a base. E uma preocupação que temos (antes de acabar o raciocínio) é que os grupos aos quais nós atendemos não virem intermediários. Isso aí, muitas vezes, vou ser franco contigo, isso aí chega ao limite (MN2).*

Mediante a histórica exploração em relação ao preço pago pelo intermediário ao peixe do pescador artesanal e a forma como esse tipo de comércio está engendrado na cultura das comunidades pesqueiras. E para os membros do NUDESE-FURG o processo de independência dos pescadores poderia ser uma maneira encontrada para que os pescadores vendam seu pescado a preço justo e agregue valor por meio do beneficiamento, o que garantiria um melhor preço final e, ainda, abaixo daquilo que é comercializado pelos intermediários.

Daí o pertinente debate sobre o tipo de mercado que deve ser produzido pelos trabalhadores associados, para que também eles não se tornem intermediários a partir do momento que passarem a receber o pescado de outros pescadores artesanais. Questão que é destacada pelo próprio NUDESE-FURG em todos estes anos.

*Não, é que tem um limite. Se tu não for para o mercado, e daí a discussão da economia solidária realmente (ah, não era para ti que eu tava falando*

*isso) a discussão da economia solidária. Que mercado que tu queres atingir? Qual é o mercado que tu queres atingir? Tu queres atingir a este mercado comum que aí está?*

*Se tu for pensar que tu queres esse mercado comum, aí os grupos serão transformados realmente como qualquer empresa comum. Porque tu vai precisar explorar a mão de obra, tu não tem outra forma de obter a mais-valia. Não tem outra forma, entende? Vai ser na exploração da mão de obra. Não vai ser no meio de produção, nas outras coisas, vai ser na mão de obra mesmo. Agora, buscando outros mercados, como uma rede de consumidores e os mercados institucionais, ainda há essa possibilidade, existe essa discussão dentro da economia solidária, ainda há a possibilidade de tu manter a lógica associativa e cooperativa mesmo dentro do sistema capitalista. Ou muda o sistema (MN3).*

Parece-nos que a alternativa, a este mercado que está aí, que no caso o intermediário faria parte, seria um mercado solidário ou de empresas cooperativas organizadas de forma solidária. Nesta a comercialização do pescado poderia garantir a entrada de recursos para sustentar a associação, através de mercados institucionais ou as redes de consumidores, conforme citado acima. No entanto, diríamos ser idealista e sem base, seja econômica ou política tal possibilidade, pois tanto os “mercados institucionais” ou “as redes de consumidores” estariam dentro deste contexto maior do sistema capitalista aludido na fala do membro do NUDESE. Além disso, não seria decorrente, apenas, do necessário empenho e negociação por parte dos pescadores ao atender as demandas trazidas por essas formas de comércio (mercado) que possibilitaria que o mesmo se efetivasse de fato. Portanto diríamos que a utopia (mercado e economia solidária) é apresentada de forma superficial e sem mais fundamentação que pudesse orientar de fato um trabalho de assessoria que se contrapusesse ao mercado capitalista.

No relacionado às políticas e aos projetos elaborados, os membros do NUDESE-FURG identificam, aspectos positivos que teriam possibilitado um aprendizado conjunto e reflexões. Mesmo assim, é possível perceber diferenças de como os projetos eram vistos no início da relação com os pescadores artesanais.

*Foi, bom, vamos criar políticas públicas para os pescadores. E sai. Daí eu acho que é um pouco de ativismo também. Acho que hoje, hoje todas as áreas que trabalham com a questão da pesca têm refletido melhor, seja o MPA, seja o SDR, seja nós aqui do NUDESE, seja EMATER, tem outra visão do que era a pesca. Foi por um período foi ativismo sim! Eu não tenho dúvida disso (MN3).*

A reflexão trazida pelo membro do NUDESE-FURG é interessante ao destacar o ativismo naquelas ações, o que teria acarretado consequências não tão boas, tanto para a associação quando ao próprio núcleo.

*Um exemplo: quando a gente pegou o projeto da APESMI. Se mandou o projeto da APESMI em algum momento, um tempo atrás, para o ministério. Veio o dinheiro. Bom, o que eu faço, como operacionaliza isso quando chega. O que é um SISPOA exatamente? O que é o SIF? O que é o SIM? O que é um memorial descritivo? O que é a planta baixa? Planta disso? A planta daquilo. Como é que tu licita? Como é que tu faz o tipo de licitação? Como é que esse grupo faz? Como ele vai se desenvolver nisso? Como é que ele participa das licitações? Então, foram coisas que a gente teve que aprender num curso espaço de tempo e ainda desdobrar lá no grupo, entende? Nós não sabíamos e era bem isso, nós não sabíamos o que estávamos pedindo, ponto. Há pouco tempo, sendo bem claro assim, há pouco tempo nós sabemos exatamente o que é (e talvez não profundo) mas o que é mais ou menos a cadeia produtiva, quais são as legislações atinentes à pesca, quais são as legislações atinentes à área sanitária, quais são as legislações atinentes a questão das espécies. E nisto tu vai te formando e também vai formando o grupo. Porque se tu pegar o pessoal anterior, lá, o pessoal sabia realmente, o que era SIF, o que era SISPOA, o que era SIM? Se soubesse não tinha feito (MN3)*

Mas, além disso, destacam-se problemas enfrentados na operacionalização dos projetos. Primeiramente, gera uma expectativa positiva entre extensionistas e pescadores artesanais. Em seguida, devido à ausência de um sólido planejamento ocorre a frustração e o trabalho dobrado para dar conta das metas e prazos estipulados nos projetos, gerando um desgaste desnecessário. Mas, apesar disso, os projetos ao garantirem recursos, que auxiliam os pescadores artesanais e possibilitam a participação em diversos espaços, acabam sendo desconsiderados tais problemas identificados anteriormente.

*E queira ou não, tem toda uma sustentabilidade dos próprios projetos, para que eles possam ir... Que tu sabe que essas dificuldades tem, de locomoção... Tem esse suporte financeiro, tem o suporte de debate em algumas vezes, da gente poder estar juntos, debatendo junto e construindo junto determinados conceitos. A gente tem participado disso, a gente participa não enquanto acento do movimento, mas a gente participa das reuniões, a gente participa das discussões do “rede”, entende? (MN3)*

A disponibilidade de projetos junto à Associação de Pescadores proporciona este tipo de participação, onde haja momentos avaliativos:

*E o que eles avaliam, quando se começou o projeto aqui, tem isso gravado, inclusive. Quando se começou o projeto aqui a gente pediu para fazer uma avaliação, sobre o que significava. Cada um deles, cada grupo, teve oportunidade de falar o que significava o projeto “rede” para eles. O que menos significava era a questão da comercialização. O mais importante era eles poderem estar ali, juntos, debatendo, sabendo onde o outro errou para*

*que ele não erre, sabendo onde o outro acertou para que ele acerte também (MN3).*

Mesmo que a avaliação coletiva ocorra e seja importante para consolidação de um trabalho verdadeiramente em rede<sup>39</sup>, as ações dos projetos ainda, por vezes, acabam provocando debilidades para a Associação de Pescadores, como por exemplo, o programa de aquisição de alimentos:

*O momento mais crítico que tu me perguntasse do grupo na minha visão dessa história toda, foi à questão do projeto do PAA (programa de aquisição de alimentos), que se montou uma estrutura que não funcionou e deu um prejuízo enorme para o grupo (MN2).*

Um pouco diferente da leitura realizada por MN2, MN3 compreende de outra forma como se dá a influência dos projetos sobre a Associação de Pescadores, ampliando a leitura sobre o momento em que vive a associação:

*Eu acho que se for falar em descenso, acho que o pior momento do grupo é o que ele passa hoje, por conta dessas situações erradas de antes, dá consequência hoje. Hoje eles não conseguem trabalhar porque o entreposto não está concluído, não conseguem trabalhar com o caminhão porque tá em obra o coisa... Tem uma dívida de um projeto de estoque que na realidade foi mal feito. Então, hoje, a situação deles é a pior! Por consequência de todas as situações errôneas do passado.*

Ou seja, via de regra, as políticas públicas difundidas por editais, têm prazos e metas muito bem estipulados, os quais, na maioria das vezes não são os mesmos tempos das associações, necessitariam, da parte dos pescadores artesanais e NUDESE-FURG, tanto de um planejamento mais adequado, quanto de um tensionamento junto aos órgãos de governos (ministérios e secretarias, principalmente) para que estes recursos fossem oferecidos dentro da dinâmica social das associações.

É neste sentido que MN3 argumenta:

*No modo que a gente faz e que as políticas públicas tem a tendencia, políticas por editais, com inicio, meio e fim. Desde que não seja um assistencialismo barato, que a gente vê isso nas ONG's e pode se ter também dentro das universidades, não to fazendo crítica só as ONG's, pode também se ter nisso... Mas que isso tem uma continuidade. Toda a quebra de projetos a gente tem aquele percaução do grupo. Enquanto não se tiver*

---

<sup>39</sup> O projeto referido é denominado “Incubação da Rede de Comercialização Solidária de Pescado da Região Sul do RS”

*políticas públicas sérias, que tenha objetivo da emancipação, permanente, não vai mudar a realidade, vai ser as coisas muito aos poucos, alguns que conseguiram captar, aí é a questão da liderança realmante, vão permanecer e vão seguir lutando, vão seguir fazendo a sua luta e aí depois consegue mais uma força de um lado, do outro...Vai remando. Outros vão se perder no caminho. Talvez isso tivesse um melhor aproveitamento com políticas públicas mais permanentes.*

Mas, a influência que tais políticas e editais exercem na dinâmica da relação entre NUDESE-FURG e Associação de Pescadores é evidente, já que é através disso que ocorrem as ações de acompanhamento junto a Associação de Pescadores. Disso diríamos que, por diversas vezes, os objetivos de cada instituição (NUDESE-FURG e Associação de Pescadores) se confundem.

*Se a gente vai analisar, nessa caminhada toda de sete, oito anos aí né, as histórias se confundem. Se confundem no sentido de que, o crescimento do NUDESE de alguma maneira, também foi o crescimento do grupo. Claro que o grupo, se tu analisares lá, infelizmente são poucos que se envolvem, o entreposto não está pronto né. Mas, se comprou o caminhão. Outras atividades foram fracassadas e trouxeram prejuízos ao grupo, mas a responsabilidade boa parte é nossa, mas, acho que a história dos dois se confundem (MN2)*

O envolvimento do NUDESE-FURG com a Associação de Pescadores acarretou, segundo os relatos, que os objetivos dos pescadores artesanais da APESMI fossem também assumidos pelo NUDESE-FURG:

*É que a gente tem uma angustia muito grande né, que funcione. Que a gente também acredita que através da funcionalidade daquele entreposto, isso traz emancipação financeira, traz “n” outras coisas (MN3).*

E existem algumas consequências práticas disso. O fato da assessoria do NUDESE-FURG estar próxima, realizando um acompanhamento efetivo, implica, por vezes, em uma determinada confusão de papéis:

*Essa relação de dois anos da construção (do entreposto) teve pontos... Não, é estressante! E até, em alguns momentos, se falava algumas coisas técnicas do entreposto e eles diziam: vocês resolvem! Não é bom, por um lado eles mostram a confiança que tem em nós, mas não é bom (MN2).*

*Isso às vezes se confunde, porque tu vai lá e o cara pensa que tu...não é engenheiro...(tá errado isso aqui)... Tá Mirinho... Vou ver lá! Aí ele te xinga, e um dia tu não está muito bem: Tá e aí? O que eu tenho a ver com isso? Sai daí e vai conversar com o engenheiro também... Teve dias que a gente se olhava e dizia: vamos embora!(MN3)*

E isso é percebido pelos próprios assessores do NUDESE que, conforme vemos no relato abaixo identificam a confusão de papéis e de objetivos entre as entidades.

*Bom, tem determinadas situações que a gente é obrigado a ter o limite. Assim, vocês tem a autonomia de vocês! Não chegou a este limite com a APESMI, entende, mas a gente está passando por um processo desses com um grupo aqui. Esse é o limite de vocês. Nós aqui temos a convicção que isto é desta forma. Se nós arredarmos aqui será assistencialismo e isso nós não faremos, entende? Tu tem base teórica, metodologia de trabalho para seguir, por mais que tu ouça, não olha, o método ação-reflexão-ação. O método ação-reflexão-ação ele é método e ele tem princípios, tem todas as coisas que está por trás disso, lá da economia solidária. Se a gente começar deixar todas essas coisas porque o grupo está precisando agora, coitados, ai isso, ai aquilo, ai aquele outro, acabou-se o trabalho. Porque daí o trabalho realmente, o nosso trabalho. Nós NUDESE. Qual é o nosso papel? Não sei se tu lembra na nossa reunião de planejamento o quanto eu bati nisso. Qual é o nosso papel? A todo o momento. Assim, a gente tem evitado aquelas formações quadradinhas que a gente tinha antes. A gente tem buscado esse tipo de questionamento: qual é o nosso papel? Qual é a nossa função quando a gente vai lá no grupo? O que eu vou fazer lá? Eu fui lá passear? Fui lá pegar a passagem? Como está aí? Tudo bem? Estão precisando de alguma coisa? É esse o meu papel? É este o papel de qualquer agente daqui, independente de ser consultor, bolsista, o que for? É esse o papel? Ou tem que ter um comprometimento realmente com a transformação, emancipação, com isso. Qual é o papel do NUDESE? Esse é o verdadeiro questionamento que a gente sempre tem que estar fazendo para conseguir dividir o que é grupo e o que é NUDESE. Porque, a gente, como trabalha nessa função de tu estar muito junto, muito intrínseco ali, e as vezes confunde realmente os sentimentos, tu tem que conseguir saber separar isso. Eu sou mediador, eu não sou pescador. Eu sou mediador, eu tenho uma função neste grupo.*

Ainda que essa seja uma reflexão importante realizada pelo membro do NUDESE-FURG, seu desdobramento em eventos e discussões coletivas, no sentido de identificar os 'n' fatores causadores disso, nunca foi feita. Essa ausência provocou uma série de problemas que, em sua maioria, perpassam, em nossa perspectiva em decorrência, também, da falta de clareza dos objetivos de cada instituição e do lugar das mesmas dentro da estrutura mais ampla que a sociedade capitalista em que vivemos. Isso acaba levando a reflexão para questões de mediação ou da relação pedagógica sem incluir nestes, os objetivos e o contexto mais amplo no qual estavam inseridos, bem como dos diferentes interesses e perspectivas dos sujeitos envolvidos.

*É, mas é que assim, como foi uma coisa muito mais daqui do que da própria comunidade. Olha o fato que o MN2 trouxe. Que um erro nosso aqui o que causa entende? Bom, teve uma crise interna na APESMI e que a gente tomou partido. Problema do grupo, problema do grupo, resolvam, se matem lá dentro. Nós somos mediadores. Nesse ponto, não é que a gente vai ser*

*imparcial, porque não acredito na imparcialidade. Mas nós somos mediadores. Não temos um lado, A e B. Nós temos que mediar toda a crise possível. Como a gente tomou posição de um lado, e esse lado não foi o ganhador, o meu movimento 'NUDESE', bom então como eu confronto com essa liderança que eu não queria?(MN3)*

O posicionamento relatado mediante o problema interno da Associação de Pescadores ficou enfatizado por alguns membros do NUDESE-FURG, no qual os membros entendiam que o NUDESE-FURG não tinha lado. Mas, será que o NUDESE-FURG, com base nos seus objetivos, não deveria assumir algum lado neste conflito? Não se posicionar e explicitar isso, de fato, mostra a falta de clareza dos reais objetivos que se propunham, em nossa interpretação.

*É impressionante também, que, em algum momento, elementos do NUDESE escantearam. Um bom português: O L.V. percebeu que não era problema do NUDESE, mas o problema de duas ou três pessoas aqui dentro. E ele tava capacidade de distinguir. Teve a capacidade de distinguir e olhar como instituição. Não como pessoa. Porque ele entrava aqui e era mal cumprimentado (MN2).*

O problema, qual seja ele, acabou sendo individualizado e não relacionado aos problemas mais amplos que eles viviam, os quais dizem respeito à relação concreta que aqueles sujeitos, em relação à apropriação dos recursos advindos da pesca, sua distribuição e comercialização. O mesmo pode ser dito em relação à crise do projeto Rede (antigo) e sua superação, identificado abaixo, como parte do processo de amadurecimento dos pescadores.

*Eu acho que se tem um bom valor até verbalizado por eles. Tem uma confiança muito grande na questão da relação em si, entende isso? Quando deu a crise no projeto "rede" antigo (vou ter que recordar isso para poder falar disso) a APESMI foi a primeira a se manifestar enquanto "rede" dizendo que, independente das brigas internas do NUDESE, o NUDESE era a instituição que sempre teve ao lado dos pescadores. E que em nenhum momento, com todas as suas falhas, todas as suas dificuldades ele (NUDESE) sempre esteve lá. Então por isso eles queria que o NUDESE se mantivesse com o projeto Rede. E daí que veio a segunda edição, quarta edição, mas a segunda pelo NUDESE. Porque a proposta que foi lançada na reunião era que o NUDESE não teria condições de ter um projeto do porte do "Rede". E a APESMI foi a primeira das associações, dos grupos participantes a fazer essa defesa. E nesse tom. Salvo todos os problemas internos que se teve neste projeto "rede", daí relataram todos eles, o NUDESE foi a instituição que sempre esteve ao lado dos pescadores. Então, acho que nisso daí mostra a questão da confiança no trabalho, de reconhecer as falhas que teve, mas que tem segurança na troca que se tem de todas as atividades, o quanto a gente aprende com eles e o quanto eles aprendem com a gente (MN3).*

Então, a partir disso, o amadurecimento e aprendizagem dos pescadores que, também, os extensionistas do NUDESE—FURG, estariam aprendendo com os pescadores, contribuindo para o aperfeiçoamento da assessoria:

*Nós não podemos pegar, vamos dizer, o que hoje é o NUDESE ou três anos para cá quando chegou a MN3, ou até o que o MN2 mal ou bem aprendeu um pouco, o que a D.N. aprendeu, que a D.N. hoje é um exemplo que antes era bolsista e agora é consultora, a T.E. que tem uma bagagem da pesca maior que nós. Então a gente não pode pensar hoje o NUDESE e o NUDESE a seis anos atrás né? Se a gente tivesse equipe estruturada a cinco, seis, sete anos atrás. Tu participasse aqui num período conturbado. Imagina se tivesse esse grupo de pessoas, também naquele período. Com certeza o atendimento seria outro. O grupo já não era tão amadurecido como é hoje. Talvez um apoio mais qualificado acelerasse o fortalecimento do grupo. Acredito que sim. Mas, também, tudo faz parte da evolução. Então, são cenários diferentes. Ambientes diferentes. Então tu não pode pegar a qualificação que tem hoje e querer jogar num ambiente de cinco, seis, sete anos atrás, não pode. Um exemplo: buscar especificação, fazer uma licitação para um tubo de congelamento. Não é mais. Claro, vamos deixar uma coisa bem clara que também essa crítica hoje nós fazemos, dez anos depois, percorrendo esse caminho, também faz parte do nosso crescimento (MN2).*

A experiência do acompanhamento produz práticas avaliativas que permitem ao NUDESE-FURG olhar para trás, podemos perceber que, em sua avaliação, o trabalho de assessoria não é percebido como sendo de via de mão única e que ambas as instituições crescem na medida em que estão trabalhando em conjunto. É dessa forma que o NUDESE-FURG percebe o desenvolvimento das lideranças na associação, ou seja, vê a APESMI alargando a visão acerca do setor pesqueiro e o papel da Associação de Pescadores nessa conjuntura:

*Como é que a gente vai se desenvolver? Eu vou me desenvolver sozinho? A APESMI vai ser um grupo isolado? Vai ser só vinte e um pescadores para sustentar esse entreposto? Esses questionamentos que nós temos, científico, né, porque daí tu vai lá questão de viabilidade econômica, disso, daquilo, manutenção daquela coisa, é científico, o L.V. tem na vivência, da questão política, da questão da prática, do conhecimento do seu crescimento exatamente. Ele conseguiu ver que não adiantava só se unir, como antigamente a gente pensava: não forma grupo! Gente, o NUDESE reproduziu isso muito. Forma cooperativa, forma associação e tá resolvido os problemas. Isso o governo do estado reproduziu, qualquer agente social reproduziu isso por um período. E a gente já sabe hoje que não é isso e o L.V. também sabe. Se tu for pensar em liderança. O L.V. e mais outros, não só ele ali, os outros. Não são muitos, mas hoje eles também sabem que não é só isso. E hoje se tenta uma articulação inclusive mais setorializada realmente. Olha, no mínimo vai ter que juntar todo mundo da cidade (MN3).*

Mas, também, ao identificar que tal experiência contribuiu para que o próprio NUDESE-FURG, hoje, decorridos todos os anos de assessoria à Associação de Pescadores possa reavaliar as decisões tomadas no passado.

*Necessita tudo isso ou necessita a organização desses grupos? Será que esses grupos não poderiam ser núcleos? Mesmo que informais, para estar se estruturando e ter um local para o desenvolvimento local? Acho que não se pensou, isso foi no ativismo! Isso foi no ativismo, entende? E daí não foi um ativismo só do NUDESE. Foi ativismo de todos os agentes. Foi do ministério da pesca, foi do NUDESE que também entrou na coisa, foi da Emater, foi do governo Olívio na época, foi de tudo. Na intenção de fazer! Com certeza, eu não tenho dúvida que foi na melhor intenção. De querer a autonomia desses grupos. E todo mundo desconhecia essa relação (MN3).*

No entanto, entendemos que reafirmam, apenas, a questão da falta de organização, e poderíamos dizer da falta de “conhecimento” dos pescadores e assessores. Dizer que todos são responsáveis dilui as responsabilidades dos atores sociais. Tal entendimento é reafirmado por MN3, o qual teria causado os problemas atuais que a associação enfrenta, os quais são destacados abaixo.

*Assim como teve erros do NUDESE teve erros do grupo. Porque eles também tiveram problemas lá, problemas específicos deles, tanto é que culminou na expulsão de um sócio, por mau uso dos equipamentos, por mau uso dos recursos, também teve isso, entende? Mas teve também falha na assessoria. Não se discute isso. Hoje a gente faz a análise muito tranquila e o próprio grupo tem a análise. O próprio grupo, na avaliação do L.V. olha para a menina assim, para a bolsista e fala: “nós queremos sim trabalhar com vocês bolsistas, mas vocês bolsistas não nos respondem mais. Vocês não tem condições de nos atenderem mais. A gente precisa de profissionais. Estamos abertos, estamos a vontade, com toda a proposta para vocês aprenderem. Mas vocês não respondem mais os anseios.” Isso o L.V. disse! (MN3)*

Portanto, as críticas que eles destacam que são feitas pela Associação de Pescadores vem contribuindo para o fortalecimento do NUDESE-FURG enquanto estrutura de apoio.

*Fazendo a crítica. Fazendo a crítica ao trabalho. Para mim não teve situação mais pontual para mim, assim, eu já acreditava em algumas coisas, do que a fala do L.V. “Vocês já nos ajudaram muito, na fala do bolsista, mas hoje eu preciso de profissionais. Hoje eu preciso de outra coisa da universidade”. A crítica que eu digo não é a crítica destrutiva. É... Eu preciso disso, então me respondam assim. É trazendo a realidade. Só assim que a gente consegue se transformar para poder responder. Aí é o verdadeiro método ação-reflexão-ação. Não somente teórico. (MN3)*

Como também aparece a questão do entreposto neste processo de avaliação e de crítica do que foi feito até então:

*E não vai cessar nisso, entende? Porque depois que tiver o entreposto vai ter a questão da gestão, vai ter a questão da manipulação, vai ter a questão das boas práticas, vai ter a questão de logística; de fomentar o resto dos outros grupos, do desenvolvimento local. Que não seja para resolver problemas. Que a gente consiga ver um planejamento prévio (MN3).*

*Em termos de quantidade de trabalho, não é claro, de repente tu foste pontual na APESMI, porque estás falando da APESMI. Mas a APESMI se confunde, dependendo do ponto de vista, com a pesca artesanal de Rio Grande. Mesmo que nós tenhamos daqui a pouco aquela estrutura pronta, funcionando, até para funcionar tem todo um levantamento de outros grupos, de outros pescadores para fornecer o produto para aquilo ali. Então, aquilo ali não é a APESMI como o grupo de vinte fechados. São uns quinhentos! (MN2).*

No entanto, para além das questões organizativas, de gestão e planeamento, o acompanhamento dos extensionistas ou da assessoria deveria considerar que, historicamente, o setor da pesca artesanal é marginalizado no âmbito pesqueiro. Em contrapartida, a pesca industrial, apesar de proporcionar um número menor de empregos e ser claramente predatória em suas atividades, é reconhecida como aquela que alavanca a produção de pescado em âmbito nacional. E tal questão não pode ser desconsiderada já que o mesmo governo que emite os editais para tais projetos junto aos pescadores artesanais, é o mesmo que financia e apoia aquela pesca de grandes empresas e embarcações.

Abaixo, um fragmento que esclarece o destino advindo do Seguro Defeso, recurso pago pelo governo federal aos pescadores e que, há dois anos, o governo não repassou às mulheres dos pescadores artesanais, por entender que não são partícipes na cadeia produtiva. Segundo MN3,

*Eles falam claramente, eles verbalizam isso. Um paga uma coisa e outro paga outra. Se tira um eu to devendo. Tem gente que não voltou a pescar porque não conseguiu arrumar os seus apetrechos, porque resolveu pagar a venda para poder ter o que comer. E agora não pode pescar porque não arrumou os seus apetrechos de pesca. Então, daí vai para onde? Vai catar lixo, vai tentar ir para o polo naval, sem qualificação, vai virar pedreiro sem saber ser pedreiro, vai tentar qualquer outra coisa. E assim vai se destruindo as comunidades tradicionais de pesca. Então chega aos casos extremos. Tu achas que o cara, vendo o filho passar fome, não vai pescar ilegalmente? Quando chegar ao extremo vai. Depende de um trabalho nosso?*

Podemos perceber que a realidade que envolve os pescadores artesanais é a realidade de quem está com a vida ameaçada. Por isso, apesar dos projetos

elaborados pelo NUDESE-FURG proporcionar uma série de benefícios a Associação de Pescadores, o que é necessário, de fato, é que ela possa garantir aos seus associados, isto é, para si mesma, a entrada de recursos financeiros que subsidie a vida dos pescadores artesanais e suas famílias. E parece que os extensionistas sabem disso:

*Só que agora está chegando num ponto, e isso é outro fato que para mim é atual, assim ó, que: Tá, agora deu também! A gente sabe do processo, a gente compreende o processo, a gente quer o processo. Mas eu também quero poder sustentar dignamente a minha família! E aí tem algumas falas neste sentido, porque as coisas não acabam, as políticas não foram efetivas, completas, não sei se efetivas, mas, completas, com início, meio e fim. Ah, não sei exatamente o termo ideal entende. Mas queira ou não, nem a própria Coopesi ali está conclusa não tem condição de sustentar uma Rede (MN3).*

*Tá pegando... Tá pegando no bolso. A não conclusão do entreposto faz desacreditar em várias coisas. Eu me reuni para que eu pudesse sair da mão do atravessador. Eu saio da mão do atravessador quando eu posso comercializar o meu pescado. Eu só posso comercializar o meu pescado pelo talão do produtor com o peixe in natura e não tem agregação de valor, então é mais fácil eu vender ali porque, pelo menos, eu não vou ter custos. Eu vendo no trapiche, não tem custo do caminhão, não tenho isso, não tenho aquilo. Porque eu não vou ter valor agregado. Então, se não tiver o entreposto, não tem valor agregado. Então eu começo a desacreditar! Pô, dez anos?! Dez anos eu tô trabalhando para que isso saia, eu me reúno, eu faço assembleia, eu vou aos cursos, eu vou a Rede, eu vou ao raio que o parta e aquela porcaria não acaba. Aquilo ali dá a condição de eu sair da mão do atravessador, que foi o meu primeiro objetivo lá, quando eu me reuni (MN3).*

As necessidades que surgem da precarização do trabalho do pescador artesanal e que são expressas pelo NUDESE-FURG exigem da APESMI algumas posturas, mediante o andamento da finalização daquele que é o principal empecilho para fortalecer a associação, ou seja, o entreposto. Tais posturas são relatadas pelo MN3:

*Se tu pegar assim, agora, qualquer fiscalização, se tu pegar qualquer coisa que venha, não os vinte e um (associados) mas os mais próximos ali se envolvem, vão lá, sabem falar, sabem discutir, sabem dar informação para o fiscal. O fiscal faz entrevista com eles e com a gente e bate, porque senão não passava as coisas, entende? Eles têm completo domínio daqui ali. Bom, se tem alguma mais técnica mesmo, a gente diz: "Ó gente, não esqueçam isso aqui! Tá, pode". Fizemos isso, acho que está dentro do papel mesmo, entende. Mas eles se envolvem com aquilo ali. Agora mesmo teve fiscalização sexta feira, eles se organizaram lá para cortar a grama, para arrumar, para ter uma aparência melhor, para poder conversar com o fiscal. Quando a gente chegou, eles já tinham recebido o fiscal, estavam conversando, o cara já tinha visto tudo, já tinha fotografado, eles já tinham explicado a situação que estava, como estava. O cara só veio ver aqui a questão documental, como estava a questão das licitações que isso está conosco, essa parte burocrática até porque não tem como estar lá. Eles não*

*tem espaço físico, inclusive, na condição que está. Senão, acredito eu, que estaria lá. Mesmo que a gente estivesse por trás auxiliando na parte administrativa e burocrática.*

Os pescadores artesanais, além de estarem imediatamente envolvidos com a associação, ainda, pela caminhada que já realizaram, têm participação ativa na vida da comunidade onde residem e em políticas públicas na cidade.

*Os gurus estão envolvidos no projeto das casas dos pescadores, envolvidos no residencial São João, indicaram famílias para ali. Eles têm uma rede de trabalho ali dentro da comunidade... A cozinha comunitária que está chegando. E daí não vai ser só ali na comunidade, entende, vai ser no município, não tem outro jeito. Eles ganharam essa credibilidade, foi o trabalho (MN3).*

Enfim, considerando o olhar dos extensionistas e as entrevistas aqui transcritas percebemos alguns destaques que precisam ser ressaltados:

- Existe uma definição de autonomia que aparece nas entrevistas dos membros do NUDESE-FURG. É definida como práticas que não significam o fim do acompanhamento do núcleo, mas a funcionalidade da associação como forma para romper com o intermediário / atravessador. A finalidade dessa autonomia seria a comercialização do produto.
- A predominância de recursos financeiros oriundos de projetos (via editais) tem algumas consequências: a) Auxilia na participação social dos pescadores, possibilitando compor espaços importantes do setor da pesca artesanal; b) Por vezes, projetos mal conduzidos causam problemas a Associação, bem como a sua finalização e a ruptura que causa (afetando a contratação de bolsistas e consultores)
- Em diversos momentos, os membros do NUDESE-FURG demonstram falta de clareza dos objetivos do núcleo, acarretando em uma confusão de papéis (quando o NUDESE-FURG assume objetivos da associação de pescadores) e apresentando consequências práticas;
- Há um reconhecimento de que o acompanhamento feito pelo núcleo proporciona um mútuo aprendizado a ambas as instituições;

A relação do NUDESE-FURG com a Associação de Pescadores tem sido marcada por estas condicionantes, as quais nos permitem compreender a existência de vínculos para além dos institucionais entre os extensionistas e os pescadores artesanais da APESMI. Em seguida, veremos como o membro da Associação dos Pescadores vem compreendendo a relação com o núcleo da FURG.

### 4.3. A relação a partir dos Pescadores Artesanais

Associação de Pescadores Artesanais da Vila São Miguel recebe o acompanhamento do NUDESE-FURG há, pelo menos, 13 anos. Como vimos ao início, a partir de um grupo de pescadores se constituiu a associação. Depois, a partir do ponto de vista da NUDESE-FURG alguns aspectos que, na perspectiva do núcleo, destacamos como centrais ou relevantes para esta dissertação. Veremos agora, a partir das entrevistas realizadas, como os pescadores artesanais apresentam suas perspectivas sobre a relação com o NUDESE-FURG.

Em relação aos objetivos da Associação de Pescadores, o relato abaixo apresenta um conjunto de ações que são possíveis, mediante a participação coletiva de seus membros:

*Tenho eu pra mim é o papel mais importante dentro de uma organização da comunidade é a informação e formação desse pessoal, esse é o papel mais importante, chegar à informação até eles, dizer que eles podem fazer parte de um programa de habitação, um programa de RS Pesca, de um PRONAF, que eles podem fazer parte de uma eleição de uma colônia, eu acho que isso é fundamental dentro de uma comunidade eu acho que mais ainda que comércio, que a comercialização do produto, claro que isso ai é o que o pescador quer que aconteça um comércio melhor garantido, um preço melhor, mas na minha visão de vida o dinheiro, é claro, o dinheiro é necessário e o produto, mas eu acho muito melhor o trabalho em uma associação o retorno maior que ela dá é da informação (MAP1).*

A organização dos pescadores artesanais em associação possibilitaria a partir do fragmento acima, o acesso às informações necessárias para a melhoria de algumas condições de vida dos próprios pescadores conforme o entrevistado. Além disso, novas atitudes são incorporadas nas práticas destes trabalhadores, fruto, segundo MAP1, da participação nas lutas do setor da pesca artesanal por meio da Associação de Pescadores:

*Isso aqui é uma maneira que no futuro, se Deus quiser, trouxe grandes retornos, financeiros eu nem digo, mas em pessoal mesmo e pra muitos aí cresceram juntos também aí, de certeza, cresceram aí, tinha caras aí que não conseguiam nem conversar e hoje a gente vê que as pessoas já conversam, já cobram, coisa que antes não conseguiam fazer nada disso. Fugiam igual bixinho do mato, hoje já não (MAP1).*

Existe, por parte dos pescadores artesanais, o reconhecimento dos frutos colhidos por meio da participação nas atividades da Associação de Pescadores, e diríamos, talvez, em decorrência do trabalho desenvolvido pelo NUDESE-FURG, seja no relacionado ao crescimento pessoal, as mudanças de atitudes ao longo da

caminhada, o amadurecimento nos pescadores artesanais para suas lutas e ações políticas.

*Olha, a gente tem que conviver com todos hoje. No início, antes de ter trabalhado junto com o NUDESE nessas formações a própria caminhada toda, eu era até mais radical nas minhas decisões. Eu hoje não sou. Como eu enxergo que o pescador hoje não é ocupado da maioria das coisas que ta acontecendo com a pesca, o pescador artesanal, eu me sento aqui pra conversar com aquele que faz pesca predatória, com aquele que não faz pesca predatória, me sento pra conversar com ele tranquilamente e o que eu tento passar pra ele é que isso, mais cedo ou mais tarde, vai prejudicar ele, o filho. Claro, aquela conversa que antes eu era radical, que eu muito pratiquei a pesca predatória, eu parei com a pesca predatória depois que a associação foi construída até pela formação, pela questão ambiental, coloca que a pesca predatória nunca me trouxe nada, pelo contrario, ela me trouxe mais malefícios do que benefícios porque a gente tem como se estruturar sem fazer ela, em alguns momentos da vida da gente ela é fundamental, tu tem que fazer pra manter a tua família, mas ela não pode virar uma regra, não pode ser tua prioridade e sim tem que ser a última alternativa. Eu paro e converso, ela não pode ser prioridade ela tem que ser uma alternativa lá no fim, quando tu não tem mais nada. “Pô hoje eu só tenho que arrastar siri, não tem peixe, não tem linguado, não tem peixe rei então eu vou fazer isso aí”. Hoje eu converso tranquilamente com o pessoal, eu amadureci bastante esses anos todos com certeza, na parte de dialogo com os meus companheiros, é claro que a gente ainda tem críticas de alguns e nem Deus, porque eles acham que tu ta ganhando e que tu faz isso porque tu ta ficando rico e não é uma verdade né cara! A gente trabalha com amor a camiseta e muitas vezes tu deixa de fazer as tuas coisas pra fazer as coisas que serão boas para os outros, mas que para nós também é boa. Hoje, eu converso até com a L.N, hoje eu faço o que dá para eu fazer. Antes eu fazia o que dava e o que eu não tinha possibilidade pra fazer. Eu me jogava de corpo e alma. Não quer dizer que hoje eu não faça, mas hoje eu distribuo mais as minhas tarefas, eu planejo mais o que vou fazer né. Antes, com aquela minha ansiedade que as coisas andassem, voando, aí eu vi que as coisas não dependiam só de mim. A maioria das coisas dependiam mais dos outros que de mim. Então isso eu fui aprendendo (MAP1).*

Neste processo de amadurecimento nota-se a preocupação com o meio ambiente e seu cuidado. Portanto, poderíamos dizer que o processo de assessoria teria contribuído com a “ambientalização” das ações dos pescadores artesanais de um lado, e propiciado uma postura de mais diálogo por parte do pescador, agora menos “radical”.<sup>40</sup> Nesta visão, isso é possível devido à confiança depositada no NUDESE-FURG e no trabalho que realiza, pois ao falar da assessoria dos extensionistas da FURG, destaca:

*Eu digo que o NUDESE é uma das poucas entidades, não só daqui, e eu acho que do Brasil, que trabalha com essa visão de valorização do ser humano, valorização da pessoa, não do dinheiro eu digo e digo bem tranquilo, é uma das poucas partes da universidade que trabalha realmente*

---

<sup>40</sup> Entendido, por ele, como não mais praticar a pesca predatória ou de não falar com todos, de não dialogar.

*com a valorização do ser humano. O NUDESE foi o início de todo processo, processo mesmo de autoestima, de dizer que valia a pena ser construído aquilo ali, construir o grupo, que aquilo a nossa autoestima seria muito melhor, que o pessoal ia conseguir trabalhar com o que ele produzia e não passar pra que outro tirasse proveito daquilo ali, que agregasse valor ao que fazia, e incentivou na organização e na valorização da comunidade. O NUDESE foi o pulmão e o coração das organizações, se não existisse o NUDESE, porque a EMATER foi embora depois do governo do Olívio, entrou o Rigotto e terminou com a EMATER. O NUDESE continuou e as organizações (não só as são nossas aqui) elas só continuam ainda mau ou bem por causa do NUDESE. Porque o NUDESE que deu esse suporte e, as organizações, a quem eles ainda escutam, é o NUDESE é a L.N. é o R.C, é a D.T. desabafam com eles se tiver que desabafar. Até eu, muitas vezes, faço o meu desabafo também com a L.N. e com o R.C. que é onde a gente pode dizer o que é o trabalho, como ele tá, como ele não tá, porque nós tivemos lá no início momentos delicados. Não é de agora isso ai é uma construção (MAP1).*

No entanto, como percebemos, o pescador identifica e avalia criticamente outros atores no campo da pesca, com vínculos à pesca artesanal, os quais teriam deixado a desejar depois de determinados momentos. Observa-se que a relação está alicerçada na valorização das pessoas, da dignidade humana e da auto-estima, dentre outros aspectos. Por isso, a Associação de Pescadores compreende que seria um retrocesso que outra instituição realizasse a assessoria, bem como identifica a relação tensa entre os acadêmicos e as atividades práticas dos pescadores:

*Mas não é só uma entidade de apoio. Tu teria que criar uma relação e uma confiança com essa entidade, porque o pescador hoje ele cria algumas barreiras de proteção, isso é desde o início, não é de hoje O pescador até confiar em ti... Vamos supor assim: o Leonardo tá chegando e quer fazer um trabalho com o pescador, pra ti alcançar mais pescadores tu vai sentir uma barreira, que pra ele se doar pra aquilo ali vai levar tempo, não vai ser do dia pra noite. É uma relação! Eu digo hoje sem preconceito nenhum, porque nós pescadores somos a maioria semianalfabetos, e é uma maneira de se proteger, porque a gente pensa: aquele cara é de uma universidade, aquele cara tem um baita de um estudo, que ele ta ali passando a perna, me usando, de muitos anos tem isso, tu vê que tem uma dificuldade alguém da FURG, alguém do IBAMA vim fazer um trabalho aqui, ele usa isso pra se proteger, ele acha que tem pouco conhecimento e não é verdade! É o que vai passar mais conhecimento na maioria das vezes, pra quem vem, só que ele se protege muito disso ai e ta cada vez pior pelos fatos que estão acontecendo, as políticas públicas. E eu acho que outra entidade hoje ela teria que passar muita confiança e ia levar um tempo pra conseguir o que o NUDESE conseguiu esses anos todos (MAP1).*

*Mas teria que ser algumas pessoas que nós conseguíssemos confiar, a gente já teve envolvimento com várias entidades, mas confiar assim, abrir o jogo, acho que foi só o NUDESE. Porque sentar e conversar e o pessoal desabafar, hoje é só o NUDESE, não tem nenhum, porque o NUDESE criou esse vínculo com as organizações esses anos todos, mal ou bem, como eles andem o último apoio é lá no NUDESE, quem a gente procura o NUDESE. É claro que hoje é o NUDESE é a L.N. é a D.T. o pessoal não*

*consegue ver que o NUDESE é uma entidade, é um órgão que tu pode procurar. Não eles pensam: é a L.N., é o R.C. e antes era a D.T., então essa relação é difícil de criar, a gente tem que conviver com todos e confiar em poucos, Isso ai é pura verdade (MAP1).*

Diante da confiança que se estabeleceu por uma relação 'pessoal' entre os pescadores e alguns membros do NUDESE-FURG há mais de dez anos, onde se instaurou um ambiente de diálogo e elaboração de pautas comuns para o trabalho e que a assessoria fortalece a luta da associação, é compreensível a afirmação do MAP1 sobre a hipótese da associação não ser mais assessorada pelo NUDESE-FURG: “*Eu acho que o grupo não continuava. Não, eu acho que ainda não têm condições hoje*”.

Ou seja, se o reconhecimento da assessoria do NUDESE é importante, por outro, a frase acima, poderia sugerir que, a existência da Associação de Pescadores estaria vinculada à permanência da assessoria. Isso, mesmo após a APESMI ter passado por situações delicadas, em relação ao acompanhamento:

*Nós tivemos um período, mas depois chegou a L.N., foi bem complicado, uma relação bem conturbada com a FURG, com o NUDESE foi um único período que eu me lembro, acho que foi uns dois ou três anos por ai, isso foi em 2005 ou 2006 por ai. Foi um período conturbado porque a gente teve um projeto de estocagem e deu problema naquele projeto, porque o que que acontece, é isso o que eu digo. Foi feito pela FURG com o acompanhamento do NUDESE e no fim acabou acarretando tudo em cima da gente, claro que a gente pecou, mas nós somos pescadores a gente ta aprendendo muita coisa e no NUDESE estão aprendendo muitas coisas, mas algumas coisas não se deveria errar tanto, porque tem pessoa atrás disso ai e precisam daquilo ali, aquilo ali tem que acontecer pra que as pessoas consigam enxergar. E a gente viu que naquele momento as coisas ficaram muito soltas e coisas muito sérias, porque quando se lida com dinheiro é sério demais, não é tu lidar com palavras, com reuniões, tu lida com o dinheiro e quando ele entra as coisas ficam mais sérias. A gente sabe como é que funciona, depois que o dinheiro aparece, antes não se sabia, embora a gente viva tudo perto dos outros a hora que o dinheiro entra a coisa muda, não é só aqui é em qualquer repartição. Aquela época no meu ponto de vista a assessoria falhou! Nós falhamos, mas a assessoria também falhou e ai deu uma balançada naquele período, teve críticas muito fortes ali (MAP1).*

O pescador artesanal não detalha o problema vivido, mas não esconde seu descontentamento em relação ao trabalho do NUDESE-FURG naquele momento. Demonstra sua preocupação com a seriedade na lida com o dinheiro (que, em se tratando de dinheiro público, se torna mais sério ainda) e não hesita em dizer que a assessoria falhou. Ele complementa:

*Achei que ia terminar nessa época, em 2006 eu achei que ia terminar. Pra ti ver que a coisa foi tão séria que eu tava pescando lá atrás da Z3, lá onde nós estávamos agora esse ano, eu e o R.B. e nós tivemos que pegar a nossas coisas e vir embora pra ele não terminar de vez e tivemos que trazer tudo, e fazer reunião e botar as coisas em cima da mesa pra conseguir reverter, porque ia terminar ali, ia quebrar os pratos ali, então ai que eu digo que assessoria falhou, muito ali naquela parte, a dor ensina a gemer! Hoje a gente ta mais calejado e não deixaria acontecer, nem deixaria o NUDESE tão afastado de um momento como aquele dali, nós também não cobramos, por estar tão inseridos numa safra de camarão, a gente não tá acostumado com esse tipo de trabalho de compra e venda e dinheiro do governo e reformar, e a gente não tava acostumado com isso. A primeira vez que a gente tinha pegado o dinheiro do governo pra conseguir trabalhar, a gente queria só trabalhar, só trabalhar e deixou um pouco algumas coisas de lado que era fundamental e apostando muito no NUDESE. Foi um erro, acredito que um erro nosso que apostávamos muito nas pessoas que tavam ali e no fim a gente acabou percebendo que no fundo ali também tinha muitos problemas (MAP1).*

Uma questão tão importante como essa, deveria em nossa opinião, ter sido destacada também pelos membros do NUDESE, o que não ocorreu. Até porque, a elaboração de projetos para captação de recursos, apesar de ser componente da confiança que existe na relação, o que não impede o pescador entender que é necessária uma participação maior na gestão dos recursos oriundos dos projetos.

Entretanto, a Associação de Pescadores consegue perceber que o próprio NUDESE-FURG, apesar da presença constante, é vulnerável, ou seja, dependente de suas coordenações e projetos, bem como de suas instabilidades na assessoria, e divergências internas no NUDESE:

*Quem deu esse suporte foi tanto a D.T. como a L.N. foram às pessoas que mais se identificaram com os grupos, claro como coordenadoras do núcleo, não criticando os outros, mas como identificação eu vejo a D.T. lá no início e hoje a L.N. que tem mais identificação com os grupos e se inserem mesmo, botam o pé no barro como a gente usa dizer, e isso ai é reconhecido (MAP1).*

*Eu tava vivendo tudo isso, eu vivi isso e senti isso também porque o NUDESE tava tomando outro caminho, não eram aqueles princípios daquele início com a D.T. e hoje com a L.N... Ele se afastou até, teve afastado muito tempo das organizações, principalmente nós aqui. A gente teve um afastamento, a gente sentiu isso, mas fomos matando no peito e continuando (MAP1).*

Nota-se que, além da troca de coordenações que culmina, inevitavelmente em modificações na forma como se faz à assessoria, outro elemento que gera incertezas na dinâmica da Associação de Pescadores é a irregularidade das políticas públicas. Uma vez que os pescadores artesanais acessam ao recurso e

isso incide na melhoria das condições de trabalho, o rompimento é fator negativo, pois força os trabalhadores a retornarem para dependência do intermediário, provocando retrocessos na luta.

*As associações foram/seriam uma maneira de amenizar um pouco isso. Tivemos o outro exemplo do Fome Zero, do nosso peixe-rei com o valor baixíssimo, peixe muito bom e com o valor muito baixo, que o atravessador nunca se importou, porque ele rende pouco pra ele e dá trabalho. Então ele não vai deixar de trabalhar um camarão para trabalhar um peixe-rei e ganhar centavos, ele não vai querer, ele nunca valorizou esse peixe. No momento em que o governo deu apoio, e eu digo que o governo é a ferramenta essencial na parte da comercialização, que ele deu assessoria, deu apoio financeiro para que os pescadores pudessem pescar e entregar o seu próprio peixe para as comunidades, que é pro Fome Zero, que o peixe da época de 0,50/0,60 centavos veio pra 1 real e 10 centavos, foi o dobro aquilo ali, tu vê que nós chegamos a ter 46 pescadores entregando peixe rei, porque? Porque eles tinham um preço justo no período que foi em 2006, tinham dinheiro garantido toda semana, e tavam trabalhando dentro de uma organização, ali começou a ter uma visão diferente, eu hoje nós não tivemos acesso mais ao programa Fome Zero. Então, são essas políticas públicas que não continuam, acabam desmotivando o próprio grupo e são coisas que dão certo, ai tu funciona um ano, no outro já não tem, pronto aquilo ali porque que não tem, se foi uma coisa boa? E aí? Como é que tu vai responder isso, tu não tem essa resposta porque não depende de ti. O Fome Zero foi outra coisa que alavancou no início, os caras muito bem trabalhado muito bem feitos e o governo acabou não continuando com essas políticas, e foi em todas as organizações. O Fome Zero foi muito bom e gente lamenta não ter conseguido mais e aconteceu mais alguns problemas, mas eu acho que deveria continuar o programa, deveria continuar na maneira que tava porque ele tinha começado bem e todo mundo cumpriu com a sua parte, não teve problema nenhum, só que a gente não sabe o que acontece com as coisas boas que terminam rápido e a gente hoje sente falta (MAP1).*

O caso acima exposto, em específico, não depende exclusivamente da ação da assessoria, mas de um conjunto de práticas institucionais burocráticas que determinam o final deste programa que, no entanto, em nenhum momento apareceu como crítica por parte dos assessores do NUDESE. No entanto, em relação às constantes trocas e instabilidades que acontecem no NUDESE-FURG e que aqui foram relatados, os pescadores artesanais entendem que o núcleo é, pela FURG, pouco reconhecido e isso tem consequências na forma como ele se estrutura para atender as associações.

Neste sentido, a leitura feita pelo MAP1 é que o lugar ocupado pelo NUDESE-FURG ocupa na organização universitária não é privilegiado, mas pouco conhecido, provocando a marginalização daquilo que o núcleo realiza.

*Eu participo aí do Nudese desde o início e eu acho que o Nudese é pouco valorizado dentro da Universidade. E eu vou te dizer assim pra ti: pelo que*

ele faz. Pela função dele. Eu acho que ele deveria ter mais apoio da Universidade. Eu acho que, estruturalmente, não criticando bolsista, Deus me livro, bolsista está ali para aprender e tem que ter esse aprendizado. Porque o que se vê muito é aquela troca de coordenadores, nas coordenações do Nudese. Não tem aquela continuidade. Até que agora a L.N. abraçou mesmo e já está ali há quatro anos. O grande problema do Nudese, como estrutura, é que essa troca de coordenação, como acontece de uma coordenação para outra, acaba pegando do zero as coisas. Acaba que os grupos têm que ajudar muito mais o Nudese a conseguir trabalhar do que o próprio Nudese. Custa a dar esse retorno, é o que eu te digo: é muito difícil uma entidade criar confiança com um grupo como o Nudese tem hoje. No momento em que tu troca as pessoas, até tu confiar naquelas pessoas e as pessoas confiar nas organizações, no trabalho, leva um tempo. Então isso é um atraso para os grupos. De repente, a pro reitoria e a Universidade em si não sabem e não conseguem ver o efeito negativo que causa dentro dos grupos isso aí. Quando as coordenações trocam porque nós temos aí dez anos de acompanhamento do Nudese e tivemos, se não me engano, quatro coordenações. Tu vê, dois anos e meio a três anos cada coordenação e isso aí a cada troca que teve foram tempos de atraso muito grandes, muito significativo para nós e a gente sentia muito. Acho que o NUDESE tem que ter um apoio e uma continuidade e tem que dar condições para ter essa continuidade. Porque hoje, a L.N., está fazendo um bom trabalho. Não é por ser ela, porque se ela não estivesse fazendo eu diria aqui. Como eu digo que as duas coordenações antes dela não fizeram um bom trabalho. Não fizeram. E eu digo para qualquer, não tenho medo de falar. Não tenho nada contra as pessoas, mas tenho contra o trabalho que não tem essa visão de grupo. E não é da pessoa, a gente é limitado, muito limitado. Então, o melhores trabalhos que existiram no NUDESE, D.T. e L.N., na minha visão. Não sei dos outros. Na minha visão, no meu ponto de vista, foi D.T. e L.N., os melhores trabalhos do Nudese. Então, se hoje, daqui um mês ou dois a L.N sair e entrar outra coordenação, olha o tempo que vai levar para ele... Se ele conseguir porque os outros dois não conseguiram. Entraram e saíram sem aparecer. Isso para os grupos é péssimo, é muito ruim. Alguém que se identifique né cara. O E.D. é um cara super gente boa, mas ele não conseguiu passar. Então cara, eu acho, o NUDESE, para continuar fortalecendo a estrutura as coordenações tem que ser mantidas e a universidade precisa das condições para isso, porque o cara que participa do NUDESE sabe como são as condições de trabalho. Como é que o R.C., coitado, trabalha. Então cara, tu não pode cobrar uma coisa que tu sabe que não estão dando condições também. Eu sei que esses trabalhos são super carregados de serviço, de tudo. São muitos grupos, é muita gente difícil de trabalhar, a gente sabe. É difícil de trabalhar com nós. Eu sei, a gente vive isso e sabe que é complicado trabalhar. Não é só com o pescador. É com catador de lixo, é com agricultor. A gente sabe que é complicado, mas se o NUDESE, a Universidade, alguém conseguir manter a estrutura, com as pessoas, com a L.N., hoje a L.N. ta dando uma levantada de novo no NUDESE, porque ela se identifica com os grupos, ela tenta. Essa caminhada, com a economia solidária, a valorização das pessoas, não a valorização do dinheiro, mas a valorização das pessoas deveria ter continuação de muitos anos né cara. (MAP1).

Talvez, mais que qualquer coordenação que esteve no NUDESE-FURG, os pescadores artesanais da APESMI conseguem mensurar o quanto é importante a assessoria realizada para a associação e o quanto a relação contribui para construir um modo coletivo de organizar o trabalho junto a pesca artesanal. Expondo suas preocupações em relação às modificações que a universidade efetua no núcleo, os

pescadores demonstram o quão prejudicial são essas ações no âmbito universitário e acabam reivindicando mais condições de trabalho para o próprio NUDESE-FURG. De fato, a universidade ignora o potencial deste núcleo.

Ao contrário, o membro da Associação de Pescadores demonstra sua crítica à universidade, a qual, segundo ele, vem dedicando prioridade aos trabalhos com outras motivações:

*Não, a maioria eu vou te dizer assim, eu sou um cara bem arisco para essas coisas: a maioria funciona através de dinheiro cara, se não tem dinheiro eles não funcionam. Então eu vejo que já não é um trabalho muito... Eu acho que o trabalho do NUDESE, sim, todo mundo precisa para sobreviver, mas tu não vê isso no NUDESE. Tu vê um trabalho de coração mesmo. Tu vê, na época da D.T, agora na época da L.N., elas trabalham com o coração mesmo, botam o pé no barro. E eu participei de outros trabalhos na universidade aí que os caras quando não tinha dinheiro não iam cara. Porque alguns professores e eu convivi com isso cara, as vezes ficavam meio: Ah! Eu to aqui voluntariamente para trabalhar com vocês. Pô, se o cara está montando um projeto, para mandar para o governo, está vindo dinheiro, para nós não vem dinheiro, então não é voluntário. Ele tá vindo montar um projeto para o governo mandar um dinheiro para dar condições para ele trabalhar. Então ele não tá de graça (MAP1).*

Implicitamente, o membro da Associação de Pescadores analisa e compreende que a FURG vem direcionando suas atividades para aquelas cujo maior recurso está alocado. Nesse sentido, o trabalho com pescadores artesanais, a partir de suas reais necessidades, por meio do diálogo, no constante acompanhamento, segundo ele, não é atrativo. De fato, a universidade vem se constituindo ao longo dos anos e se caracterizando, cada vez mais, enquanto um campo de disputa, onde os grupos materialmente mais fortes concentram os maiores recursos.

A partir da saudável e necessária crítica, o pescador artesanal demonstra sua consideração ao trabalho do NUDESE-FURG:

*Tem que ter pessoas ali que tenha a continuação né Leonardo! Porque a universidade valoriza pouco. O NUDESE é um dos trabalhos mais importantes vinculado ali a universidade. Eu tenho certeza. Eu já andei dentro dessa universidade acho que dentro de tudo quanto é laboratório, quase tudo que é trabalho que é feito aí dentro cara. E eu vou te dizer uma coisa: o NUDESE, pelo foco dele, pelo foco do trabalho dele, é um trabalho fundamental para a universidade cara. Tanto para a universidade quanto para esses grupos discriminados aí que a gente vê, que tem aí. Principalmente a pesca, os catadores. É aquele que vai lá e vai porque gosta de ir, não é porque tem ir. Vai porque... Eu sou muito de analisar o que as pessoas fazem e essa guria que tá aí ela não tem hora, não tem dia. Se ela fosse, ah to ganhando meu salário então sábado e domingo eu to de folga. Se tiver que vir dez horas da noite ela vem, onze horas ela vem, de madrugada ela vem, se tiver que pegar um carro e nos levar a Porto Alegre as duas horas da manhã ela nos leva, leva o pessoal na Torotama. Então,*

*são coisas assim que não é pelo que ela ganha, e sim pelo trabalho em si. Ela acredita naquilo ali, cara (MAP1).*

*A Furg, a universidade, se é a universidade que dá suporte ali para o NUDESE, acredito que seja né cara, os projetos ajudam bastante, mas a universidade tem que olhar mais para o Nudese, porque esse aí é um dos poucos trabalhos da universidade que funciona, é um dos poucos, são raros (MAP1).*

Em suma, a partir do membro da Associação de Pescadores é possível visualizar um espectro acerca da atual relação entre NUDESE-FURG e APESMI. Destacamos algumas características que mais chamam atenção:

- A associação, a partir do acompanhamento do NUDESE-FURG, vem proporcionando mais formação e informação ao pescador artesanal para que possa participar de programas / projetos, bem como possibilitando um crescimento e amadurecimento pessoal, principalmente pela confiança adquirida em anos de trabalho;
- O acompanhamento do NUDESE-FURG fomentou a preocupação com temas relacionados à pesca artesanal e a dinâmica da sociedade (como o meio ambiente) e a conseqüente incorporação de tais temáticas nas pautas de lutas;
- Há dependência da associação em relação ao trabalho do NUDESE-FURG, seja pela elaboração dos projetos (que os pescadores não participam, justificada pela confiança), de modo que, sem a assessoria, a associação não manteria suas atividades;
- Os pescadores artesanais avaliam o quão prejudicial são a paliatividade das políticas públicas (rotatividade de bolsistas) e troca de coordenações do núcleo, deixando claro que o trabalho dos bolsistas já não responde as reais necessidades;
- Há, por parte dos pescadores artesanais, um posicionamento contundente em relação à valorização do NUDESE-FURG pela universidade (hierarquia). Segundo eles, a FURG deveria valorizar o trabalho, o que significaria, ousamos dizer, estruturando melhor aquele espaço.

## CAPÍTULO 5

### EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E RECICLAGEM: O CASO DA ASSOCIAÇÃO VITÓRIA

Neste capítulo vamos descrever e analisar a partir das entrevistas realizadas com representantes do NUDESE-FURG e da Associação Vitória, a qual desenvolve um trabalho de reciclagem de resíduos sólidos em Rio Grande-RS a relação de acompanhamento e de articulação entre ambos. O material empírico organizado e aqui exposto são, em sua completude, textos produzidos a partir das entrevistas realizadas com integrantes do núcleo da FURG e da Associação.

Realizamos um breve histórico, onde apresentamos as falas dos membros da associação e NUDESE-FURG, bem como as características mais destacadas nas entrevistas para depois ampliar com aspectos de conteúdo das manifestações, sob o olhar dos extensionistas. Buscamos sistematizar aquilo que foi dito pelos membros do NUDESE-FURG sobre a assessoria na Associação Vitória. Por fim, as palavras das recicladoras acerca do serviço de assessoria que o NUDESE-FURG realiza há mais de dez anos junto àquela associação, aparecem como uma visão, uma avaliação do acompanhamento.

Utilizei, também, para compor este capítulo, da dissertação de Maria de Lourdes Leal Escouto (2004), intitulado “Educação Ambiental na Construção da Cidadania de Mulheres do Interior”, que versou sobre a história da mesma associação sob viés do feminismo<sup>41</sup>.

#### **5.1. Breve Histórico da Extensão Universitária com as Recicladoras**

A existência da Associação Vitória está diretamente ligada à existência da Articulação das Mulheres do Interior - AMI, na cidade do Rio Grande-RS a partir do ano 2000. O interior, referido no nome da AMI é compreendido como a área rural da

---

<sup>41</sup> Por se tratar apenas de mulheres que compõe a Associação Vitória, dirigiremos nosso trato a elas como recicladoras, no feminino.

idade, mas, a mesma agregou mulheres da zona oeste do município, marcada por extrema pobreza e difícil acesso aos direitos básicos<sup>42</sup>.

A AMI foi criada com bases nos princípios do ecofeminismo, que busca conjugar o apelo ambiental da atualidade com as lutas pautadas pelas mulheres organizadas em prol da efetivação e garantia de reconhecimento social por meio de direitos. Escouto (2004) assim define o espírito dessa articulação, iniciada no final da década de noventa, e que mais tarde, pelo ano de 2002, daria origem a Associação Vitória através de atividades de mobilização na construção da entidade:

Com paciente cautela, as mulheres da AMI promoveram debates, campanhas educativas, panfletagens e atos públicos para marcar presença e principalmente angariar novas companheiras. Foi um período de amadurecimento que apontou para novas necessidades: a de firmar pé no debate de gênero e desencadear um processo reflexivo da questão, na comunidade (p. 35).

A organização das mulheres do interior buscara então, levar a comunidade o debate de gênero como seu objetivo inicial. No entanto, o avanço das reflexões sobre gênero e os problemas pontuais da própria comunidade, como a elevada pobreza no interior e a dificuldade das mulheres produzirem sua própria renda, acarretou na criação da associação e a construção de alternativas de sobrevivência (ESCOUTO, 2004).

O trabalho de acompanhamento da FURG teve início, ainda, quando da experiência inicial da AMI como destaca, tanto Escouto (2004) como, também, membro entrevistado do NUDESE-FURG.

Desse protagonismo, surge a necessidade de consolidar parcerias. Foi então que buscamos contacto com a Assistente Social Darlene Torrada Pereira, coordenadora do Projeto de Extensão da Pró-Reitoria da Fundação Universidade Federal do Rio Grande. O projeto simbolizava formação e apoio ao grupo de mulheres, sinalizando como instrumento de empoderamento das mulheres. Além da qualificação, o projeto oferecia a assessoria em cooperativismo e associativismo, vislumbrando a possibilidade de organização de grupos de geração de renda, na região. Veio um período de grandes expectativas (ESCOUTO, 2004 p. 40).

---

<sup>42</sup> Quando falamos em extrema pobreza e difícil acesso aos direitos básicos nos referimos a pessoas que residem em uma área da cidade (zona oeste), formada por um aglomerado de vilas, onde as situações de vida são precárias, mediante as inadequadas condições de saneamento básico, acesso a saúde pública, elevado índice de uso e comercialização de droga, difícil acesso ao transporte coletivo (precarização da frota, mediante alta demanda), entre outros.

*Eu lembro a primeira reunião que eu fui lá, foi lá na SIRQ a reunião. A N.G. por dois vínculos, né, pela pastoral e pelo trabalho que ela tava fazendo aqui (...) Pela Pastoral da Mulher, é. E, a gente fez uma reunião, acho que tinha umas quatro ou cinco delas. A J.A., a M. E., a A.M. Tinha a irmã da J.A., que eu não vou lembrar... a Â.G., Â.G. era o nome, é. Eu acho que eram essas quatro assim, as primeiras. E aí a gente começou a falar da possibilidade, e elas já tavam pensando nessa questão do lixo, porque elas percebiam a sujeira da comunidade, a falta de cuidado. Tanto do Município quanto das pessoas, dos moradores (MN1).*

A questão a destacar aqui, é que foi por iniciativa das mulheres, ou seja, elas se organizaram e neste processo buscaram apoio do NUDESE-FURG, ao contrário do que verificamos no capítulo anterior, no relacionado aos pescadores artesanais. Efetuada a parceria com a universidade, por meio da pró-reitoria de assuntos comunitários e estudantis – PROACE (atualmente desmembrada em pró-reitoria de extensão e cultura e pró-reitoria de assuntos estudantis), o acompanhamento iniciou, aportando ideias da efetivação de um grupo de trabalho para, além da difusão da temática “gênero” através da geração de renda como uma via para emancipação social das mulheres:

Depois de longa trajetória, algumas mulheres decidiram assumir compromisso com a ideia e, se engajaram no projeto. Passa-se a configurar um grupo de referência. Desse, convém ressaltar a referência história da J., mulher negra, líder, de 51 anos de idade, mãe de dois homens e uma mulher, avó de dois netos que ajuda a criar, com escolaridade de primeira série do fundamental. E da Â., também negra, de 46 anos de idade, com escolaridade até primeira série do fundamental e mãe de duas meninas e um menino. Ambas casadas e em exercício de matrimônio. A J. reforçava a necessidade das mulheres se organizarem para superar a miséria. A Â. Sempre dizia que a mulheres que tem necessidades materiais não podem ficar a mercê do interesse dos maridos. ‘Elas precisam ir a luta’ (ESCOUTO, 2004, p.46).

A caracterização de Escuto ajuda-nos a entender o processo que culminou na criação na Associação Vitória, seja pelo destaque das líderes e seus objetivos, bem como do início da assessoria do NUDESE-FURG, além da trajetória de anos de debates e reflexões sobre a questão do gênero e dificuldades da comunidade. Todos esses fatores ofereceram as condições adequadas para fundação da Associação das Recicladoras. Fato que exemplificamos, por exemplo, a partir da escolha do nome da associação.

Função definida e nome escolhido o grupo (daqui em diante, quando se ler grupo leia-se mulheres da Associação Vitória), por intermédio da AMI consolida-se a parceria com a extensão da FURG e começa uma série de reuniões no espaço do clube Nacional da Quinta. Agora o contacto se dá

diretamente com a estagiária e acadêmica de Direito, Luciana Barros Roldão. Com o objetivo de resgatar a cidadania através da geração de trabalho e renda (ESCOUTO, 2004, p.46).

Assumida, então, a reciclagem como atividade, inicia-se o trabalho (em 2002) como percebemos a partir da entrevista com Membro da Associação das Recicladoras 01 (MAR1):

*Aí, foi através da J.A., que era presidente na época. A Â.G vice. Aí tinha a M.E., a A.M., tinha a C.A. A R.T., a C.T., a Z.A., a J.U. que é a filha dessa que ta aí, a F.A., era um monte delas. Aí trabalharam quase um ano assim, no pátio da J.A. Nessa época que elas trabalharam no pátio da Jurema foi quando eu tava trabalhando e eu ia só lá de vez em quando, eu não ia todos os dias. Aí comecei mesmo depois que vieram para cá, porque antes disso elas tiveram no pátio da J.A., elas alugaram um galpão para trabalhar. Pra depois vir para cá. Aí começaram em cima do prefeito, iam para lá se sentavam e hoje o prefeito até, amanhã, outro dia não atende, aquela coisa (...) insistiram, insistiram, insistiram até que conseguiram convencer o prefeito a fazer isso aqui. Mas, todo o objetivo é de limpar a vila da Quinta né? Elas no momento não pensaram assim, não é para aumentar a renda! Elas, o objetivo delas mesmo era limpar a vila que estava muito suja. Era o objetivo delas. Elas andavam até de carrinho de mão, de saco, catando na rua, lixo todo, catavam tudo. Andavam de carrinho, com saco nas costas, Aí, nesse meio tempo, a FURG já se encaixou. Mas, a FURG, praticamente desde o início.*

E as dificuldades não foram poucas. O relato abaixo, de outra entrevistada, descreve como o grupo sobreviveu às primeiras experiências de coleta de lixo na comunidade:

*No inicio foi difícil, tem muita gente que nem sabe! Porque a gente ia nas lixeiras pegar o material bom e as pessoas queriam que a gente pegasse o material todo. Se a gente não pegasse elas atiçavam cachorro (MAR1).*

*Xingavam, chamavam a gente de lixeira. Agora não. No inicio foi difícil. A gente abria a sacola pra pegar só plástico, papel, garrafa e eles queria que a gente trouxesse tudo, e aquilo ali já bastava para nos botar a boca. Ah, eu xingava de volta. As gurias não. Eu xingava, mas! Quando eu achava que estava me ofendendo muito. A gente se sentia muito pra baixo né, porque tu traz um projeto para limpar e as pessoas te bota lá embaixo. Tinha uma colega nossa, a A.M., que é uma dessas aqui das fotos, até pedra jogaram nela. E chamavam "Olha lá as lixeiras onde vão". No inicio foi muito difícil. Agora não. Tem gente que vem aqui na porta trazer. Tudo que é mistura queriam que nós trouxesse e isso não (MAR2).*

A presença do NUDESE-FURG durante a constituição e primeiras ações das recicladoras foi fundamental para a continuidade do grupo de mulheres, seja pelo apoio como suporte, além das atividades de formação e capacitação, no intuito de

fortalecer o trabalho de reciclagem, na perspectiva do cooperativismo e associativismo.

No desdobramento do processo, o grupo, agora configurado por quatorze mulheres, envolve-se na formação de cooperativismo e associativismo cujo início foi o curso com duração de quarenta horas. Agora se percebe a expressão de concentração e atenção ao momento que vive. É a primeira formação coletiva formal (ESCOUTO, 2004 p. 47).

Por outro lado, a semelhança da assessoria aos pescadores artesanais, além dos cursos, o NUDESE-FURG também contribuirá na elaboração de projetos visando auxiliar no trabalho de recolhimento dos materiais na comunidade como o projeto enviado a Cáritas<sup>43</sup>. Através deste foi possível a aquisição de uma carroça e um cavalo para transportar o lixo recolhido, conforme lembra MAR2: *No tempo da D.T. teve um projeto da Cáritas, que foi a carroça e o cavalo. Mas, depois outras aquisições, com uma Kombi foi feita pela associação, como destca outra entrevistada (MN1):*

*E aí então surgiu essa ideia, bom vamos começar por aí. E elas foram, olha, que exemplo. Me dói quando eu vejo que elas tão mal hoje, porque aquelas mulher eram guerreiras, elas saíam de carroça... O Spotorno comprou uma carroça uma vez, uma Kombi, foi a Kombi que o Spotorno deu pra elas, não foi a carroça. A carroça a gente comprou, não me lembro de como é que nós compramos a tal da carroça. E alguém deu o cavalo, e elas saíam de carroça, porque no início não era carroça, no início elas andavam com aquelas "bag", aquelas, aqueles sacões de lixo, na rua, aquelas mulheres arrastando esses sacos, juntando, passando, batendo nas casas, explicando o que era.*

Além dessas aquisições, as quais ajudaram no trabalho das mulheres, o processo de consolidação da parceria com a Universidade, outros cursos foram disponibilizados às recicladoras.

Na decorrência do processo da FURG, novos cursos foram oferecidos: planejamento estratégico, tratamento de lixo reciclável e cálculo. Nesta fase do projeto surge a necessidade de construção do estatuto. Para tanto, segundo Luciana, da assessoria da universidade, esse foi um dos momentos estruturantes, vivido pelo grupo, momento ímpar de reflexão sobre a prática: *'Foi um processo interessante, pois elas sabiam direitinho o que não servia para o regime de trabalho delas'* (ESCOUTO, 2004, p. 55).

A elaboração do estatuto do grupo, sob assessoria do NUDESE-FURG proporcionou, segundo assessoras e recicladoras, um momento importante na vida

---

<sup>43</sup> Entidade ligada a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB que ocupa-se em financiar projetos de geração de trabalho e renda em pequenos grupos solidários.

da Associação de Recicladoras em sua estruturação. Entretanto, a figura da bolsista se apresenta como uma realidade no acompanhamento as recicladoras, o que conforme uma entrevistada, não teria evitado um erro importante quando da elaboração do estatuto:

*É, a L.R. foi a primeira bolsista que acompanhou lá, a associação Vitória. Ela que ajudou a construir o regimento, porque ela tava fazendo Direito. Depois ficou um baita furo, que a gente se deu conta. O nome original era associação de lixo reciclável. Como é que tu faz uma associação de lixo? Depois a gente lendo, né, na hora leu, e releu e discutiu, rediscutiu, nunca nem nos ligamos no nome. Não é uma associação de lixo. A associação é das pessoas. Associação de recicladoras né, de mulheres recicladoras, podia botar o nome que quisesse, mas como a gente sempre chamava de Associação Vitória, isso passou, e depois de um tempo que a gente tava revisando o estatuto por uma dessas crises, a gente se deu conta que a associação era de lixo reciclável, não era de pessoas.*

Tal erro, percebido depois, quando de uma crise da associação, levou as mesmas a questionarem a capacitação das pessoas que acompanharam o grupo. Disso, uma série de bolsistas acabou “passando” pelo trabalho junto à associação evidenciando por um lado, ao lembrarem e destacarem seus nomes, o carinho por boa parte delas e o reconhecimento de suas contribuições, mas por outro um rodízio enorme:

*Ah, tens uns quantos. Teve a J.S., a V.A., teve o M.S., ah, mais teve uns quantos. O B.O. também foi. Agora ta a T.T. Também aquela lá do norte, uma pretinha, a T.H., vem aí de vez em quando. Agora não sei onde é que ela está mas ela vinha direto. Mais de um ano. Agora não sei onde ela ta. Ah, teve uns quantos, de momento agora eu não me lembro mas teve uns quantos. Teve um que era do clube de troca também, que acompanhou nós (MAR1).*

*A D.T., a L.R., o L.M.B., aquele outro que era professor que esteve várias vezes aqui o. Teve a H.A. Mas teve outra também. Como é o nome daquela outra. A.D.(MAR2).*

Ou seja, o rodízio e a mudança permanente de bolsistas demonstram que a assessoria do NUDESE-FURG foi, ao longo do processo com a Associação Vitória, pensada e realizada por várias pessoas, em diferentes épocas e momentos vividos pela associação.

No entanto, apesar disso, no desenvolvimento da relação, outros elementos foram sendo incorporados, como o envolvimento da associação no movimento da Economia Popular Solidária, por meio da participação no Fórum Microrregional de Rio Grande-RS e os cursos oferecidos nesta perspectiva. Tal iniciativa, diríamos que

contribuiu na formação das mulheres e no fortalecimento de sua organização, tendo como referência a solidariedade na gestão do trabalho produtivo, bem como com as sobras da comercialização dos reciclados.

Por fim, deste breve histórico, destacaríamos que a relação com as recicladoras inicia com determinadas características:

- A Associação Vitória tem raízes nas atividades da Associação das Mulheres do Interior (AMI), que, por sua vez, nasce com traços do ecofeminismo, pautando atividades sobre gênero e problemas estruturais do bairro. Tem como característica a auto-organização das mulheres;
- A associação foi criada com apoio da FURG e teve acompanhamento definido desde o início (realizado por bolsistas). Disso surge a elaboração de projetos para a aquisição de materiais que melhorariam as condições de trabalho, o oferecimento de cursos, o acompanhamento sistemático realizado por bolsistas e a articulação com o Fórum Microrregional da Economia Popular Solidária.
- Destaca-se que, no início foram as mulheres a se organizar desde a perspectiva feminista depois passam a pensar em geração de renda, e pelo apoio dado pelo NUDESE-FURG, criam a associação de reciclagem na vila da Quinta.
- No processo de organização, elabora-se estatuto (a semelhança dos pescadores) e projetos (presença de bolsistas) visando apoio financeiro para potencializar as atividades.

Observaremos, em seguida, como os extensionistas compreendem a relação com a Associação Vitória, a partir de suas próprias reflexões aqui sistematizadas.

## **5.2. A Relação a partir dos Extensionistas**

O trabalho de assessoria realizado pelo NUDESE-FURG tem sido balizado por características semelhantes às aquelas que ocorrem com os pescadores, no entanto caberia destacar, como pano de fundo, entre outros aspectos, a rotatividade dos assessores (bolsistas) e no discurso dos entrevistados está a ampla idéia de autonomia do grupo, sem que isso necessariamente fique claro. O MN4 reflete sobre:

*Eu trabalhava acreditando que o grupo uma hora iria atingir uma conjuntura madura que o permitiria andar sozinho, assim vislumbrava o nível de autonomia, logo, este era o meu objetivo de trabalho, mas acredito que de certa forma fosse também o objetivo de todas/os da equipe do NUDESE. No entanto, (como vou ainda de vez em quando ao galpão) percebo que ainda hoje, mesmo já tendo se passado anos de quando atuei como bolsista este objetivo ainda não foi alcançado na sua totalidade.*

O objetivo apresentado por MN4, ao destacar que o ideal é a autonomia (amadurecer, andar sozinhos) que ainda não foi atingido em sua totalidade é um dado interessante ao nosso estudo, pois evidencia uma idealização do que seria tal autonomia, bem como desconsidera o processo autônomo de constituição do grupo de mulheres anterior ao trabalho da FURG. Por outro lado, nos provoca acerca dos procedimentos realizados pelo acompanhamento para que isso fosse efetivado, ou seja, desde o olhar dos membros do NUDESE-FURG de como viam a associação desde sua idealização é que pensavam seus projetos e cursos, visando aquele fim que almejavam para as recicladoras.

A Associação Vitória, desde o início, é caracterizada como um grupo que frequentemente se encontra em conflitos internos. Isso é dito tanto pelos membros do NUDESE-FURG quanto por Escouto (2004) que nos apoiamos nesta parte; mas também, já referido pelas entrevistadas na parte anterior quando da crise que levou a re-elaboração do estatuto. Disso, não foram raras as vezes que integrantes da associação desvincularam-se por conta dos desentendimentos ocorridos em reuniões, ou mesmo devido aos diferentes pontos de vista em relação ao trabalho e os rumos da organização. No trabalho de Escouto tal característica é destacada como fazendo parte da associação recém criada. Ela comenta que,

O trabalho das mulheres do grupo evoluiu para uma relação com a comunidade que por um lado trouxe respeito e dinamização e por outro, conflitos internos. Esses são aspectos de relevância para nossa análise. Desde a sua fundação quando houve eleição da diretoria da Associação Vitória, a tendência natural foi delegar poderes e responsabilidades a presidente. (...) Digo isso porque nos primeiros passos da Associação como entidade constituída com ações definidas, a tendência foi de configurar uma hierarquia. Assim a presidente era vista como chefe e não como companheira. Embora o discurso revelasse um conteúdo solidário, nas relações de trabalho se formou um atrelamento que levaram as decisões para a presidente. Por outro lado, algumas mulheres mantinham apatia, isso é uma negação em participar de atividades que levassem à reflexão. Negavam-se participar de eventos externos de atividades quando outras participavam (p.58).

No entanto, os problemas e conflitos enfrentados pela associação são acompanhados pelo NUDESE-FURG desde os primeiros contatos com as mulheres, e na percepção deles os conflitos acabam desanimando o trabalho de assessoria:

*Porque, porra depois de tudo que elas passaram, se deixar brigar por picuinha, porque fulaninho botou, chamou não sei quem, é não reconhecer. Uma vez eu fiz uma avaliação com elas nesse sentido, assim, ó, elas mudaram, mas não se deram conta de que mudaram. Então o comportamento continua aquele comportamento lá, tu sabe, da fofoca da vila, que é comum né, não estamos falando mal assim ó, que é comum, eu vim de interior, de vila, né as pessoas cuidam muito da vida uns dos outros e não dão conta pro apoio, assim como tem o apoio da solidariedade, também tem isso muito forte! (MN1).*

Segundo o MN1, apesar do processo realizado há mais de dez anos com essas mulheres, todos os cursos, eventos, encontros que participaram a ‘internalização’ da proposta de associação (trabalho coletivo, solidário) parece ter ficado a margem das práticas no grupo. Tem prevalecido o ‘comportamento’ combativo e competitivo ao invés de ações solidárias e o próprio cuidado entre as mulheres.

Mas, é interessante este posicionamento dos membros do NUDESE-FURG, principalmente pelo fato de ser o próprio núcleo, responsável pela assessoria junto às recicladoras e de como elas percebem os conflitos. Em nossa perspectiva a existência de conflitos na associação é algo compreensível, afinal, trabalhar coletivamente, exercer a autogestão, não nos parece uma atitude simples na configuração societária em que vivemos e que pudesse ser resumida em “bons” comportamentos. Porém, quando existe problema na ‘assimilação’ da proposta apresentada pelo NUDESE-FURG por parte das mulheres, poderíamos ponderar até que ponto, os conflitos não sejam decorrentes desta ânsia de ver, e assim agir, para que elas “assimilem” aquilo que a assessoria idealiza como ideal de projeto, de autonomia e de organização para a associação. Podemos perceber isso, a partir da fala da seguinte entrevista, desde seu ponto de vista ao exemplificar com outra experiência:

*O que eu acho é que elas não... o que, por exemplo o Loredi absorveu, que reconhece que hoje ele é outra pessoa. Né e tá internalizado nele. O Branquinho, o seu Joaquim, né. Lá já saiu candidato a vereadores, de ter inserção política né, nisso não, não aquela inserção política tipo: ah eu cresci um pouquinho, então eu já quero...não. De ter como representante da categoria, né, de entender que precisa ter esse espaço político também, de*

*inserção. Lá na associação Vitória elas até se dão conta, mas não é tão forte assim (MN1).*

O trecho acima que é destacado, retrata quando da inauguração do galpão de reciclagem, e da divergência política macro no município entre PT (representado pela FURG) e PMDB (na prefeitura), fato que não necessariamente deveria ser parte da relação com a associação, mas que apareceu decorrente de conflitos mais amplos na cidade. Apesar de não aparecer na entrevista, no discurso propriamente dito, a disputa política acarretou no trabalho da associação, justamente esta porque declarou que a assessoria seria realizada pela universidade, reconhecidamente uma adversária política em âmbito municipal.

MN1 dá sequência a argumentação sobre os problemas que vivem a associação:

*Por isso que eu te digo assim, elas cresceram, mas não internalizaram isso. Não se dão conta que elas conquistaram um espaço, hoje elas têm uma sede. Construída, que foi conquista, que ninguém deu de presente. E há um tempo atrás, eu me lembro no início, que o seu Fábio Branco, chegou a, chegaram a meio que ameaçar elas assim, não por ele mas por recado né: ou a FURG ou nós. E eu lembro de ir na inauguração e eles estarem, e nós estarmos, e elas terem afirmado: Não, nós não vamos largar a FURG, porque a FURG é nossa assessora. É a FURG que nos assessora. É assim ó, de ter já essa postura, e daqui a pouco degradingolar tudo entendesse. Então não é uma coisa firme. A própria A.M. assim, mas também tu vais pensar assim, ta não cresceu. Agora o quanto cresceu. A A.M, não tem segunda série primária. Dava palestra nas escolas sobre a questão da reciclagem, entendeu. E aí eu fico de cara e digo: Como é que não absorve? Como é que a gente não consegue dar esse salto do amadurecimento?(MN1)*

Muitas mulheres passaram pela experiência da Associação Vitória, deixando sua contribuição naquele espaço, levando aprendizados, marcando suas vidas, e o papel do NUDESE-FURG, neste sentido, parece ser reconhecido. No entanto, o questionamento da falta de amadurecimento e desenvolvimento das potencialidades humanas em meio a essas realidades, de miséria e luta pela sobrevivência se torna bastante difícil. Se alguém poderia criar as condições adequadas para que a proposta fosse assimilada, desenvolvida, potencializada deveria ser aquele ator que tem mais condições para isso: no caso, a FURG. Por isso, quando há o questionamento sobre a ausência de amadurecimento em relação ao avanço na compreensão política das mulheres recicladoras, entendemos que esta é uma questão sem resposta única, unidirecional, mas está condicionada a uma série de

fatores políticos, econômicos, culturais, sociais e simbólicos que ganham magnitude quando materializados na vida prática dessas pessoas.

Além disso, quando o MN1 traz à tona este questionamento, o mesmo deveria ser feito ao núcleo assessor (de forma mais permanente), problematizando a idealização já referida, bem como pelo rodízio de bolsistas, além da falta de um projeto mais amplo na cidade relacionado à questão do lixo e da reciclagem.<sup>44</sup> No entanto, neste caso, cairíamos noutra espaço, ocupado por gestores com outras perspectivas e caracterizado como diferentes e divergentes (e de fato foram) daquele projeto da FURG.

A caminhada da Associação Vitória, como vimos, esteve atrelada ao acompanhamento do NUDESE-FURG, pois a associação não conhece outra assessoria em toda a sua existência e, por isso, os problemas presentes no grupo também precisam ser encarados de forma objetiva por quem acompanha e que, em parte, também é corresponsável.

Sobre as conquistas, a partir de tal realidade conflituosa, resultantes da história de luta destas mulheres, é reconhecido por MN1 afirmando como frutos da luta própria das recicladoras.

*E assim ó, e todas as conquistas foram delas, elas foram a luta elas, sabe, metiam as caras, não tinham vergonha, não tinham medo de pedir as coisas. E ao mesmo tempo, o maior problema se dá é na relação interna ali.*

*As brigas entre elas, a picuinha, a fofoca. Uma criatura, uma menina é Angela., não, não é Angela. Ah... Não vou lembrar o nome. Mas vai aparecer. Assim, era uma pessoa muito difícil, era quase assim sem vida social, sem convivência de grupos, sabe, convivência social assim. Brigava: Ah! Vou passar a faca! Ela tinha umas cicatrizes de brigar de faca, uma pessoa bem o que a gente pode dizer, antissocial, que entrou pro grupo, e a gente pensava assim: Mas essa mulher não vai ficar né. É a que tá até hoje. É a que tá desde a origem até hoje, as outras já entraram, saíram, entraram, saíram, e ela ameaça que vai sair, briga, mas permanece. E já chegou a assumir liderança ali. E assim ó, e a M.E. que era uma liderança destaque, que era a pessoa que tinha essa visão maior, já saiu, já entrou, já saiu, já entrou, não é. A A.M. tem muita coisa assim. A A.M. é evangélica eu acho, ela tem uma dessas religiões assim. Então ela se perde ali.*

---

<sup>44</sup> O projeto mais amplo aqui trazido, talvez não fosse gestado necessariamente pela universidade. No entanto, o que dificulta a elaboração de uma proposta ampla (entre prefeitura, FURG e outras entidades), que debata e tire encaminhamentos práticos em nível municipal se tornava difícil, em virtude de que diferentes instituições possuem interesses diversos no cenário político de Rio Grande.

O relato acima demonstra o quanto o contexto de vida das mulheres da associação apresenta contradições próprias da sociedade capitalista. Violência enquanto caminho para lidar com os problemas do cotidiano parece ser nestas situações, a principal alternativa: as religiões. Lidar com essas realidades também foi um desafio que se apresentou ao NUDESE-FURG, quando estipula a autonomia da associação como objetivo do seu trabalho.

Objetivo este que está articulado com uma série de práticas que, segundo MN4, estariam diluídas nas ações da assessoria:

*A Associação Vitória só tem a ganhar com o apoio do NUDESE/FURG, claro que existem pontos negativos para a associação nesta relação, mas vejo que nesta parceria são mais bônus do que ônus. Para mim a associação ganha com a parceria por se beneficiar na relação com terceiros devido ter respaldo da FURG, devido ela ser uma instituição de ensino superior renomada no estado e no Brasil, além de fazer parte da história do município. Contudo, percebo que, o fato da FURG apoiar, amparar e/ou incubar a associação facilita o diálogo, a aceitação e a abertura de portas para o grupo (fato percebido pessoalmente em situação que teriam tudo para que as gurias da associação fossem tratadas sem respeito ou ate mesmo discriminadas, pois inúmeras foram, as vezes em que elas chegaram a locais, como Bancos, e que as primeiras reações de que lhes atendia era de repudio, ficando explicito no semblante do funcionaria o sentimento de repudio, desleixo, mas quando informada a presença de representantes da FURG e o esclarecimento do apadrinhamento, a situação mudava e as gurias eram tratadas como devem ser tratadas, como gente).*

*Eu visualizo inúmeros benefícios para Associação Vitória nesta parceria. Mas vou me deter ao fato da aprovação de projetos, pois eu tenho a certeza de que os projetos aprovados pela associação durante o período em que estive atuando, que são dois, um junto à empresa Vonpar S. A. (Coca-Cola no Rio Grande do Sul) e outro junto a Petrobras. Projetos que ajudaram a reestruturar quantitativamente e qualitativamente o galpão da associação (box para resíduos, elevador de carga, prensa de fazer fardos, fragmentadora de papeis e outros benefícios).*

A intermediação do NUDESE-FURG nas relações com outras entidades, conforme apresenta MN4, parece ser um caminho para que o grupo alcance outros patamares. Mas, considerando o fato apresentado, o que poderia impedir que as recicladoras resolvessem seus problemas bancários e com outras instituições? Parece-nos estranho que a autonomia seja a finalidade do acompanhamento do NUDESE-FURG e este mesmo núcleo realize a intermediação nestes casos. Talvez, muito mais do que autonomia política e de geração de renda, fosse, de fato, um trabalho de assistência social junto à tamanha penúria destes grupos e de condições não oferecidas pelos poderes públicos naquela região.

Da mesma forma, observamos que os projetos elaborados pelo núcleo da FURG proporcionam, desde o princípio da associação, benefícios as mulheres recicladoras, garantido os maquinários e equipamentos necessários ao trabalho que realizam. No entanto, se o objetivo era a autonomia do grupo, não deveriam as mulheres, ao menos, participar em todo o processo de elaboração dos projetos, execução e prestação de contas como uma forma de aprendizado para experiências coletivas.

Na próxima parte, apresentaremos como as mulheres recicladoras visualizam o trabalho com assessoria do NUDESE-FURG. O entendimento das recicladoras acerca do acompanhamento realizado desde o início do coletivo, bem como o olhar das mulheres para os conflitos internos desse grupo são evidenciados a partir das entrevistas aqui realizadas.

### **5.3. A Relação a partir das Recicladoras**

A conversa realizada com as mulheres recicladoras era para ser sobre a relação com a FURG, especificamente com o NUDESE-FURG. Até certo ponto isso foi possível, mas, como o grupo passa por conflitos internos, o que provocou a permanência de apenas três recicladoras em atividade, o assunto mais abordado por elas teve a ver com os últimos acontecimentos. Então, foi a partir disso que, nos servimos como mote para a entrevista e assim pudéssemos extrair algumas palavras sobre o que pensam acerca da assessoria da universidade, sem deixar de lado os anseios trazidos em função dos seus desentendimentos.

As motivações presentes no início da Associação Vitória, quando dos primeiros contatos com a AMI, ainda permanecem no horizonte das mulheres que ainda estão presentes no serviço de reciclagem. O cuidado com o ambiente da comunidade, no que tange à crítica sobre a presença de lixo, demonstra que as raízes da organização coletiva persistem no horizonte, como razão para manter o grupo e a esperança de uma vida melhor.

Quando o assunto é este, MAR1 é clara em seu posicionamento:

*É que o pessoal não respeita, não adianta. Tu limpa de um lado, sujam do outro. Principalmente o arroio, que tu passa ali é lixo para tudo quanto é lado. Já foi limpo por nós, foi limpo pelo colégio, ano passado. Ano passado foi o colégio que limpou ali. Tu limpa (...) E tem catador, tem gente até da cidade, os catadores para catar o lixo e está sempre sujo.*

A leitura realizada pelo membro da associação demonstra que há um olhar atento para a comunidade e a forma como as pessoas desse lugar alocam os resíduos daquilo que consomem. Nestas condições, o trabalho de reciclagem se torna necessário e útil para minimizar os impactos negativos causados pelo lixo, sobretudo nos aspectos relacionados à saúde das pessoas que vivem próximo a estes lugares. Diríamos que, a partir disso, uma assessoria que tivesse uma perspectiva mais ampla, poderia articular um trabalho junto a escolas e moradores visando com outras entidades, (universidade, escolas, postos de saúde, prefeitura) o que contribuiria com um trabalho de debate e discussão sobre estas questões.

Isto porque, segundo o relato, percebe-se que a comunidade não reconhece o trabalho de reciclagem da Associação Vitória como algo benéfico:

*Tem muita gente que fala: “Ah, capaz que eu vou trabalhar no lixo. Capaz que eu vou para o meio do lixo. Vocês tão até ficando doente”. Muita gente critica ainda. Tem gente que vem de carro soltar o lixo aqui que nunca entrou ali na porta. Tem gente que entra, solta aqui dentro da porta, mas tem gente que solta lá no portão. Só diz: “Aqui o material, tchau!”. Entra no carro e ó... Não entram para ver o que é o trabalho. Tem muita gente que critica ainda (MAR2).*

Isso demonstra que o preconceito com a atividade de reciclagem ainda é presente na comunidade, justamente pelo desconhecimento do que é feito, como é feito e, principalmente, a contribuição que esse serviço oferece a comunidade. No entanto, mesmo neste sentido, percebe-se a ausência de reflexões de fundo, como a questão do consumismo – produtor excessivo de lixo. Se apenas nos restringirmos a reciclagem, como principal finalidade da associação e da assessoria, esta poderá ser funcional ao mesmo sistema que tem gerado a miséria e a exclusão que para sobreviverem determinados seres humanos tem que “viver do lixo”.

Por outro lado, as próprias recicladoras, sugerem aproximar o trabalho delas com a comunidade, e relembram que algumas instituições do local conhecem os procedimentos e, de tempo em tempo, visitam o galpão.

*Se viesse uma turma e olha como é a separação, pelo menos como é a separação, no outro dia viesse outra turma, eles iam ver como é o trabalho para depois criticar. Colégio que vem muito. Lilia e a Creche. Aquele lá da (Vila) Santo Antonio nem quis parar. O (colégio) da Negrinha (Coriolano Benício) veio duas vezes. O Olavo e o Bento não. Nunca veio o Bento. Nunca me lembro do Bento ter vindo (MAR2).*

É papel das escolas apresentarem aos alunos a realidade local, proporcionando o acesso ao conhecimento das contradições que fazem parte do cotidiano e tocam diretamente suas próprias vidas. Quando isso acontece, existem possibilidades de mudanças na forma como esse tipo de atividade é encarada, oferecendo condições para que as recicladoras, a partir do que fazem, tenham respaldo e respeito pelos moradores do local. Para, além disso: um trabalho articulado poderia contribuir para problematizar a sociedade atual, produtora de lixo e de uma ideologia consumista. A própria universidade, por meio do programa de Pós-graduação em Educação Ambiental – PPGA – teria condições para efetuar tais práticas educativas ambientais.

Esse, segundo os relatos, é um dos desafios que se apresentam as mulheres recicladoras e que está presente desde o início da associação. Segundo elas, conforme já foi dito, no início foi muito difícil e até violência física sofreram, o que hoje não acontece. No entanto, outros desafios se apresentam a Associação Vitória e que foram trazidos à tona pelas recicladoras durante a conversa. Entre eles estão os conflitos internos do grupo, os quais existem há muito tempo e impedem que haja um entendimento para dinamizar o trabalho coletivo. É importante ressaltar que a existência de conflitos é sadia, uma vez que a divergência, quando assumida em seu aspecto positivo, de elaboração de ideias e trabalho em grupo, proporciona um avanço significativo para a associação. Porém, neste caso, considerando as falas das mulheres, os conflitos foram elevados ao nível pessoal, que ultrapassam o limite do respeito humano e a possibilidade de entendimento. MAR2, por exemplo, afirma que a saída de três sócias recentemente se deu: *Porque elas são malandras! Elas não trabalhavam. Queriam tirar bem sem trabalhar. Tinha uma que trabalhava bem, mas era sócia nova.* O sentimento que passa é que há algo mal resolvido na convivência entre as mulheres e isso provoca os desentendimentos, impedindo a possibilidade de coletivizar a atividade.

Com mais tranquilidade e clareza dos fatos, MAR1 expõe um dos motivos da saída das três sócias:

*O conflito iniciou por causa de uma pura besteira. O negócio é o seguinte: O que deu o fuzuê todo foi por causa que elas queriam passar de associação para cooperativa. Eu acho que não é o momento ainda. Acho que até pode, daqui um ano, dois, né, mas não assim, porque tem gasto né. Cooperativa não é como associação. Associação tu tem benefício como associação, tem*

*várias coisas que tu não paga, né, e a cooperativa não é bem assim. A cooperativa tem um monte de gastos. E foi por isso que elas saíram.*

A passagem de uma associação para cooperativa, como diz MAR1, acarreta em uma série de responsabilidades e a perda de vantagens que uma associação possui, e, no caso da Associação Vitória, a revisão de diversos impostos que hoje são garantidos pela Prefeitura Municipal, mediante benéfica atividade que realizam.

*Porque passar de associação para cooperativa e tu tens que pagar um monte de coisa que eu sei que a gente tem que pagar em cooperativa. Aqui mesmo a gente não paga água, a prefeitura paga, não paga luz, a prefeitura que paga. Mas se tu for para uma cooperativa a prefeitura não vai te pagar água, não vai te pagar luz (MAR1).*

Mas, outros problemas, de ordem prática, referentes ao andamento das atividades do galpão também aparecem. As razões para permanecerem enquanto associação perpassam por eles:

*O galpão foi ameaçado fechar. E elas ficaram como medo que ia fechar se nós desse em cima, principalmente eu ia dar em cima. Não sei a D.L., mas também acho que ia. Porque a primeira vez que elas saíram, elas nos deixaram na mão também. O galpão cheio de lixo. E teve uma delas que quis se achar: “não é para fechar as portas do galpão”. E dessa vez a gente foi muito ameaçada. Foi por um fio (MAR2).*

A ameaça a qual se refere MAR2 se dá por que o galpão de reciclagem não pode acumular lixo e mantê-lo parado no local, pois isso facilita à proliferação de bactérias nocivas à saúde, tanto das recicladoras, quanto da comunidade do entorno. Uma vez interditado, será difícil reabrir, pois deverá passar por uma série de inspeções, levando um tempo para isso e comprometendo a possibilidade de renda imediata das mulheres. Ainda sobre o acúmulo de lixo:

*O negócio que elas, qualquer coisa: prefeitura. Se o pessoal reclamava, a gente dizia, tá, vamos limpar, fazer isso, fazer aquilo. Me falaram que elas mesmo mandaram denunciar. Qual é o mundo delas eu não sei. Aí elas ficaram com medo. Mas era com medo que o galpão fechasse. Porque uma, a M.E., disse bem assim: mal o bem o galpão está aberto, então não vamos prejudicar ninguém. Eu acho que elas ficaram com medo que a gente fechasse o galpão (MAR2).*

São problemas que existem no grupo de mulheres causando a fragmentação do coletivo e minimizando as possibilidades de fortalecer o trabalho da reciclagem junto ao bairro. Parece-nos que as mulheres que permanecem na associação estão preocupadas com o comprometimento do grupo, o que seria fundamental para a

existência de uma cooperativa, uma vez que exigiria mais responsabilidades por parte delas.

*Eu não aceitei pelo seguinte: tu, para ter a cooperativa, concordo, pode-se ter, mas tu tens que trabalhar, porque não é brincando que tu vai ter uma cooperativa. Se uma associação já é difícil, imagina uma cooperativa. E já não vai ser fácil. Porque, vai ter que fazer com 15 pessoas. Uma cooperativa agora é obrigado a assinar a carteira e pagar salário. Tem mais essa. Quanto tu vai ter que fazer, 15 pessoas, quantas toneladas de materiais? E quanto tu vai ter que tirar em dinheiro? Da onde que vai conseguir? (MAR1).*

*Não tinha e ninguém quer. E como é que tu vai trabalhar com 15 pessoas tu tendo que (...) No caso, o que eu soube de cooperativa tu tens que pagar tributos né. Como é que tu vai pagar? Com 15 pessoas se tu não trabalho. Porque, pra tu conseguir, tu tens que ter produção. O teu serviço é isso, tu tens que produzir para poder ganhar (MAR2).*

Para que se torne uma cooperativa, com responsabilidades contábeis e fiscais, seria necessária, na leitura de MAR2, uma elevação na gama produtiva da associação. Porém, lembrando o relato do membro do NUDESE-FURG, o qual se manifestou dizendo que o galpão não comportaria um elevado número de resíduos para comercializá-lo com a indústria (sendo essa a única forma para haver maior rendimentos), a passagem para cooperativa, atualmente, seria um equívoco. Nesse sentido, é razoável a reflexão feita pelas mulheres sobre a impossibilidade de uma cooperativa neste momento, dada as condições e as próprias relações que ali se estabelecem.

Mediante aos conflitos presentes na Associação Vitória e as divergências ocorridas que acabaram na saída de três sócias, podemos nos perguntar: onde estava o NUDESE-FURG neste momento, enquanto instituição parceira, responsável pela assessoria?

*Estava aqui. Nós não demos muita bola para elas por que elas queriam tirar a FURG fora. Eu, no meu modo de pensar, a FURG tá dando isso. Então tu não pode tirar de supetão. Tá, tu queres tirar a FURG, vamos devagar, mas não assim ó! Toma lá dá cá tu tira, e aí? Eu acho assim né o coisa! É através da FURG que tu não paga isso, não paga aquilo. Pô, como é que tu vai chegar assim de supetão e tirar, NÃO, não quero mais a FURG vou pegar uma contadora particular (MAR1)*

*Elas (ex-sócias) desconfiaram dos projetos, o negócio foi esse aí. Uma só, uma que fazia a cabeça das outras. Porque, os projetos, nós não toquemos mesmo, apenas nós ia assinar papel e deu né. Só que elas desconfiaram dos projetos. Logo que elas entraram teve uma reunião que nós batemo boca, eu e a M.E., tava até a L.N., ela disse que elas queriam os certos de contas de tudo. Bom, acerto de contas de tudo se nós concordar porque vocês não estavam aqui. Mas elas desconfiavam muito dos projetos, sabe.*

*Eu acho que elas achavam que nós tinha metido a mão nesse dinheiro. Foi isso aí que deu. Aí, quando eu pedi as contas, em seguida ela pediu a saída. Quando eu pedi para a L.N. trazer as contas, em seguida ela pediu a saída. (MAR2).*

Podemos notar que até a presença do NUDESE-FURG no acompanhamento a associação foi motivo de problemas entre as recicladoras, e pelos relatos por motivos pertinentes. Aquelas que permaneceram, analisam a presença do NUDESE-FURG como uma entidade que garante algumas condições importantes para a permanência das recicladoras. Admitem que a saída do NUDESE-FURG perpassa por um processo de reflexão, pois a ausência do núcleo da FURG inviabilizaria uma série de ações (trabalhos contábeis, elaboração de projetos, etc.) que hoje são fundamentais para a existência da Associação Vitória.

Destacamos, entretanto, o fato das recicladoras, segundo a fala acima, *nem tocar nos projetos, apenas assinar papel*. Apesar do NUDESE-FURG ser aceito pelas mulheres da Associação Vitória e ter reconhecida sua assessoria junto a este grupo, este tipo de prática contribui, não apenas para a dependência (ausência, portanto, de processos de autonomia) do coletivo ao acompanhamento do NUDESE-FURG, mas para o conjunto de conflitos existentes entre as mulheres, o que acarretou na fragmentação do grupo.

Segundo MAR2, o relacionamento da Associação Vitória com o NUDESE-FURG mudou. Essa mudança não foi bem assimilada pelas antigas associadas, causando distanciamento de uma parte do grupo:

*Porque mudou todos esses troços da FURG. Porque antes, até um piscar de olho que tu dava elas iam correndo chamar. É porque mudou. Não é as mesmas pessoas que abraçavam elas, e que elas choravam e que as pessoas acreditavam nas palavras delas. Essas outras, a L.N., o B.O., essa guria da negrinha que tá, eles viram que não era assim as lágrimas delas não eram assim como eles faziam antes. Tu fazia isso aqui elas chamavam J.S., chamavam o T.O., o T.O. nunca se meteu, as vezes ele vinha. Mas a J.S., a D.N., elas chamavam, qualquer bronquinha que acontecia aqui dentro não se resolvia o grupo, se resolvia com a FURG.*

Não temos conhecimento a que se referem às mudanças enunciadas por MAR2. No entanto, o relato destaca que em alguns momentos o NUDESE-FURG tinha um tipo de acompanhamento e, agora, segundo a recicladora, tem outro. A existência de uma instituição de apoio, como é o núcleo da FURG, que efetua assessoria que se modifica de tempos em tempos (influenciada, talvez, pela rotatividade de bolsistas), sobretudo em um coletivo em constante conflito, nos

parece uma condicionante adequada para contribuir com ausência de processos de autonomia. Não significa ser a única razão para isso, mas pode contribuir, uma vez que há posicionamentos diversos, principalmente quando o NUDESE-FURG altera seu grupo de assessores<sup>45</sup>.

Mas a contribuição do NUDESE-FURG é reconhecida pelas recicladoras:

*Eu pra mim tá bom. Não é só a questão do dinheiro. Primeiro vem a amizade, depois vem o dinheiro. E elas com a gente são muito legais, são mesmo, o que é tem que se dizer. A gente chama elas, a qualquer hora, elas tão sempre pronta, tanto a L.N., quanto a T.T., o B.O. não tá mais lá, o R.C., mas ele é legal com a gente né. O B.O. não tá mais lá, mas de vez em quando vem aqui, conversa com a gente, tomar café. Então quer dizer que é uma relação boa (MAR1).*

*Ajudou! Trouxe projeto para nós, né. Nós não ia conseguir fazer né. Os cursos também, nós não ia ter como pagar para fazer. Tinha que pagar. Pra fazer no Sebrae esses cursos que a gente fez tinha que pagar. Ajudou muito né! Atrapalhou em alguma coisa e ajudou muito em outras. Depois que entrou a L.N. que nós conseguimos os projetos. Que no tempo da D.T. a gente até fez muito projeto, mas nunca conseguimos. Nunca chegou. Só no tempo da L.N. que a gente conseguiu. Da Vompar e da Petrobrás. Ah, a gente conseguiu muita coisa né. O elevador veio da Vompar. Da Vompar entrava luvas EPI's. A picotadeira também é da Vompar. O Cartão telefônico (MAR1).*

*É. Cartão para o celular que nós tinha. Elas davam viagem. Nós recolhia lixo no BIG e no Nacional, do dinheiro do projeto pagava condução para trazer (MAR1).*

Este reconhecimento vem se dando pela presença da assessoria desde o principio, ao lembrar que as amigas, pelo carinho especial por muitos bolsistas que se ocuparam com reuniões, cursos, formações bem como também pelas aquisições materiais que foram feitas durante a história da relação que o grupo tem com o NUDESE-FURG. Os projetos que foram elaborados em parceria com o núcleo da FURG possibilitaram a aquisição de máquinas essenciais à atividade da reciclagem, bem como vimos passagem e deslocamentos. Neste sentido, a relação, na análise das mulheres, apesar dos problemas internos do grupo, vem proporcionando melhorias para a Associação Vitória:

*Não mudou né. Em todos os aspectos mudou. A gente conhece várias pessoas. Um pouco nos cursos, um pouco a gente procura se (capacitar). Visitando outras cooperativas fora. (...) Todas as viagens foi paga pela FURG. Muito difícil a gente pagar alguma viagem. Todinhas são pela FURG. É bom, porque a gente participa, a gente conhece novas pessoas.*

---

<sup>45</sup> Entenda-se por assessores: bolsistas, consultores, pessoal técnico-administrativos e professores da FURG.

*Esses encontros mesmo de Economia Solidária. É, agora começamos a participar. É bom porque a gente conhece pessoas que outros lugares (MAR1).*

Os mecanismos de participação coletiva, como o movimento da Economia Popular Solidária, o contato com outros coletivos, a troca de informações, o conhecimento sobre as diversas formas de trabalho, possibilita às mulheres recicladoras a avaliação da sua própria atividade, uma vez que a comparação é inevitável. São condições que o acompanhamento do NUDESE-FURG organiza a partir dos recursos físicos e humanos que tem, bem como os projetos que aprova, como aqueles aqui citados anteriormente pelas mulheres.

São as próprias recicladoras que, ao serem indagadas sobre como o NUDESE-FURG pode contribuir com a Associação Vitória, apontam para a continuidade dos projetos como alternativa para realização de pagamento fixo da mão de obra. No entendimento delas, este seria um atrativo para que outras pessoas aderissem ao trabalho associado, o que hoje não acontece em virtude da necessidade imediata de dinheiro.

*Acho que a melhoria para nos atender melhor aqui é achar como nós ter uma verba, para empregar pessoas. Que tu pague cem reais por semana, mas que aquele dinheiro a pessoa tenha. Não espere ter que sair a carga pra tu ter que pagar a pessoa (MAR2).*

*A dificuldade toda é nesse sentido: porque tu não tem dinheiro para poder pagar as pessoas para vim trabalhar. As pessoas exigem. Eu e a C.L.se tiver que ficar sem dinheiro a gente fica, mas as pessoas que trabalham não. É nesse sentido aí que a gente tá tentando buscar alternativa, entendeu? Se tu pagar cem reais por semana tem gente para trabalhar, mas tu tem que ter verba. Como é que tu vai chegar e dizer para uma pessoa que é cem reais e depois não ter? (MAR1).*

As recicladoras demonstram as fragilidades de uma organização que ousa ser solidária no modo de trabalho, mediante um contexto social fragilizado pela extrema pobreza, como é o lugar onde a associação está inserida. O funcionamento do coletivo necessitaria de um recurso financeiro garantido, independente da comercialização do resíduo, isto é, a certeza de um mínimo necessário mesmo que a mercadoria não fosse vendida.

É justo, pois, como o MN4 salientou, existe um trabalho 'não pago' que se configura na própria atividade de separação e acondicionamento do lixo. O valor pago pelo resíduo é em peso (kg) e o preço é definido pelo comprador.

*Tem gente que diz não e nem tem como porque é aquela pessoas que sustenta a casa. Por isso a gente já explica. A FURG deu uma verba para cá, muito pequena, mas deu. Mas naquele tempo as gurias não souberam usar também né D.L. Foi de quatrocentos reais, mas deu. Se elas tivessem comprado material e investido só naquilo talvez tivesse seguido. Elas investiam e não colocavam de volta, sei lá eu (...). Dois mil que tu tenha, num mês, para colocar quatro pessoas, tu consegue gente para trabalhar. Que tu bote aquelas quatro, que tire de volta da carga aqueles dois mil. O resto é do sócio, no caso né. Mas aí tu consegue. Quatro pessoas que tu mantenha aqui dentro que trabalhe, (porque a Dona M.T. trabalha, trabalha pra caramba) aí não precisa mais gente (MAR2).*

*Então a dificuldade maior da gente mesmo é investir dinheiro para poder investir em pessoas pra poder trabalhar aqui. Senão tu não tem como... Então é difícil isso. Se tivesse, chegasse no fim da semana vou lá tiro dinheiro do banco, lá sei eu, cem pila, quatrocentos pila para dar para quatro pessoas no fim da semana, aí tem gente. Mas não tem. Como tu vai manter as pessoas aqui se nem tu sabe o quanto que tu vai ganhar? Né? Então é difícil (MAR1)*

*É diferente do nosso caso. Lógico, nós precisamos né, temos conta para pagar e coisa. Mas, já para comida não né. E muita gente necessita para comer. E aí, as vezes: “Ah Carla, quanto vai dar?”. Eu não vou te dizer que é tanto e vai chegar que essa semana não vamos ter para dar e fica até chato isso para nós. Hoje nós pegamos uma carga grande esse mês. No outro mês não sabemos. (MAR2).*

Temos o entendimento que há coerência na solicitação das mulheres recicladoras, principalmente porque o trabalho que realizam é em benefício comum a todas as pessoas que moram naquela localidade. A Associação Vitória não tem o objetivo único da extração de mais-valia, do lucro, mas existe com um propósito social e ambiental, coletivo, e isso precisa ser considerado. Talvez, a necessidade da associação não deva ser direcionada ao NUDESE-FURG em específico, mas este, enquanto núcleo assessor, ela poderia fomentar meios para que o pedido fosse estudado junto ao poder público competente, o que contribuiria sobremaneira com o trabalho das mulheres.

Em síntese, segundo as entrevistas acima, algumas características da relação sob o prisma das recicladoras ficam salientes:

- Passados todos os anos de assessoria do NUDESE-FURG junto a essa associação, as mulheres tem clareza da situação da localidade onde moram (aumento de lixo), mesmo convivendo com o pouco reconhecimento dos moradores do bairro para com o trabalho que fazem;
- Nos parece que a assessoria tem demonstrado pouca capacidade articuladora interna à universidade, pois algumas unidades (entre elas o PPGA) que desenvolvem pesquisas sobre resíduos sólidos poderiam contribuir para

problematizar, aprofundar, ampliar o debate sobre o assunto e pensar novas alternativas;

- As recicladoras reconhecem a importância do acompanhamento, mas o fazem sob condições imediatas: realizar trabalhos contábeis; elaboração de projetos (mesmo que as mulheres não toquem neles) os quais preveem contratação de bolsistas, aquisição de materiais; a participação em cursos e viagens disponibilizados pelo núcleo. Além disso, devido à inviabilidade econômica dessa associação, as recicladoras apontam o NUDESE-FURG como quem poderia fomentar uma ajuda de custo fixa as recicladoras, como forma para atrair mais associadas.

- A associação das recicladoras vem sendo beneficiada por projetos elaborados pelo NUDESE-FURG. Não há relatos, até o momento, que as mulheres participem da construção dos projetos. Segundo os relatos, os projetos possibilitam o acompanhamento de bolsistas, os quais foram citados pelas recicladoras.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

### Retomando as Hipóteses

Nesta parte final da dissertação, retomarei alguns pressupostos e questões que tínhamos no início da pesquisa, principalmente as reflexões teóricas e as hipóteses que contribuíram para orientar a dinâmica da investigação. No segundo capítulo, destacamos o pano de fundo, ou seja, lugar de onde analisamos a relação, o qual tem sido reconhecido como crise do capitalismo, justamente pelas contradições que agrega. Após, nos três capítulos subsequentes, apresentamos dados empíricos coletados na pesquisa que sustentam a argumentação de nosso trabalho. Relembro, ainda, que a pesquisa foi realizada por meio de um mapeamento, de onde escolhemos, mediante critérios, duas associações. As entrevistas com os membros do NUDESE-FURG e associações foram transcritas na íntegra e analisadas.

Do detalhamento das entrevistas e dos dados coletados, deveremos, de forma mais sistemática, argumentar em que medida as hipóteses foram confirmadas, refutadas ou ambas, mediante os resultados (achados) possibilitando a resposta (ou não) ao problema e a questão da pesquisa. Lembramos que nosso problema corresponde a “dependência de associações populares (identificadas com o movimento da economia popular solidária) em relação ao trabalho de extensão Universitária, estudada a partir das assessorias realizadas pela FURG, no caso em específico, o NUDESE-FURG” (p.13) e questão central buscou saber “qual a natureza da relação de dependência existente entre universidade e associações populares, no trabalho desenvolvido pelo NUDESE – FURG?” (p.14).

Considerando o problema, questão, retomamos nossas hipóteses, e, em seguida, teceremos nossa análise.

*1. A fragmentação entre ensino, pesquisa e extensão como fruto do modelo compartimentado de produzir conhecimento, leva a “super” “dependência” e, por consequência, a ausência de processos de emancipação decorrente da relação entre as duas instituições estudadas (universidade e associações populares), uma vez que, há uma tendência clara no núcleo da FURG em realizar a extensão enquanto atendimento às associações e pouca valorização da pesquisa e ensino;*

A história da extensão universitária da FURG é fortemente marcada por práticas assistencialistas e pela prestação de serviços. De um modo geral, há uma tendência em realizar as atividades, sem que haja um processo de reflexão, ou mesmo, processos de produção de conhecimento pela própria atividade, o que demonstra uma extensão ativista. As entrevistas com os membros do NUDESE-FURG expostas, sobretudo, no terceiro capítulo, quando relembram a entrada de docentes no núcleo, que aportariam com um perfil “reflexivo” (p. 84), demonstram o estranhamento dos extensionistas, justamente pela possibilidade do trabalho passar a ser realizado de outra forma.

Por isso, pontualmente, do que coletamos e apresentamos, a partir das entrevistas e dos documentos estudados que a FURG e o próprio trabalho do NUDESE-FURG resultam da fragmentação exposta acima, acarretando, de fato, no modo como a extensão é feita, pois a desarticulação entre as três atividades da Universidade contribui para que cada uma seja desenvolvida a partir de sua especificidade. No caso, a extensão, considerando o modo como vem sendo feita no NUDESE-FURG, a especificidade é o trabalho ativista.

Outro elemento que contribui para que as práticas extensionistas tenham tais características: as vivências de alguns extensionistas com as atividades de evangelização (por meio das comunidades de base, etc.), cuja preocupação é o resgate da dignidade humana, junto aqueles que têm a vida ameaçada, teve influência clara na extensão do NUDESE-FURG. Isso evidencia que, por vezes, o NUDESE-FURG não se compreenda como universidade, mas como alguma instituição filantrópica, assistencial ou de caridade. Daí a resistência, talvez, à articulação com a pesquisa e ensino, pois estes poderiam suscitar problematizações ao trabalho já realizado.

*2. Um dos fatores relevantes para compreender as práticas universitárias, neste sentido, seria a desconsideração dos condicionamentos de ordem políticos – sociais - econômicos. Por isso, seria possível afirmar que a ausência de políticas públicas que assegurem o direito à educação com qualidade social afeta o modo como se tem feito extensão universitária em nosso país e, por conseguinte, na FURG, na medida em que, as políticas existentes (no trabalho de extensão, em estudo) por editais contribuem para a descontinuidade e a fragmentação acima referida, também em relação aos objetivos da universidade pública no contexto do capitalismo;*

Durante o trabalho, buscamos demonstrar o modo como é feito o acompanhamento às associações populares. Ao analisar a relação com as associações, ficou claro que a assessoria do NUDESE-FURG só pode ser realizada mediante o financiamento de projetos (por editais) vinculados ao Estado. Poderíamos dizer, portanto, que essa hipótese seria refutada, pois existem políticas públicas nesse sentido.

Entretanto, nos parece que a existência dessas políticas, no formato como estão, além de contribuir para a dependência das associações ao NUDESE-FURG (principalmente porque os trabalhadores das associações não formulam os projetos, mas dependem do NUDESE—FURG para isso), evidencia a permanência da intermediação, o que não rompe com o ‘atravessador’, mas este passa a ser o Estado, gestor das políticas. Estas, portanto, de caráter compensatório e ideológico, cumprem outros papéis que não são aqueles que levariam a processos de emancipação das associações populares e contribuem para que a emancipação dos trabalhadores não seja obra dos próprios trabalhadores.

Considerando o que foi discutido no segundo capítulo, quando levantamos as formas como a crise do capitalismo adentra as políticas públicas, atribuindo características assistenciais e mercadológicas (quando se trata da produção do conhecimento), percebemos que esses traços são perceptíveis não só como políticas (assumidas como projetos), mas quem elabora o faz sobre determinados interesses, e, mesmo que não saibamos quais são estes interesses, eles estão levando a dependência das associações ao trabalho da Universidade.

A dependência imediata, portanto, se dá ao fato do NUDESE-FURG elaborar e gestar os projetos e as associações não tomarem conhecimento dessa parte, o que é justificado pela confiança adquirida devido anos de ‘parceria’.

*3. As associações populares carecem de outras instituições públicas que estejam dispostas a estabelecer uma relação “parceira” (como, por exemplo, a prefeitura municipal) e, por isso, dependem da FURG para garantir sua atuação, mesmo que isso custe abrir mão da possível emancipação gerada pelo trabalho associado;*

A hipótese acima será refutada em dois sentidos:

a) No decorrer do texto pudemos observar que a Associação Vitória, além de contar com a assessoria do NUDESE-FURG e com os projetos que este núcleo elabora, recebe apoio da Prefeitura Municipal, através da isenção de impostos (água, luz), o

que beneficia a associação e contribui de alguma forma, para sua existência. Não há relatos que haja o mesmo benefício para a Apesmi.

b) A realização de parceria com outras instituições pode garantir que processos de emancipação aconteçam em meio às associações populares. No entanto, pelo exposto neste trabalho, tem-se configurado 'parcerias' com o Estado (neste caso, por meio das universidades), onde este assume um papel central na vida das associações, apadrinhando os grupos e abraçando as lutas dos trabalhadores como se fossem suas. Dessa forma, a carência de instituições não nos parece ser o problema, mas sim a forma como a 'parceria' se efetiva. No caso do NUDESE-FURG, pelo que foi exposto nesta dissertação, os papéis têm se confundido nitidamente.

*4. Os problemas de ordem interna às associações (ausência de um processo democrático de tomada de decisões, falta de transparência financeira, dificuldade em trabalhar coletivamente, etc.) levam a estas organizações (na verdade, as lideranças que coordenam as associações) aliarem-se à universidade e as oportunidades (projetos) da extensão universitária para continuar atuando, e neste sentido, muito mais focando aspectos organizativos e de funcionamento de que relacionado, também, a questões mais amplas do contexto sócio - econômico - político.*

Foi possível perceber que, explicitamente, a Associação Vitória convive desde sua fundação com problemas internos caracterizados na hipótese acima. A Apesmi apresentou, também, problemas internos. Mas, no caso desse grupo, os problemas internos não se mostram constantes, demonstrando que essa associação administra com alguma maturidade as diferentes ideias dos seus membros.

Porém, as duas associações apresentam relatos que evidenciam a necessidade de respaldo do NUDESE-FURG para suas atividades e decisões. Compreende-se que isso é parte de um processo histórico construído há, pelo menos dez anos e que para revertê-lo, seriam necessárias mudanças estruturais na relação. Apesar disso, são claras as expectativas das associações ao trabalho do NUDESE-FURG, o que pode ser visto pelas entrevistas dos grupos onde os sujeitos retratam da importância dos projetos elaborados, viagens pagas, cursos, etc. De certa forma, os problemas internos das associações populares são burlados por uma assessoria que propõe e garante atividades, mas não adentra aos problemas

internos das associações (como foi o caso da saída de três mulheres da Associação Vitória), evidenciando, mais uma vez, a falta de clareza dos objetivos do núcleo da FURG para com a assessoria que realiza.

Por outro lado, percebe-se que, em dados momentos, ao invés de a assessoria contribuir para o fortalecimento do grupo (ajudando para que seus membros deixem de lado problemas pessoais, para pensar coletivamente etc.), é ela quem acaba gerando problemas, seja gestando mal os projetos, seja tomando parte nas desavenças internas do grupo. Ao acreditarmos que o NUDESE-FURG não deve ser neutro, e que seus posicionamentos sempre estiveram mediados por seus objetivos nessa relação, e não a partir dos objetivos dos trabalhadores associados. Do ponto de vista pedagógico, talvez, fosse mais positivo eles serem explicitados juntos as entidades, o que evitaria a confusão de papéis e objetivos, já que são instituições de natureza diferente.

Parece-nos, portanto, que a dependência das associações ao acompanhamento do NUDESE-FURG perpassa, principalmente, por uma determinante: a extensão do NUDESE-FURG tem características assistenciais, e filantrópicas, cujos desdobramentos práticos são a elaboração de projetos para atender as associações sem que haja, necessariamente, a participação dos trabalhadores no processo. Como as associações estão alicerçadas nos projetos para viabilizar suas organizações, sejam eles para encontrar novos mercados, compra de maquinários ou outras demandas, necessitam que o núcleo permaneça no acompanhamento. E disso decorrem vários problemas:

- O núcleo tem dificuldades claras com o saudável exercício da crítica e por isso vê-se distante de outras atividades da universidade, sobretudo setores da pesquisa. Não significa que não haja reflexões sobre o papel da extensão que o NUDESE-FURG realiza, mas como estas reflexões estão dispostas, mediante o conjunto de atividades que o núcleo realiza;
- Ainda que garanta oportunidades aos trabalhadores (por meio dos projetos), a extensão é desenvolvida basicamente por bolsistas e consultores pagos pelos projetos e, por isso, com tempo marcado para iniciar e acabar a assessoria as associações, o que já vem gerando críticas por parte das associações;
- O financiamento do NUDESE-FURG por projetos vencidos em editais escamoteia o financiamento institucional (próprio da universidade) e a possibilidade de esse

trabalho ser desenvolvido por técnicos e professores do quadro da universidade, exclusivamente contratados para tal, se este é, de fato, um trabalho importante para a FURG. Isso que atenderia a reivindicação dos trabalhadores, conforme foi dito pelo pescador artesanal;

- Mesmo que o núcleo almeje a emancipação das associações, esta não será uma realidade enquanto a extensão do NUDESE-FURG permanecer viabilizada com recursos paliativos. No máximo haverá alguns avanços dentro das possibilidades oferecidas pelo mercado formal (mercados institucionais, atravessadores). Passos importantes seriam dados a partir do rompimento com o intermediário que, neste caso, vem oscilando entre atravessadores (compradores) e o próprio Estado;

- Disso, decorre que a assessoria é necessária para o atendimento imediato: realizar trabalhos contábeis; elaboração de projetos (mesmo que os trabalhadores não toquem neles) os quais preveem contratação de bolsistas, aquisição de materiais; a participação em cursos e viagens disponibilizados pelo núcleo. A realização de um trabalho de leitura crítica da realidade, ampliação dos instrumentos teóricos para inserção crítica na sociedade sequer são lembrados como algo necessário ao NUDESE-FURG.

A análise possibilitaria outras tantas reflexões, mas consideramos que os pontos acima respondem ao problema, questão e objetivos da pesquisa. Como não é objetivo encerrar o assunto, passaremos a última seção desse trabalho que versará algumas linhas sobre as formas que a educação ambiental crítica pode contribuir para com as práticas da extensão do NUDESE-FURG.

### **A crítica da Educação Ambiental Crítica e sua relação com a pesquisa**

Como já anunciamos a Educação Ambiental Crítica é o processo que emerge da crise ambiental, consequência mediata da crise estrutural do modo de produção capitalista e nasce com o dever de problematizar o próprio contexto de onde surge, buscando superá-lo. Os problemas ambientais vividos na contemporaneidade, oriundos das opções daqueles que nesta sociedade agregam o maior poder material, afetam a vida humana como um todo e delegam as populações mais pobres os custos ambientais que são originados dessas opções. Por isso, antes de qualquer atitude, a Educação Ambiental Crítica se compromete com aquelas pessoas, organizações, segmentos sociais que assumem a

transformação da sociedade como horizonte e projeto de vida. Não poderíamos partir de outra premissa que não fosse essa. De fato, o momento que a sociedade planetária vive é grave e sugere um questionamento profundo do modo como a vida está sendo produzida no mundo.

Ao analisar a relação entre NUDESE-FURG e Associações Populares, entendemos que a extensão da FURG, proporcionaria um avanço significativo no processo de emancipação destes grupos se considerasse em suas práticas a materialidade social (de crise, portanto) que perpassa a existência dessas associações. Afinal, o associativismo popular, articulado com a economia solidária, existe para amenizar os efeitos da crise estrutural que vivemos (que exigiria um olhar crítico para a realidade) ou está a serviço do engodo político que as opções governamentais vêm assumindo nas últimas décadas?

Analisando as entrevistas, os textos que foram produzidos das conversas que realizamos, percebe-se claramente que a problematização do mundo capitalista não é pautada nas ações de extensão do NUDESE-FURG. Não são claras as razões pelas quais isso não acontece, o que nos deixa mais perto de afirmar que os processos desenvolvidos pelo núcleo da FURG não almejam a emancipação dessas organizações, mas, no máximo, a autonomia nos mesmos termos utilizados pelos sujeitos do núcleo: a funcionalidade das associações, entrada no mercado, inserção na economia liberal via comercialização e geração de trabalho e renda.

Talvez, a problematização da crise, por meio da explicitação das contradições socioambientais que estão na estrutura desigual da sociedade, os próprios conflitos inerentes a uma sociedade assentada na acumulação, contribuísse para que as associações desenvolvessem processos emancipatórios e tivessem uma postura crítica na realidade. O diálogo objetivo, aquele que considera os sujeitos do processo a partir de suas realidades concretas, neste caso, se apresenta como um instrumento importante para que as associações avancem na organização coletiva e rompam com a dependência.

Quando mencionamos a dependência existente na relação entre NUDESE-FURG e associações, defendendo a necessidade de um diálogo objetivo, não podemos esconder nossa crítica em relação às formas como, também o Estado, se apresenta como intermediário. O trabalho do NUDESE-FURG, para além de realizar projetos que atendam as associações, prestaria uma enorme contribuição aos

trabalhadores se explorasse com eles os meandros do funcionamento da máquina estatal, de modo que os sujeitos conhecessem a quem o Estado, efetivamente, por meio de suas leis, isenções, políticas e distribuição das riquezas, vem beneficiando. Uma vez que os trabalhadores tomam conhecimento das migalhas que lhes sobram em detrimento dos incentivos feitos aos grandes capitalistas, principalmente nesse momento histórico demarcado pelo 'desenvolvimentismo', teriam instrumentos fortes para acirrar suas lutas coletivas pela igualdade na distribuição daquilo que é produzido coletivamente no país.

Nesse sentido, caberia a extensão que busca a emancipação das associações não somente formular projetos para aquisição de máquinas, mercados institucionais, cursos, etc., mas formular com os trabalhadores uma pauta de reivindicações, tomando por base as contradições que convivem no Estado, visando a tomada deste espaço pelos interesses dos trabalhadores. Do contrário, os projetos continuam paliativos, os recursos limitados, as políticas mudando de governo a governo, e os pobres permanecendo à mercê da vontade e dos interesses daqueles que tomam a direção do aparato público. Por isso, uma extensão que agregue em suas práticas a noção de totalidade, fundamental à educação ambiental crítica, possibilitaria o entendimento do Estado e qual os seus rumos na atualidade.

A universidade pública brasileira, componente importante para consolidação do ideário político do Estado na contemporaneidade, tem sido um importante ator a serviço dos objetivos do país. Por meio dela, também, a instauração de um consenso social está em formação, cujo interesse é afirmar que o Brasil está no caminho certo, ou seja, o desenvolvimento econômico com distribuição de renda. Cabe à universidade, nestes termos, formar mão de obra qualificada ao mercado, pois, se isso acontecer, todos estarão empregados, assalariados e com qualidade de vida. Essa tem sido a opção política assumida pelas universidades e pelo próprio governo. Neste sentido, não é necessário discutir e compreender o papel da universidade pública, pois ele já está definido<sup>46</sup>. Debater a extensão universitária, por exemplo, se torna algo vago, sem objetividade imediata, uma vez que para essa atividade está à responsabilidade de socializar com a sociedade os conhecimentos

---

<sup>46</sup> Os docentes federais saíram no final de 2012 de uma greve em que o governo, em síntese, não quis discutir os rumos do ensino público federal no país. Se não quis discutir é porque, para ele, já estão definidos.

produzidos pela universidade e contribuir para o desenvolvimento do país pela difusão das tecnologias criadas na acadêmica.

Mediante este discurso imobilista, fortemente encontrado nos pronunciamentos dos gestores, é que a extensão universitária permanece, de um modo geral, com sérios traços filantrópicos e assistenciais. No caso do NUDESE-FURG, ainda que o discurso oficial preze por palavras como autonomia e emancipação, os desdobramentos práticos da extensão que realizam estão arraigados por práticas ativistas, onde, muitas vezes, fazer pelos sujeitos o que eles precisam fazer se torna uma forma de estar “comprometido” com suas lutas e objetivos. Ainda que haja, neste caso, uma compreensão ampla de classe trabalhadora, e o desejo seja o de contribuir com processos emancipatórios das associações, é fundamental entender que a extensão é parte da universidade e ajudaria muito mais se, por meio dela, os trabalhadores ampliassem sua visão crítica mediante a produção de conhecimento necessária a transformação da realidade, para que, com eles, melhor organizassem suas pautas coletivas. Caso contrário, a dependência é algo previsto.

Para que isso se concretize, em nosso entendimento, é importante que haja um processo de rediscussão sobre os objetivos e formas de financiamento da extensão universitária da FURG, a luz dos objetivos calcados da universidade pública brasileira. Um amplo e consistente debate que modifique os vetores que hoje orientam a extensão universitária, de modo que as ações de extensão se permitam a crítica, ao questionamento, a reflexão. No Brasil, a extensão ainda é compreendida, apenas, como aquela atividade cuja função é socializar o conhecimento produzido<sup>47</sup>, ou, no máximo, prestar serviços à sociedade. Em nossa perspectiva, é fundamental que a extensão encontre-se com a produção de conhecimentos enquanto objetivo central, o que a rearticulária com a pesquisa e o ensino, de modo que o contato com as populações e seus saberes se transforme em demanda aos conhecimentos que deverão ser produzidos no interior da instituição. Caso contrário, a produção científica permanecerá ditada por quem tem mais força na sociedade, isto é, o capital.

---

<sup>47</sup> Tomamos por base as práticas extensionistas existentes e não os conceitos elaborados por espaços de discussão, como Fórum de Pró Reitores de Extensão das Universidades Brasileiras - FORPROEX. Ainda que sejam importantes, os conceitos estão muito aquém de serem transformados em ações concretas.

A universidade pública é uma instituição educativa. Deve primar por processos pedagógicos cuja finalidade seja a emancipação humana por meio do conhecimento produzido. Este conhecimento, socialmente datado, deve instrumentalizar as pessoas que dela fazem parte a uma efetiva participação na vida da sociedade, sobretudo daqueles grupos que necessitam da organização coletiva para a garantia de seus direitos, como é o caso dos membros que formam as associações populares atendidas pelo NUDESE-FURG. Tal orientação ofereceria condições para que as práticas das associações sejam coerentes com a proposição de Trabalho Associado, meio pelo qual a emancipação humana seria possível, ainda que em um processo lento, mediante as limitações históricas e sociais do mundo contemporâneo. E, caso seja este o real interesse daqueles que assessoram as associações populares, entendemos que a educação ambiental crítica tem importantes contribuições a dar.

## REFERENCIAS

ACSERALD, H. BEZERRA. Desregulação, deslocalização e conflito ambiental: considerações sobre o controle das demandas sociais. In: ALMEIDA, A. W. B. (et. al.) **Capitalismo globalizado e recursos territoriais**. Rio de Janeiro, RS: Lamparina, 2010. p. 179-209.

ACSERALD, H. MELLO, C. BEZERRA, G. **O que é justiça ambiental**. Rio de Janeiro, RS: Garamound, 2009.

ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho**. Campinas: Cortez, 2011.

BERMANN, C. Crise Ambiental e Energias Renováveis. **Revista Ciencia e Cultura**. v. 60 número 3. p. 20 – 29. Setembro/2008.

BORON, A. A. Pelo necessário (e demorado) retorno ao marxismo (aula inaugural). In. BORON, A. A. Amadeo, J. Gonzalez, S. **A teoria Marxista Hoje**. 1ª Ed. Buenos Aires: Clacso, 2006, p. 33 – 49.

BRAGA, R. **A Política do Precariado: do populismo á hegemonia lulista**. São Paulo, SP: Boitempo, 2012

BRAVO, M. D. **Na maré das lembranças: memória, pesca artesanal, globalização e Educação Ambiental no contexto da Laguna dos Patos** (Dissertação de Mestrado) Programa de Pós Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Rio Grande, 2011.

DUARTE, Newton. **Sociedade do Conhecimento ou Sociedade das Ilusões? quatro ensaios crítico-dialéticos em filosofia da educação**. Campinas: Autores Associados, 2003.

ESCOUTO, M. L. L. **Educação Ambiental na construção da cidadania de mulheres no interior de Rio Grande**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande. Rio Grande, RS, 2004.

FREIRE, P. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, P. **Conscientização: Teoria e Prática da Libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo, SP: Moraes, 1980.

FREIRE, P. Criando Métodos de Pesquisa Alternativa: aprendendo a fazê-la melhor através da ação. In: BRANDÃO, C. R. **Pesquisa Participante**. 8 Ed. São Paulo, SP: Brasiliense, 1990.

FREITAS, L. C. **Crítica da Organização do Trabalho Pedagógico e da Didática**. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

FREITAS, M. T. de A. A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. São Paulo, SP: **Cadernos de Pesquisa**, nº 116, Julho/2002. pág 21 – 39.

FRIGOTTO, G. Educação e Trabalho: bases para debater a Educação Profissional Emancipadora. **Perspectiva**, Florianópolis, v.19, n.1, p.71-87, jan./jun. 2001.

FRIGOTTO, G. **Educação e a Crise do Capitalismo Real**. 6ª Ed. São Paulo, SP: Cortez, 2010.

FURG. Resolução 016/2011 – Conselho Universitário. **Institui o Plano de Desenvolvimento Institucional e Projeto Pedagógico Institucional**. Rio Grande, RS: 2013. Disponível em [www.furg.br](http://www.furg.br), acesso em 25 de janeiro de 2013, as 20:48. p. 01 – 32.

FURG. **Nudese**: Rio Grande, 2011: Disponível em [http://www.nudese.furg.br/index.php?option=com\\_content&view=section&id=2&Itemid=4](http://www.nudese.furg.br/index.php?option=com_content&view=section&id=2&Itemid=4) acesso em 31 de Janeiro de 2013.

FURG. **Seminário de Extensão Universitária** (I: 1983) Anais, 1983.

GERMER, C. Economia Solidária: uma crítica marxista. **Revista Outubro**, São Paulo: Alameda, n. 14, p. 193-214, 2006.

GRÜN, M. **Ética e Educação Ambiental: a conexão necessária**. 14 Ed. Campinas: Papirus, 2011.

HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 12ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

HARVEY, D. **Condição Pós-Moderna**. São Paulo, SP: Loyola, 1998.

HARVEY, D. **O Enigma do Capital e as crises do capitalismo**. São Paulo, SP: Boitempo, 2011.

HARVEY, D. **O Novo Imperialismo**. São Paulo, SP: Loyola, 2004.

COUSIN, J. C. B. **Discurso na transmissão de cargo da nova reitoria da FURG**. Rio Grande, RS: Agora, 2013.

LEHER, R. **“Fast Delivery” Diploma: a feição da contra-reforma da educação superior**. Carta Maior, 14 fev. 2007. Disponível em: <<http://www.cartamaior.com.br>>. Acesso em: 01 de Fev/2013.

LEHER R. Programa de Aceleração do Crescimento, Educação e Heteronomia Cultural. **Revista Políticas Públicas** (Unicamp). p. 1-8. 2007. Disponível em [http://www.unicamp.br/cemarx/anais\\_v\\_coloquio\\_arquivos/arquivos/comunicacoes/qt5/sessao3/Roberto\\_Leher.pdf](http://www.unicamp.br/cemarx/anais_v_coloquio_arquivos/arquivos/comunicacoes/qt5/sessao3/Roberto_Leher.pdf). Acesso em 31 Jan/2013

LOUREIRO, C. F. B. **Sustentabilidade e Educação: um olhar da ecologia política**. São Paulo: Cortez, 2012.

LOUREIRO, C. F. B. Pensamento crítico, tradição marxista e a questão ambiental: ampliando os debates. In: LOUREIRO, C. F. B. (org.) **A questão ambiental no pensamento crítico: natureza, trabalho e educação**. Rio de Janeiro, RJ: Quartet, 2007 p. 13-67.

LOUREIRO, C. F. B. **Trajetórias e Fundamentos da Educação Ambiental**. 3ª Ed. São Paulo, SP: Cortez, 2009.

LUDKE, M. ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo, SP: EPU, 1986.

MACHADO, C. R. S. GONÇALVES, L. D. Educação, Trabalho e Natureza: reflexões marxistas. In: MACHADO, C. R. S. GONÇALVES, L. D. (orgs.) **Marx e a Educação: trabalho, natureza e conflitos**. Porto Alegre, RS: Evangraf, 2012. p. 10 – 22.

MANCIBO, D. LEDA, D. B. Reuni: Heteronomia e precarização da universidade e do trabalho docente. **Revista Educação e Realidade** (UFRGS). v. 34, número 1. p. 49 – 64. Jan/abril, 2009.

MARTINS, M. F. Conhecimento e Disputa pela Hegemonia: reflexões em torno do valor ético-político e pedagógico do senso comum e da filosofia em Gramsci. In: LOMBARDI, J. C. SAVIANI, D (orgs.). **Marxismo e Educação: Debates Contemporâneos**. Campinas, SP: Autores Associados, 2008, p. 123-159.

MARX, K. **A questão Judaica**. Covilhã: Logosofia, 2012.

MARX, K. Crítica ao Programa de Gotha. In: **Obras Escolhidas de Marx & Engels**. São Paulo: Alfa-Ômega, s/ d, vol. 2, pp. 203-234.

MARX, K. ENGELS, F. **A Ideologia Alemã**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2008.

MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo – SP: Boitempo, 2009.

MARX, K. ENGELS, F. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo, SP: Boitempo, 2005.

MARX, K. Prefácio para a crítica da economia política. In: MARX, K. **Manuscritos econômicos filosóficos e outros textos escolhidos**. São Paulo, SP: Abril Cultural, 1986.

MÉSZAROS, I. Crise Estrutural do Capital. **Revista Outubro**. Edição número 04. P. 7-15. Disponível em [http://www.revistaoutubro.com.br/edicoes/04/out4\\_02.pdf](http://www.revistaoutubro.com.br/edicoes/04/out4_02.pdf). Acesso em 29/jan/2013.

MÉSZAROS, I. **A Educação para além do capital**. 2ª Ed. São Paulo, SP: Boitempo, 2008.

MINAYO M. C. S (et al). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

MORRONE, E. C. **A natureza das/nas políticas públicas da pesca artesanal: um olhar desde Santa vitória do Palmar-RS**. (Dissertação de Mestrado) Programa de Pós Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Rio Grande, RS, 2010.

NETO, F. Q. V. **Cooperativismo: nova abordagem sócio-jurídica**. Curitiba – PR: Juruá Editora, 2009.

OPUSZKA, P. **Cooperativismo Popular: os limites da organização coletiva do trabalho a partir da experiência da pesca artesanal do extremo sul do Brasil**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

ORLANDI, E. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2010.

PEREIRA, D. T. **O compromisso social da Universidade: um estudo sobre a extensão na Fundação Universidade do Rio Grande**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Social da Universidade Católica de Pelotas – UCPel. Pelotas, RS, 2000.

SOUSA, A. L. L. **A História da Extensão Universitária**. Campinas-SP: Alínea, 2000.

TIRIBA, L. Cultura do trabalho, autogestão e formação de trabalhadores associados na produção: questões de pesquisa. **Perspectiva**. Florianópolis. v. 26, n. 1. p. 69-94, jan./jun. 2008

TOZONI-REIS, M. F. C. Contribuição para uma pedagogia crítica na educação ambiental: reflexões teóricas. In. LOUREIRO, C. F. B. (org.) **A questão ambiental no pensamento crítico: natureza, trabalho e educação**. Rio de Janeiro, RJ: Quartet, 2007, p. 177-221.

TREIN, E. RODRIGUES, J. O Mal estar da academia: produtivismo científico, fetichismo do conhecimento mercadoria. **Revista Brasileira de Educação**. v. 16, número 48. p. 769 – 819. set/dez, 2011.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. 1ª Ed. São Paulo: Atlas, 2009.

VALLE, H. S. PRADO, D. P. RIBEIRO, M. Adeus aos Lixões: uma história ambiental na cidade do Rio Grande. **Revista de Comunicação e Educação Ambiental**. v. 2 número 1. Janeiro/Dezembro 2011. Rio de Janeiro, RJ. p. 36 – 51.

VARGAS, F. E. B. Emprego e Desenvolvimento Regional: contornos de uma questão social. In: In: **XII Encontro Nacional da Associação Brasileira de**

**Estudos do Trabalho.** João Pessoa, 2011. XII Encontro Nacional da ABET, 2011. p. 01-26.

## **ANEXOS**